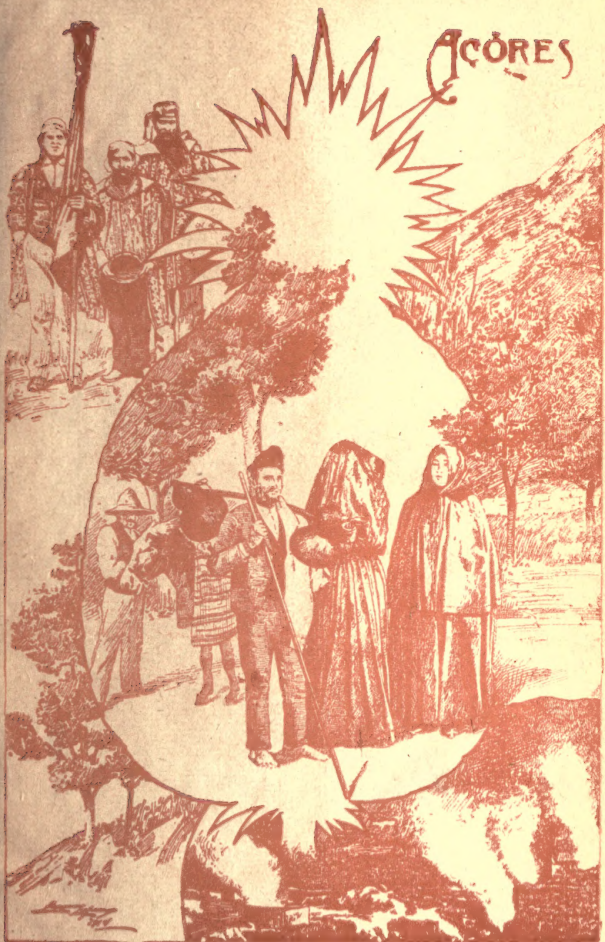
João Grave
Almas Inquietas

Portada dos Loios · Evora

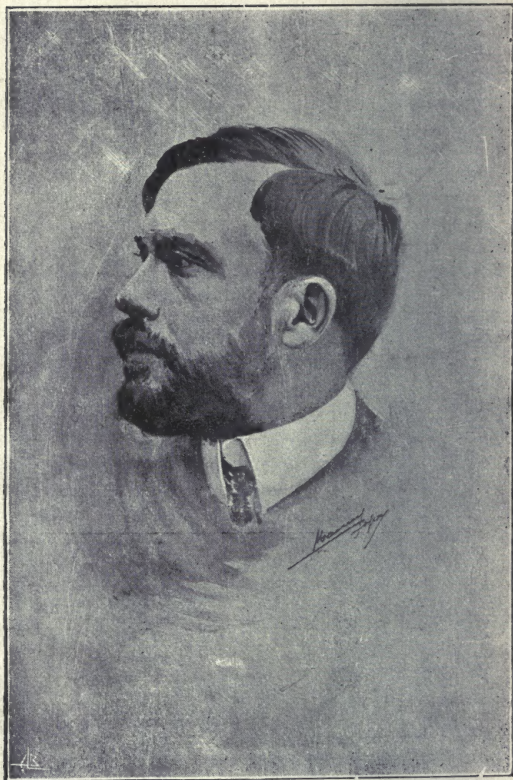
AÇÔRES

COLECÇÃO LUSITÁNIA

JOÃO GRAVE

ALMAS INQUIETAS

Colecção Lusitánia

Esta colecção, de que já estão publicados 50 volumes, é a mais selecta, económica e elegante de quantas se têem editado em português, e destina-se a vulgarizar, não só as obras primas da literatura pátria, como também, em cuidadas traduções, as melhores da literatura estrangeira.

Possuir a Colecção Lusitánia completa o mesmo é que possuir uma pequena biblioteca.

João Grave

JOÃO GRAVE
DA ACADEMIA DAS SCIÊNCIAS DE LISBOA

ALMAS INQUIETAS

LIVRARIA CHARDRON, de Lélo & Irmão, L.da, edit. — Rua das Carmelitas, 144 — Pôrto

AO

Dr. Joaquim Costa

AMOR E ANGÚSTIA

Vagarosos, lentos anos passaram já sôbre a estranha, a fúnebre narrativa que Frederico nos fez nessa vaga e longínqua noite de estio, alarmando a nossa consciência — e ainda sinto vivamente a angústia que nesse momento me apertou o coração...

Eu e Maria Luísa estávamos então na aldeia, para onde fôramos repousar das fadigas e dos tédios citadinos, procurando para a pacificação, para o contentamento do nosso amor tam puro e cada vez mais forte, os claros horizontes, as atmosferas calmas e translúcidas, as serenidades, e uma confiança que não queríamos que

morresse — e que até hoje, bemdito seja Deus, nunca deixou de dar flor nas nossas almas, a-pesar de há muito termos entrado nas tristezas elegíacas do entardecer da existência. Nascêra-nos o primeiro filho que surgiu entre nós, com o seu corpinho sem mácula, os seus imensos olhos virginais em que se iluminava a beleza dum céu azul, e a sua fronte cândida, como uma bênção celeste. Êle era o suave enleio da mãe ditosa, que estava sempre à beira do seu pequenino berço, afofado entre rendas frágeis e vaporosas cambraias, espreitando-lhe o sono tranqüilo e velando a inocência dos seus sonhos ágeis e côr de rosa como uma divindade presente : e eu sorria do enlêvo daquela adoração casta, se surpreendia Maria Luísa curvada sôbre a cabecinha loura — como a dos anjos de Fra Angélico — e a face gorda e cheia de covas do pequenino, idealizando para êle, com essa ternura que apenas as mulheres conhecem, os mais venturosos destinos, tôdas as grandezas e tôdas as glórias humanas. De quando em quando, para a fazer zangar a para captar o indizível afago das suas carícias, eu exclamava :

— Sabes, Maria Luísa ? Começo a julgar que me não amas, que sou para ti, para o teu afecto, ùnicamente uma figura secundária e que ou-

tros cuidados mais nobres absorvem a tua adoração!...

Ela fitava-me muito séria, muito còrada, conservando nas suas mãos, em que scintilavam, brilhavam à luz pedrarias de aneis, as mãos da criancinha, e preguntava:

— Porque dizes isso, Carlos?

Sem lhe responder, aproximava-me de berço, beijava comovidamente — de leve, para o não acordar — o rosto do meu filho e ficava extasiado no encanto e na claridade que de tôda a sua carninha tenra se exalavam como o aroma se exala duma rosa orvalhada.

— Porque dizes isso? — insistia Maria Luísa. Que diferença notas em mim, na minha dedicação, na minha abnegação por ti? Responde!

Voltando-me para ela e com um riso feliz que me iluminava e denunciava a minha placidez interior, eu acudia:

— Digo isto por tudo... Não fazes nenhum caso de mim, de manhã à noite consagras inteiramente as horas e as meiguices a êste figurão que também me pertence, que trago na minha esperança e nos meus sentidos com a veneração dum crente...

— Ah! bem! Estás a brincar — acrescentava Maria Luisa, passando ligeiramente a mão

magra, que tinha delicadezas de asa e maciezas de sêda, sôbre a cara da criança.

— A brincar ? Não se brinca com coisas desta ordem... Olha que chego a ter ciúmes do menino, Deus me perdoe ! Desejava estar no seu logar, possuir a sua infância virgínea de botão de rosa, a sua graça amimada, dormir igualmente num berço, como êle dorme, só para que estivesses muito tempo junto de mim, me beijasses com a infinita ternura com que o beijas, me trouxesses constantemente no pensamento... Que enormes saüdades daquela Maria Luísa com quem me casei há dois anos e que não podia viver um instante longe do meu amor !...

Maria Luísa, muito risonha, muito afável, vinha então para mim de braços abertos, ofertando-se tôda à minha veneração, ao culto fervoroso do meu reconhecimento, contente por se saber amada com tanta constância e tam inalterável lealdade, prendia-se ao meu pescoço, pousava a cabeça desfalecida no meu ombro, cerrava os olhos num delíquio e murmurava em palavras que apenas eu ouvia :

— Sim ! Amo-te agora mais do que nunca, acreditas ? Depois que o nosso filho nasceu, é uma loucura ! Não sei como isto foi, mas digo-te

a verdade, tôda a verdade. O meu amor por êle é teu, porque és tu que mo inspiras :

— Eu sei, querida, eu sei . . . — sussurrava em voz trémula, estreitando-a contra o peito e com as pálpebras molhadas de lágrimas — oh ! mas umas lágrimas que me purificavam como se fôssem água lustral, umas lágrimas que me desoprimiam, me tornavam melhor. Duvido eu lá de ti — eu, que sou tam imperfeito, de ti, que és tam perfeita, tam bôa, tam santa ! . . .

— Não ! Santa, não . . .

— Sim ! Uma santa ! Antes de conhecer-te, de ligar a minha personalidade à tua e para sempre, desconhecia-me a mim próprio. Fizeste um milagre ! Ensinaste-me a observar-me, a analisar a minha individualidade psicológica, déste-me, com a ventura, a subtileza.

— Meu Deus, o que aí vai ! Chegas ao exagêro para lisonjear-me ! . . . Tenho apenas um mérito, uma virtude — a de saber estimar-te como mereces. Mas sou egoísta e exijo uma compensação . . .

— Qual, Maria Luísa ?

— A de que me tu ames também. Prometes ?

— Até à morte ! . . . Ouve bem ! Até à morte ! . . .

Exaltadamente, ela tomava-me a cabeça en-

tre as mãos angélicas e trementes, mirava-me com fixidez como se quisesse perscrutar-me as emoções da intimidade moral e beijava-me com paixão nos cabelos, na face, na bôca . . .

Uma vez por outra, acontecia, nestes nossos adoráveis idílios, que a criança despertava, abrindo os olhos azúis como os miosótis do norte e soltando um débil vagido ; Maria Luísa corria imediatamente para ela, abandonando-me e sacudindo com os dedos nervosos as madeixas rebeldes que as minhas carícias tinham desatado e que se lhe anelavam sôbre a testa ebúrnea e alta, por detrás da qual eu seguia continuamente a formação duma idea que era para mim.

— Vês ? — afirmava eu. Por mais que pretendas esconder, não o consegues. Queres mais ao teu filho do que me queres a mim ! . . .

Envolvia-me num olhar de inexprimível brandura e gratidão — um olhar conjuntamente apaixonado e transbordante de bondade — pegava no pequenino ao colo, dizendo-lhe tôda a sorte de doçuras, e voltava para perto de mim, exclamando com êsse orgulho que é, nas mães amorosas, um dos mais belos dons :

— Olha que é muito lindo !

— Se se parece contigo . . .

— Não! É o teu retrato. Ora repara: — o nariz, o rosto, certos traços que já se desenham nitidamente...

— Coitado do anjinho!... Só a tua vista descortina essas coisas, Maria Luísa!...

— Tu é que não vês, não queres ver...

Evoco êstes devaneios íntimos — e há realmente, nas minhas evocações, um admirável reflorir de alegrias de ouro — para fixar uma ténue impressão da minha felicidade nessa éra que já vai tam longe e que eu comparo ao lenço alvo que, na curva duma estrada, diz saüdosamente adeus aos que seguem o seu caminho para paragens ignoradas, misteriosas, deslumbrando os olhos no encantamento das paizagens, que ficam para trás, nesta jornada tam curta da vida...

Frederico, o excelente Frederico, meu companheiro de mocidade e que viera para a aldeia depois de concluir o curso médico, visitava-nos amiudadas vezes. A sua casa distava alguns metros da nossa quinta rústica, que pertencera aos pais de Maria Luísa e que constituía o seu dote. Era um amigo. Era um irmão. Eu e minha mulher admiravamo-lo pelas excelsas virtudes de carácter, pelo espírito sensível, pela culta e elevada inteligência — e a presença de Frederico

em nosso lar representava a certeza de mais uma afeição incomparável e segura à nossa roda.

A quinta era vasta, ocupava todo um vale com suas extensas terras de cultivo — que nas estiagens, durante os tórridos calores, águas espertas e vitalizantes regavam, fluindo e cantando por entre relvas húmidas e veludosos musgos, nos saibros grossos e pedregosos, levando a seiva às raízes e reluzindo ao sol com uma fulguração de jóia ; com o seu pomar onde a fruta amadurecida pelo outono, perfumava o ar ; com os seus pinheirais umbrosos e de rama verdenegra ; com o seu parque onde árvores seculares e de nodosos troncos esgalhavam grandes ramarias para todos os lados, oferecendo guarida aos ninhos e aos pássaros que, nas alvoradas gloriosas, os vestiam de asas palpitantes. A vivenda rural fôra construída, em épocas remotas, no meio dum jardim em que, pelas primaveras românticas, havia sempre flores viçosas entoando a sinfonia maravilhosa das côres e das formas. Em maio, da janela do meu quarto, eu e Maria Luísa passávamos momentos deliciosos contemplando as roseiras de trepar que subiam pelas paredes, caiadas dum amarelo forte, desatando-se em grinaldas e festões balouçando, ondulando à aragem ; os canteiros de cravos de todo

o ano estrelando as verduras de coloridos estridentes e incensando com o seu perfume o ambiente salubre ; as azáleas que pareciam bandos de borboletas pousadas levemente sôbre as folhagens ; as mimosas de que caía, com lentidão, uma chuva aromática e dourada. E os dias, as semanas deslizavam apressadamente sem deixarem na nossa sensibilidade cristalizações de aborrecimento e de cansaço, sem nos inclinarem para o gôsto das coisas amargas e sem serem notados na sua fuga incessante.

Como a felicidade morava na nossa vivenda, Maria Luísa desejava ardentemente que, em volta de si, tudo fôsse venturoso também, que não houvesse pobreza, miséria, aflição nos casais desabrigados dos jornaleiros, infâncias nuas ou esfarrapadas, orfandades transídas e suplicantes aos acasos do infortúnio. Se saíamos com Frederico, em vagarosos passeios pela povoação, ela levava sempre o seu saco cheio de roupas para os rotos, de pão para os esfomeados, de dinheiro para aliviar os sofrimentos da penúria. Os pequenitos já a conheciam e, se a viam aparecer, sorridente e compadecida, dirigiam-se-lhe numa algazarra jovial, agarrando-se-lhe às saias. Frederico ria ; eu, enlevado, ria igualmente . . .

Uma tarde, lembro-me de que o padre Júlio,

— um melancólico sacerdote muito sêco, muito mirrado, com um rosto cortado de rugas e de vincos, que envelhecera entre a gente humilde a quem revelava e explicava o verbo divino de Jesus — encontrando-a a lavar, na fonte da povoação, a perna ferida e ensangüentada dum menino que caíra, tirou o chapéu respeitosamente, dizendo-lhe que apenas na Bíblia vira mãos tam fidalgas exercendo santamente a caridade. Frederico, com uma comoção que não pudéra disfarçar, bateu brandamente no ombro do padre Júlio, apoiando-o ; eu chorei, e Maria Luísa, erguendo para o bom clérigo o rosto afogueado, interrogou-o nestes termos :

— Pois, não é o meu dever ? E merece, porventura, o dever realizado tantos aplausos ?

— De-certo, merece, minha senhora, porque vão sendo raras as péssoas que sabem cumpri-lo — asseverou o sacerdote.

Dizendo isto, padre Júlio seguiu o trilho do atalho que rompia através dos campos, no meio de valados e sarças onde as madre-silvas enfloravam. Muito bem me recordo de que Frederico apertou silenciosamente a mão de Maria Luísa e de que eu a beijei com transporte e devoção pela sua piedade que se estendia a tudo o que padecia dos males inevitáveis, às amarguras, às

desditas, aos fundos desesperos. Ela, muito enleada, exclamou :

— Ai está... Por um acto trivial que nenhuma criatura se negaria a praticar, quási me canonizam! Que fiz eu, justos céus?

— Mostrou que é, realmente, uma mulher no que as mulheres teem de superior, pela comiseração, pelo espírito de sacrifício, pela tendência para o bem, pelo carinho, pela afectividade — atalhou Frederico.

Continuámos, calados, o nosso passeio, durante algum tempo interrompido pelo incidente. A tarde baixava sôbre a terra como uma flor de aragem e de luz que se desfolhasse e já à beira das sebes se desenrolavam grandes panos de sombra. Das granjas, das herdades tranqüilas, ascendiam colunas direitas dum fumo branco dissipando-se no ar límpido e macio. Encontrávamos de instante a instante manadas de bois que regressavam aos currais, voltando das pastagens por onde todo o dia tinham andado atolados nos ervaçais viçosos, conduzidos pela varinha — de aguilhada reluzindo à luz como uma estrêla — de lindas boeirinhas descalças que Maria Luísa afagava. Pelas congostas solitárias e adormecidas chiavam pesados carros que recolhiam da lida campestre, assustando os melros

pelas balsas. Qualquer coisa — talvez a mudez em que nos abismávamos — nos inquietava: e foi Maria Luísa, com o seu fino sentimento feminino, quem reencetou o diálogo, dizendo:

— O padecimento dos desgraçados aflige-me, certamente, e se eu pudesse sará-lo como quem sára uma chaga, com que entusiasmo me dedicaria a essa obra humana! Mas há outro padecimento que mais me punge: — é o das criancinhas. Tenho meditado longamente na desigualdade da sorte enigmática que a uns com generosidade oferta todos os regalos, tôdas a opulências, tôdas as riquezas, e que para outros nada tem. Enquanto uns vivem entre sêdas, veludos, flores, outros rasgam os pobres pésinhos nas pedras, passam fome e frio, agonizam lentamente. E porquê, meu Deus, porquê?

— Eis aí uma ambição de igualdade que sòmente uma doce mãe pode formular com tanta justiça! — comentou Frederico.

— Na realidade, sou mãe, tenho um filho que é tôda a minha fortuna e é êle, de-certo, que dita as minhas palavras... E quem sabe para que está destinado? — murmurou ela, parando e interrogando-nos com a vista.

— Maria Luísa — gritei eu — Maria Luísa, que horrível hipótese!...

Efectivamente, minha mulher, com uma simples dúvida que as agruras e as asperezas irremediáveis da existência inspiraram à sua emotividade materna, tinha-me feito entrever, num relâmpago, as maiores crueldades para o nosso filho que eu ansiava por ver crescer num mundo inalterável de paz e de amor, e para quem aspirava os maiores triunfos, as maiores vitórias.

Frederico compreendeu a minha perturbação, entendeu o meu sobressalto e, para desviar o fio da conversa, preguntou alegremente :

— É verdade, Carlos, já pensaste na carreira que escolherás para o teu morgado ? E V. Exc.ª também, snr.ª D. Maria Luísa ? É importante isto.

— Por mim, já pensei — disse eu, agradecendo a delicadeza de Frederico.

— Então, qual é ?

— Decidi fazê-lo milionário, conquistar-lhe esta esplêndida soberania.

Maria Luísa sorria, encantada, exclamando :

— Oh ! meu pobre amor ! Que diz sôbre a escolha, Frederico ?

— Eu digo, minha senhora, que mesmo nestes dias hostis de revoluções, de movimentos terríveis, de quedas de potentados, o ouro é ainda uma grande, uma invejável comodidade.

— Pois, está claro que é — aclamei. Tu estás no segrêdo da verdade, és sagaz, Frederico!

Tínhamos chegado, sem darmos por isso, ao portão da quinta, que era de ferro. Toquei a campaínha, que retiniu fortemente na solitude da tarde expirante. Não tardaria o crepúsculo a adelgaçar e a alongar as formas paradas. Manuel, um criado de confiança, veio abrir. Presos à sua corrente, ao fundo do jardim, os meus dois cães da serra, de pêlo fulvo e dentes afilados, ladravam furiosamente.

— Entra! — disse eu para Frederico, enquanto Maria Luísa corria para o filho que a ama lhe mostrava, de longe. Jantas connosco.

— Já jantei, homem! Na aldeia, sigo os costumes dos camponeses, janto ao meio dia. À tarde, apenas tomo um caldo.

— Pois, tomarás o caldo à minha mesa, que diabo! Olha que não me arruínas com isso...

— Está bem. Entro...

E entrou, pegando no meu filho com a solicitude dum pai — êle, que era um solteirão incorrigível! — o que fez dizer a Maria Luísa, com um sorriso afável:

— Sabe que tem muito geito? Mas porque se não casa, porquê?

— Porque sou um bicho serrano e não sabe-

ria tratar com cuidado a flor que fôsse minha mulher, snr.ª D. Maria Luísa.

— Desculpas de mau pagador. Não casas porque és egoísta — afirmei eu.

— Egoísta ? Essa agora ! Egoísta por não querer que a mulher que se me devotasse viesse a sofrer ? Altruista, se fazes favor.

— Maria, temos em nossa casa S. Francisco de Assis . . . À sopa !

O jantar, a que Frederico assistiu sem comer, decorreu entre as jovialidades duma conversação animada, que minha mulher dourou com a sua extraordinária vivacidade : — e foi ao café, que tomamos na varanda já em pleno ocaso da luz, que Frederico nos fez, impensadamente, a narrativa que tanto penalizou Maria Luísa e que me causou um tam profundo desgôsto que ainda hoje — ao cabo de sonolentos anos ! — se não diluiu completamente na minha emoção.

A ama havia recolhido ao quarto, levando o nosso filho que já reparava nas coisas e já sorria, com a sua boquinha sem dentes, quando o amimavam. Então, Frederico, fumando indolentemente um cigarro, ao passo que eu e Maria Luísa nos aconchegávamos nas nossas amplas cadeiras de vêrga, começou :

— Sempre que vejo crianças pequeninas, ocorre-me o mais doloroso e imprevisto espectáculo da minha vida de clínico.

— Qual foi? Conta — pedi eu.

— É muito triste. Não sei se deva...

— Porque não? — alvitrou Maria Luísa. Também na tristeza há formosura.

— Ah! se V. Exc.ª ordena!... Pois, foi êste: — pouco tempo depois de eu ter aceitado êste partido médico, em que espero morrer, era procurado por uma infeliz rapariga com um pequenito de mama ao peito, tôda banhada em lágrimas e com as saias embrulhando-se-lhe nas pernas. Soluçando, implorou-me que fôsse ver de-pressa o marido, que adoecera de súbito e não dava acôrdo de si.

— Uma desgraça, meu senhor, uma desgraça! — explicou ela.

— Bem! Sossegue que eu vou já. Não há de ser nada.

— Deus o ouça. Mas é... E era tam meu amigo, coitado, tam meu amigo!...

Calcei umas botas grossas, peguei no chapéu e na bengala e parti em companhia da mulher que, sem descanso, chorava e se lamentava, acabrunhada, vencida pela sua mágoa.

— Não chore, não chore — repetia eu, para

a consolar. Verá que a doença do seu homem tem remédio.

— Ai! assim seja, meu senhor. Estávamos casados há um ano. Esta criancinha tem só dois meses de idade... E êle é o nosso único arrimo.

Quando entrei no casebre enfumaçado e escuro, deparei a um canto, estendido numa enxêrga esburacada, por onde saía a palha de centeio, um corpo inerte. Era o enfêrmo. Auscultei-o e logo observei que o caso era melindroso.

— Morreu? — inquiriu Maria Luísa, fitando, enternecida, o meu amigo.

— Morreu!... Não podia salvar-se... Mas o horror não está na morte, tam natural na humanidade perecível: — está no drama que se passou... Voltei ao pardieiro na manhã seguinte e a enfermidade agravara-se. O desgraçado tinha apenas algumas horas de vida, e eu, compungido, sentei-me num banco perto dêle para suavizar a dor da mulher que ia ficar viúva e que ninguém socorreria na sua miséria.

— Está melhor, senhor doutor? — preguntava. O meu homem está melhor?...

Conservava-se de pé, a meu lado, com o filho nos braços; e eu, para a tranqüilizar, mentia-

-lhe, porque me faltava a coragem para ser verdadeiro e desenganá-la.

— Não perca a esperança . . . Tenha fé !

— Pois, eu tenho fé, minha Mãe Santíssima ! — murmurava a criatura.

Num dado momento, o doente, ardendo em febre, abriu os olhos embaciados, fitando a companheira que naturalmente já não via, e isto foi, para ela, uma trágica revelação.

— Êle morre, meu senhor ! Acuda-lhe, que êle morre ! — bradava, num desespêro.

Apertava nos braços, nervosamente, o pequenino que vagia, fóra de si, doida de angústia, desvairada.

— Estás sem pai, meu menino. Deus nos valha com a sùa misericordia !

— Então ? ! — bradei eu. Não grite assim, que lhe faz mal.

Oh ! a desventurada ! Sempre de pé, empregava esforços inauditos para sofocar os seus queixumes, para conter o seu pranto, monologando automàticamente :

— Mas, êle morre, êle morre ! Ninguém tem pena de mim !

Conservava o pulso do moribundo na minha mão e ia observando, apavorado, a rapidez com que aquela existência tam honesta e indispensá-

vel ao amparo de sêres aflitivos se apagava. De repente, as pulsações foram-se espaçando e enfraquecendo até que pararam totalmente. Arrepiaram-se-me os cabelos, ergui-me, lívido, com a sensação nunca experimentada de que um pêso formidável me esmagava.

— Morreu ? — bramiu a mulher com os olhos rasos de água.

— Tenha paciência... Conforme-se. Todos havemos de morrer — respondi, gaguejando.

— Ah ! meu Deus ! Ah ! meu Deus !... Filho, filho, foi-se-nos tudo... Filho, filho !...

Os músculos da face contraíam-se-lhe. Alucinada, perdida, dava voltas incessantes à roda da enxêrga, gritando continuamente, numa espécie de inconsciência :

— Ah ! meu Deus !... Ah ! meu Deus !...

A criancinha, que ela estreitava cada vez mais contra o seio, soltou um gemido lancinante.

— Olhe o seu filho... Magoou-o !...

— Ah ! meu Deus ! Ah ! meu menino ! — soluçava ela.

Segurei-a, tirei-lhe o pequenino dos braços... Estava inanimado. Na sua amargurada perturbação, no seu intraduzível sofrimento, matára-o sem querer, de tanto que o apertava

como se nêle pretendesse encontrar uma protecção...

— Que pavor, Frederico! Que pavor! — bradou Maria Luísa, fugindo.

— Depois... — ia êle a continuar.

— Pelo amor de Deus, pela nossa amizade fraternal... Não contes mais! — concluí eu, dirigindo-me ao compartimento onde Maria Luísa, pálida, cadavérica, se fechára, enquanto Frederico, pezaroso pelo terror que nos causára, se despedia.

— O nosso filho, Carlos, o nosso filho... Onde está? — exclamou ela.

— Tranqüiliza-te, meu amor... Nada o ameaça — disse eu.

Maria Luísa adoeceu, com o abalo sofrido: mas logo que as fôrças lhe renasceram, teimou em sair da aldeia onde estávamos magnificamente instalados, sem ver Frederico que ela estimou sempre: e eu ainda hoje não consigo reavivar êste episódio lúgubre — e já o meu filho é um esvelto, gentil, namorado moço! — sem que o coração me bata apressadamente dentro do peito e sem que um singular estremecimento me trespasse de frialdade até à medúla...

AS BÔAS MADRINHAS

Sentada à lareira, a ingénua vèlhinha, de faces engelhadas e os olhos cansados de tanto mundo terem visto, relembra os tempos suaves da sua infância, os idílios meigos e doces, as ilusões da sua juventude que uma clara beleza iluminava ; e, por um momento, como num mistério sagrado, as coisas remotas acordam da sombra e ressurgem para a vida. Ela sorri, enlevada. A sua cabeça, duma inocência ideal e tam branca que dir-se-ia banhada pelo cândido luar duma noite inteira, desenha-se finamente na meia tinta do casebre, dando a impressão duma Madona, de Paolo, emergindo, alva como um lírio, duma fotosfera de oiro ardente . . .

Nos seus dedos magros canta o fuso e na sua roca, prêsa da cinta, quanto linho imaculado! A humilde fiandeira vai tecendo o bragal duma neta que é noiva e que traz sonhos, como rosas, no coração nomorado. Que os lençóis sejam macios e que as saias cheirem a camoesas, ao feno dos prados e às altas ervas das várzeas!...

Hoje é vélha, mas na mocidade foi muito formosa. Os seus cabelos fulvos punham-lhe uma auréola sidérea à volta da fronte juvenil, e os seus olhos, que as lágrimas queimaram e amorteceram, pareciam duas violetas. Vai tam longe a sua meninice! Tôdas as imagens mortas se perdem num brando e religioso crepúsculo, cheio de nostalgia e de amarga saüdade. Antigamente, nos bailaricos, pelos eirados batidos de lua, as suas cantigas eram sempre as mais belas, e nas romarias, nos arraiais ruidosos, dava gôsto vê-la dançar, lançando à vibrante aragem das manhãs a sua voz tam pura como o som dum lúcido cristal que se parte.

O fuso anda num rodopio, fiando as estrigas alvas. Ela há de vestir a neta, na hora inefável e romântica do seu noivado, pôr-lhe na capela angélicas flores!...

Com o olhar perdido na fogueira crepitante, evoca tudo o que foi amado e tudo o que mor-

reu. E o céu fulge de estrêlas como um vergel quimérico e a lua descansa na paz inviolável da noite. Rodeiam-na os netos, criancinhas pobres, de caras chupadas e sem viço e as mãos cobertas de chagas. O lume consola-os, aquece-lhes o sangue, toca-lhes as faces duma côr rosada. A geada cai sôbre os telhados que alvejam à claridade lunar e as pombas adormeceram, arrulhando, nos pombais. A toada festiva dum sino vem de longe, relembrando um hino do Catolicismo primitivo. É o Natal que chegou. Para a igreja passam ranchos, cantando à desgarrada, ao gemer das violas ; e a vèlhinha, parando de fiar, conta o nascimento de Jesus, filho de gente sem vinha ou rincão de terra, num curral de Belém, sôbre as palhas :

— Quando êle veio ao mundo, logo as vaquinhas o aqueceram com seu bafo morno, porque estava muito frio . . .

— Como foi isso, avó ? . . . Diga ! — pedem os pequenitos, puxando-lhe pelos braços ressequidos como galhos de árvores que já tivessem florido e frutificado.

Todos os anos ela diz a lenda amorosamente cristã do loiro Nazareno, a fuga da Virgem para o Egito, montada na burrinha, e S. José adiante, abrindo o caminho com seu bordão de açu-

cenas, através de sarçais e de montes ermos; mas as crianças gostam de ouvir a história piedosa dum Jesus como elas pobrezinho, que alumia de sonho as suas almas purificadas. E a vèlhinha começa:

— Ora, havia em terras que ficam no cabo do mundo, uma mulher sem mácula e sem pecado, que não trazia arrecadas nas orelhas nem calçado nos pés, casada com um carpinteiro muito bom e que a tratava com o maior respeito. Ora, estando ela uma tarde, à porta do seu casal, remendando roupa, desceu do azul um anjo que veio bater as asas de neve perto do rosto de Maria... Porque ela chamava-se Maria, como tu, minha filha...

E deu um beijo na neta que estava para casar e que a escutava com enternecimento, talvez orgulhosa de ter o mesmo nome da bondosa Mãe dos homens.

— Ora, o anjo — continuou ela — veio anunciar à Virgem que ela daria à luz, em breves tempos, o Redentor, que por nós derramaria o seu sangue, padeceria muito e seria crucificado num madeiro. E logo a Virgem se recolheu e foi dizer a bôa nova a S. José, que murmurou: « Seja feita a vontade do Senhor. » Daí a meses, o Deus Menino nascia e a terra brilhava tanto que cegava.

Espalhou-se a notícia e nesse ano as searas deram mais trigo e a chuva não faltou . . .

A vèlhinha treme de emoção, estendendo para o fogo, que sobe até ao telhado, numa língua vertiginosa, as suas mãos encarquilhadas.

— Quando Jesus veio a êste vale de lágrimas, um astro, desprendendo-se, deixou um rasgão de luz nos céus ; e foi esta luz que guiou os Santos Magos à cabana, onde o Menino dormia, entre a jumentinha e os bois, o seu primeiro sono.

— E o gado não fazia mal a Jesus ?

— Qual ? Se era tudo por encanto, tudo por ordem de Deus !

Outra vez retoma o fuso e reata o fio quebrado das suas meditações. Também ela teve o seu Natal, também ela ! À meia noite, de volta do templo com seus doirados góticos, os altares resplandecendo entre as jarras das rosas frescas, de fumos de incenso toldando as naves silenciosas e o órgão tocando trechos triunfais de alegria e de glória, a vèlhinha simples rezava muito, com unção e fé. Mas o fuso tomba morto no chão, e ela exclama :

— Vocês sabem ? A Virgem, que quere muito aos pequeninos, manda nesta noite as bôas madrinhas visitar os casebres e os berços. Quem

deixar os sapatos no calor do borralho, tem-nos pela madrugada atochadinhos de prendas...

— E que prendas são, avó ?

— Dinheiro, relógios, combóios... Tu que queres, João ?

— Eu cá, um rôr de vintens.

— E tu, Rosalina ?

— Uma boneca muito grande.

— Pois, não se esqueçam. Vocês verão !

Há um minuto de sofrimento entre a ninhada... Êles, coitadinhos, nunca tiveram sapatos ! O pai é cavador e mal ganha para os sustentar com pão duro ; e a mãe está entrevada há anos, a chorar no leito.

— E são precisos sapatos, avó ?

— Pois, sem sapatos, não há prendas. Onde querem que as bôas madrinhas as guardem ?...

Foram-se deitar, muito tristes. Sapatos, só os filhos dos ricos os teem, de veludo, bordados a oiro, de arminho, de penas ! Êles nunca os possuiram — nem pelas procissões ! E perder tantas riquezas...

Mas, durante o seu sono profundo, um anjo veio diante dêles, trazendo uma palma de luar e oiro nos seus dedos celestiais, e a cama em que repousavam juncou-se de jasmins e lilases e violetas...

A PRAGA

Quando êles, num sábado, logo ao romper de alva, foram à igreja para se casar, ela com seu vestido branco e uma alvorada de mocidade a iluminá-la, e êle sadio e forte, costumado a vencer nas lutas do trabalho — tôda a gente da aldeia dizia :

— Que lindo par ! Não se encontra outro assim, por estas redondezas !

Margarida ouvia o côro de louvores e envaidecia-se ; mas, se o noivo baixava o olhar sôbre a sua fronte cheia de graça e de beleza, sentia-se confusa, e còrava. Nos céus luzentes faíscava o bom sol de Deus, doirando tôda a paizagem que resplandecia. Parecia que a claridade duma formosura nova embebia o mundo de luz ; e até o

logarejo, pobre sítio de cavadores onde apenas, pelas noites alagadas de lua, alguma viola soluçava ou uma canção elegíaca suspirava e morria, aparecera nessa madrugada branquejando e palpitando duma alegria inefável.

Ao entrar do cortejo nupcial na igreja, os sinos repicaram festivamente ; e as raparigas, que tinham namorados, vieram com abadas de flores e de verduras. Os altares dir-se-iam canteiros de rosas e o linho das aras cheirava às relvas das campinas, por onde andara enxugando. Um secreto contentamento, uma esperança amorosa, cantavam na alma de Margarida. Aos seus olhos tudo se transfigurava, tudo ganhava relêvo e côr ; e fóra do templo, sob as acácias, chalravam os pássaros.

A noiva deixava errar a vista pelos nichos, pela longa nave que os fumos ténues do incenso toldavam duma névoa leitosa ; e os santos, sonhando entre jarras com lírios frescos, tinham sorrisos de candura nas bôcas proféticas.

— Bom agoiro — pensava ela.

Que os santos se não enganassem, êles que vivendo na divina companhia de Deus, conhecem todos os mistérios e adivinham as venturas ou as desgraças do futuro. A paz, o nimbo de formosura e de esplendor que tocavam as coisas

e as criaturas naquelas doces horas que iam correndo, tranqüilizavam Margarida, que jàmais pudera esquecer a praga que a vélha Francisca lhe rogára, mal soube que ia casar com o Joaquim, que desamparava para sempre, com um filhinho, sua neta Maria.

A bruxa causava pavor aos corações simples e supersticiosos. Conhecia certas ervas virtuosas para curar as chagas, sabia orações para afastar as calamidades e as trovoadas e andava sempre pelas igrejas, com o rosário nas mãos enrugadas, murmurando orações. Enfermos com espírito ruim no corpo consultavam-na e melhoravam, depois dum defumadoiro e de irem à meia noite em pregrinação, buscar água de sete fontes e terra ao cemitério.

Quando uma vez Maria lhe confessou a culpa, chorando, sentiu uma grande cólera. Aquela neta era a flor dos seus olhos e queria-lhe com infinito amor ; mas os prantos e o infortúnio da desgraçada amoleceram a sua dureza : e foi já com brandura que lhe disse :

— Deixa, menina, não te consumas. Em bom pano cái uma nódoa. E depois, pode ser que êle se resolva a reparar a culpa . . .

— Diz-me sempre que hei-de ser a sua mulher . . .

— Pois que se arrependa e que lave essa mancha. Largos dias teem cem anos.

Mas os meses foram passando, nasceu a criança — por sinal que Maria esteve às portas da morte — e o Joaquim saíu para fóra da terra, a tentar fortuna, prometendo :

— Quando eu vier, é certo. Não podemos casar, sem govêrno nenhum. Quero ganhar dinheiro para umas casas. Espera-me.

E ela ficou com o pequenino nos braços, murchando, passada de saüdades e de aflição. O seu único refúgio era a criança, nos momentos de maior dôr. Os pais repeliram-na, as raparigas da sua idade, ao passarem por ella, voltavam a cara com desdém, os lavradores negavam-lhe trabalho ; e Maria, apertando o filho ao seio, exclamava com a voz cortada de soluços fundos :

— Meu amorsinho do céu, só te tenho a ti neste mundo. Não me fujas, e que teu pai se recorde das grandes ralações que me faz sofrer.

As lágrimas cegavam-na : lembrava-lhe o repoiso eterno da morte, numa cova muito funda, onde não chegassem nenhuns gritos, nenhuns rumores, nenhuns padecimentos da vida miserável e egoísta. Sòmente a avó a acarinhava, com piedade ; e muitas vezes, se a encontrava em-

balando o filho, no berço desagasalhado, perto do calor da lareira :

> Quem tem meninos pequenos,
> Por fórça lh' há-de cantar;
> Quantas vezes as mães cantam
> Com vontade de chorar...

Francisca, limpava os olhos bruscamente, com um nó na garganta que a tomava tôda. Recordava-se da infância de Maria, também pequenina vinte anos antes, que ela adormecia nos seus braços ainda fortes nesse tempo, e murmurava :

— Estou a vê-la como um botãosinho ! E aqui está ela crescida e já mãe ! Como o tempo corre de-pressa !

Depois, acudiam-lhe imaginação as revoadas dos sonhos que sonhara para aquela neta, uma existência plácida e feliz, o amor dum homem que a estimasse, a fartura, a prosperidade ; e via-a assim, desprezada, sem carinhos nem bondades de ninguém.

— Isto faz estalar o coração. Há criaturas que Deus devia levar à nascença !

E era com uma piedade enorme transbordando da alma, que a vélha se abraçava a Maria, adoçando-lhe as amarguras, e dizendo-lhe :

— Espera, mulher! Não te há de faltar um quarto de hora p'ra morrer... E enquanto fôres viva, olha que a terra é larga e tem logar p'ra todos.

Esperar! Mas ela esperava sempre, com uma ilusão muito vaga, e que ainda era como um bálsamo que do céu caísse, como uma flor casta de luar florindo dentro do seu peito atormentado. Desde que se fôra, Joaquim nunca mais lhe escreveu, nunca mais! — nem tornou a saber dêle.

Seria morto? Seria vivo? Ah! quando êle voltasse, vinha encontrá-la fanada, como uma rosa que se cortou num vergel, que deu perfume e que secou.

Que teria ela para oferecer-lhe? A sua beleza apagava-se lentamente, crestada pelo lume do padecimento; o seu sorriso esmorecia-lhe nos lábios; a luz dos seus olhos amortecia; e as suas faces cobriam-se de rugas. Querer-lhe-ia êle?

Ora, um dia, espalhou-se a bôa nova de que Joaquim chegara à aldeia. E faziam-se comentários:

— Um brasileiro! Corrente de oiro, relógio, fatiota domingueira, bela faixa encarnada, um fidalgo! E traz bago, muito bago!...

Maria, ao saber a notícia, correu a procurá-lo, com uma côr de juventude no rosto. Jàmais o es-

quecera, jàmais o deixara de amar, revia-se com encanto no pequenino que era o retrato dêle...

Encontrou-o, abraçou-se ao seu namorado com um ímpeto em que iam esperanças reverdecidas, novas florescências dum amor puríssimo que sùbitamente viçava; e, por entre as lágrimas e os beijos, mostrava-lhe a criança espantada e com um ar de desconfiança:

— Chama-se Joaquim como tu. É teu filho! Pega-lhe ao colo, anda!

Mas, êle não se movia! Aquela explosão de contentamento, aquela alegria, aquela ternura duma mulher que o sofrimento tam de-pressa acabára, perturbavam-no. Que enlêvo podia êle encontrar agora nessa mãe sem mocidade, que êle beijara e seduzira quando ela era linda? E Maria nem dava pela frieza. Fazia-lhe preguntas, tornava a abraçá-lo, a beijá-lo, exclamando:

— Agora não me deixas mais, filho? Não, não! Olha que nem sabes o que eu tenho penado! Depois te contarei! Porque nós agora casamos, não é assim?

— Vamos a ver, vamos a ver!

E como ela recuasse lívida, com as mãos enclavinhadas nos cabelos, soltando um grito rouco, êle, para a acalmar, disse:

— São essas as minhas intenções... Mas, não faças scenas!

Ora, na romaria de Nossa Senhora do Rosário, o Joaquim, que tocava viola na perfeição, pegou-se ao desafio com a Margarida; e durante horas, nenhum dêles se deu por vencido.

Em roda, o povo admirava e Maria experimentava uma dor muito funda no coração, mas não dizia nada. Dali em diante, o Joaquim começou a tratá-la friamente, a fugir-lhe, a aborrecer-se com os seus queixumes; e um dia, como a visse tôda lacrimosa e lamentando-se da ingratidão, não se conteve, murmurando:

— Não te posso enxergar. Larga-me!

— Mas, tu perdeste-me, prometeste-me casamento!

— Tolices que a gente faz...

E voltou-lhe as costas, deixando-a em soluços, cortada de mágoa, mais desditosa do que nunca.

O namôro com Margarida ganhou raízes; Joaquim seguia a sombra da rapariga para tôda a parte, jurando, fazendo promessas. A aldeia inteira rosnava, mas êles não davam fé do que à sua volta se passava, enlevados, extasiados no

mesmo sonho. Cantavam pelas romarias, pelos arraiais, pelas desfolhadas ; onde um estivesse, estava também o outro.

E eram, na verdade, dois lindos noivos, em plena manhã da vida. As murmurações foram abrandando ; Maria esqueceu, com o pequenino sempre aconchegado ao peito sem calor e sem leite, mirrada e macerada. Todos a desdenhavam, menos a avó, que, quanto mais forte era o infortúnio dela, mais lhe queria. Se a trouxera nos braços e lhe adormentara a meninice !... As grandes adorações nunca empalidecem nas almas puras.

Um domingo, à missa conventual, leram-se os banhos e foi um clamor de risos, de felicitações. Francisca estava na igreja, desfiando o seu rosário vagarosamente ; e, quando as palavras do padre, na sua estola branca e violeta, coroada dum reflexo de luz que se coava pelos vitrais altos , lhe chegaram aos ouvidos, nos seus olhos vagos e quási cegos faíscou um relâmpago de ódio. Como encontrasse no adro Margarida, purpurejada de alegria, com grilhões de oiro ao pescoço, levantando o braço trémulo, lançou a maldição, com voz vibrante :

— Deus permita que nunca possas ver as coisas em que mais empenho fizeres, e que não

tenhas uma hora de descanso na tua vida. Amén! três vezes amên!

Margarida empalideceu, recolhendo a casa muito triste. A praga da bruxa aterrou-a; mas, com o volver do tempo, os seus sustos sossegariam...

Francisca, ao sair da missa, foi para a companhia da neta, exclamando num grande pranto que a abalava tôda:

— Não te apoquentes filha, que me tens a mim. Os outros, casam-se; mas se há Deus, esta maldade não fica sem castigo!

Era por isso que na manhã gloriosa e loira do seu noivado, Margarida poisava os olhos nos santos com tanto ardor, pedindo-lhes que a protegessem contra as ciladas da existência e os ódios da gente que lhe queria mal.

A primavera fazia estremecer, na natureza inteira, uma impetuosa onda de vigor, rica de seiva e de florações. A terra ressuscitava como numa aleluia sagrada; as serpentes de roseiras enroscavam-se iradamente nas árvores, despenhando-se em grinaldas e pelas moitas refloridas cantavam ninhos. Com tanta alegria no mundo, porque não teria Margarida confiança na felicidade? É verdade que Maria ficára abandonada e só, acabrunhada de desgostos, quando passava

com o feixe de lenha as costas para o seu lar deserto ou quando, ao cair das noites, ia à fonte, com o pequenino atrás, a chorar. Mas Deus abençoava todo o amor sincero, e ela, se casara com Joaquim, foi por muito lhe querer. Esta idea serenava-a.

Mas, logo na sua primeira semana de espôsa, caíu doente com bexigas. As mulheres que iam visitá-la, saíam horrorizadas, fazendo o sinal da cruz e dizendo :

— Foi castigo, foi castigo. Está que se não conhece. O seu corpo é uma chaga !

A bruxa rejubilava dum contentamento diabólico, murmurando para a neta :

— Ninguém as faz que as não pague. Deus não dorme...

Durante um mês, Margarida esteve entre a vida e a morte : e um dia, já curada e disforme, ficou transida, quando quis abrir os olhos à luz e nada viu.

— Que horas são, Joaquim ? — preguntou ela ao marido, que tinha entrado para o jantar.

— Meio dia. Tu não vês o sol ?

— Não vejo. Leva-me à janela...

— Aqui estás. Olha, acolá a casa do regedor ; mais além é o quinteiro do Manuel da Ermida.

— Não vejo nada ! — afirmava ela.

De repente, soltou um grito e caíu soluçando. As lágrimas banhavam-lhe tôda a face marcada de fundas covas, que a desfiguravam completamente.

— Estou céguinha, minha Nossa Senhora das Dores! — murmurava a cada instante, passando as mãos pelos olhos. Estou céguinha, Joaquim! Nunca mais te torno a ver...

Êle sucumbiu diante dessa mulher que conhecera tam bela, com uns lábios frescos de romã madura e com uns olhos tam negros que perturbavam.

E pensava como a sua vida, para o futuro, seria amarga, na companhia da cega, que não poderia ajudá-lo no cultivo das terras nem cuidar-lhe dos arranjos da casa.

— Estou céguinha, Jesus do céu! — exclamava Margarida com terror. Bem mo disse a bruxa, naquela manhã em que se leram os nossos banhos. Que há de agora ser de mim!

Joaquim não teve uma palavra de confôrto para tanta agonia; mas, principiava a temer o poder sobrenatural da bruxa, que afirmava a tôdas as pessoas:

— Praga que eu rogue, pega. Vejam a outra! Lá está para um canto, sem vista! Eu bem lho tinha dito...

— Que camisa de onze varas em que eu me meti! Só pelos diabos! — confessava êle.

Vendeu as terras e abalou, pouco depois, deixando a mulher à mercê de todo o auxílio, sem meios para ganhar a migalha.

— Que se arranje, que peça esmola. Não estou para aturar o mostrengo.

E não tornou a aparecer na aldeia. Nos primeiros tempos, quando Margarida preguntava por êle, iludiam-na.

— Saíu para o trabalho, mulher...

— Coitado! Agora tem de sustentar-me, tem de ganhar para duas bôcas!

Quando entrava alguém, inquiria sempre:

— És tu, Joaquim? Ora, anda cá, meu filho! Onde estás?

E procurava-o com as pobres mãos incertas, apalpando a escuridão. As pessoas que lhe levavam a tigela de caldo, choravam. Mas a caridade também cansa, e Margarida, por fim, passava muitos dias sem comer.

— Joaquim, Joaquim! Não me deixes só, meu homem, assim tam céguinha, que nem dou com o púcaro da água...

E foi, precisamente, quando a soube desamparada de tôda a bondade, que Maria a procurou, ajoelhando-lhe aos pés e pedindo:

— Perdoa-me, que ainda és mais infeliz do que eu.

— E quem és tu ?

— Maria !

— E Joaquim ?

— Joaquim deixou-te há muito tempo, como me deixou a mim. Fez de nós duas desgraçadas...

— Deixou-me ? Pois, êle deixou-me também ?... Oh ! meu Deus ! Oh ! Virgem Santíssima, matai-me !

— Não peças a morte, que eu serei a tua guia, Margarida. Mas perdoa-me, que tenho remorsos.

Então a cega, curvando-se, abraçou Maria frenèticamente, num grande e alucinado abraço, exclamando :

— Perdoa-me tu, Maria, e não me queiras mal, que já basta a vingança. Mas se precisas do meu perdão, eu to dou...

«MORS AMOR»

A criança que tôda a santa manhã andára brincando, contente como uma ave que um dourado sol de primavera acordasse entre as ramarias em flor, ao alvorecer da luz, entrára em casa com as faces escarlates e os olhos rutilantes de febre, murmurando na sua débil voz infantil :

— Mamã, dói-me muito...

E apontava para a cabeça com os dedinhos trémulos.

Maria Eduarda, inquieta, tomou-a nos braços, pegou-lhe ao colo, amimou-a com palavras que o temor sobressaltava. Pousando-lhe a mão sôbre a testa, assustou-se. A pele ressequida do doente escaldava.

— É aqui que te dói, meu filho ? — perguntou.

— É ! . . . — gemeu o enfêrmo.

As suas pálpebras cerravam-se, pesadas de sonolência, e o rubor das faces aumentava. Respirava com esfôrço, agitadamente.

— Andaste ao calor, não é verdade ?

— Andei . . .

— Não é nada, não é nada. Amanhã estarás melhor. Agora, vais para a cama . . .

Com infinitos cuidados, fazendo mais leves os seus dedos para não magoar a carninha tenra do filho, Maria Eduarda despiu-o docemente e foi deitá-lo. Sôbre a alvura do travesseiro espalhou-se uma nuvem de cabelos louros e anelados que enquadravam a fronte angélica do pequenino, destacando-se vivamente na brancura da roupa. A frescura dos lençóis pareceu reanimá-lo um momento, porque, fitando o olhar na mãe, teve um ligeiro sorriso dolorido.

— Estás assim mais sossegadinho, amor ?

— Estou. Mas não se vá embora, não saia do quarto. Tenho mêdo . . .

— Descansa, vá. Não te deixo só — prometeu ela, afagando-lhe os cabelos e beijando-o longamente no rosto.

Chamou a criada, mandou procurar um mé-

dico a tôda a pressa, porque a respiração do enfêrmo cada vez se tornava mais ofegante, como se um grande pêso lhe esmagasse o peito. Depois, colocando uma cadeira perto da cabeceira do leito, sentou-se. Tinha fechado a janela que dava para o quintal, para que a crueza da claridade não ferisse a vista da criança, sofredora e paciente. No compartimento espalhava-se uma penumbra veludosa que exagerava, alongava as linhas dos móveis. Numa jarra de vidro azul, diante da imagem da Virgem, morriam violetas que vagamente perfumavam o ambiente...

Com a face inclinada na palma da mão, Maria Eduarda meditava, enquanto ia esperando pelo médico. Envolvia constantemente o pequeno num olhar de afecto e de indizível compaixão e mentalmente pensava na injustiça de um Deus que fazia sofrer os sêres virginais, limpos de tôda a culpa e que a vida não tivera ainda tempo de macular dos seus males inevitáveis, dos seus vícios impuros, dos seus crimes.

— Antes fôsse eu a padecer, meu Deus, que sou mais forte e tenho mais pecados — monologava ela, com as lágrimas caindo, redondas e brilhantes, pela cara macerada.

De fóra, da rua, chegavam aos seus ouvidos rumores de conversas, o estrépito dos carros que

passavam a galope nas calçadas, o canto idílico dos pássaros escondidos na folhagem dos arvoredos, enquanto a tarde melancòlicamente descia: — e todos êstes ruídos se escoavam com brandura sem que Maria Eduarda lhes ligasse a menor atenção. Que lhe importavam as manifestações ruidosas da existência descuidada e feliz que transbordava ao ar livre? O seu interêsse supremo confinava-se totalmente no estreito espaço marcado por quatro paredes, onde havia um leito inocente e sôbre êle um corpinho frágil, torturado pela dor, corpo que ela gerára no seu ventre, que alimentou com o branco leite imaculado dos seus seios e em que punha a sua maior ilusão de mulher desgraçada e o seu admirável orgulho de mãe!

— Ah! Se êle morresse, justos céus, se êle morresse!... — murmurava Maria Eduarda, enclavinhando as mãos com desespêro.

De novo se curvava, brandamente, sôbre o travesseiro, beijando o filho com infinita suavidade. A confiança apaziguava-se. Não morreria, de-certo, não podia crer em tamanha crueldade. Bastante havia padecido já, em seis anos de casada, resignando-se às maiores humilhações, devorando em silêncio a angústia do seu abandôno, curtindo as maiores amarguras, sem se

queixar contra a tristeza dum destino que não merecia. Deus restituïria ao seu amor, à sua purificada veneração materna, já sarado e vigoroso, aquele pobre filho que, poucas horas antes, enchia a casa inteira da música inefável do seu riso infantil . . .

O doente fez um movimento, descerrou as pálpebras, fitando a mãe com um olhar vítreo.

— Ainda te dói, amor ? — inquiriu ela com solicitude.

— Dói-me muito ! — sussurou dèbilmente o enfêrmo.

A criada abriu mansamente a porta do quarto, aproximando-se de Maria Eduarda na ponta dos pés, e disse :

— Minha senhora, o médico está lá em baixo.

— Mande-o subir, imediatamente.

Levantou-se sem fazer barulho, foi ela mesmo esperar o homem providencial de quem talvez dependesse a saúde, a salvação de seu filho pequenino : mas o doente, pressentindo-lhe os movimentos, outra vez pediu :

— Não fuja, mamã . . . Venha para aqui. Tenho mêdo ! . . .

— Espera um pouco, amorzinho. Volto já...

O médico entrou, pousando o chapéu e a bengala sôbre uma cadeira, fóra do quarto, to-

mou o pulso da criança, arregaçou-lhe as pálpebras, observou-o demoradamente e esboçou um imperceptível gesto de desalento.

— É grave a enfermidade, senhor doutor? — preguntou Maria Eduarda.

— Tem alguma gravidade, minha senhora.

— Mas, está tudo perdido? — acudiu ela, com um soluço mal reprimido e agarrando-lhe nervosamente o braço.

O médico teve piedade da mãe desditosa, hesitou na resposta, procurou tranqüilizá-la.

— Tudo perdido, ainda não... Nesta idade, os organismos possuem um enorme poder de resistência... Enquanto vivem, resta sempre uma ilusão... Tenha coragem!

Pediu papel, receitou, deu instruções àcêrca da maneira de aplicar os medicamentos e ordenou que, se os sintomas do mal se agravassem, o fôssem chamar sem demora. Maria Eduarda escutava-o, retendo a custo as lágrimas.

— Não chore! — murmurou o clínico. Por enquanto, não há razão para isso... Não desespere!

— Que há de fazer uma desditosa mãe, senão chorar, senhor doutor?

— Mas, se eu lhe digo que confie!...

Despediu-se ràpidamente, pegou no chapéu

e na bengala, desceu as escadas e saíu, enquanto Maria Eduarda, depois de ter mandado a criada a uma farmácia, voltou a sentar-se junto do leito do filho, aconchegando-lhe a roupa à volta do corpo e acariciando-o.

— Mamã, quem era aquele homem ? — interrogou o doente.

— Um nosso amigo, filhinho. Veio à nossa casa, para fazer-te bem.

— Tenho mêdo, tenho mêdo . . .

— Mêdo de que ? Estou perto de ti, vês ? Dá cá a tua mão . . . Assim ! . . . Agora, ninguém virá. Dorme um bocadinho, para melhorares.

Sorrindo doloridamente, com a sua mãosinha, que queimava, entre as da mãe amorosa, a criança fechou os olhos para dormir. Um suor glacial porejava-lhe da fronte ; a respiração era sibilante . . .

Baixavam apressadamente as sombras nocturnas. Já pelas ruas se acendiam os candieiros de iluminação pública. O ruído exterior afrouxava. Então, Maria Eduarda, com os olhos rasos de água e a descrença na alma, começou a evocar o seu infortúnio, que parecia não ter fim. O passado iluminava-se sùbitamente na sua memória, numa rápida sucessão de quadros. Lembrava-se dos menores detalhes da sua vida,

da confiança e da simpatia com que fôra levada para Vicente, por um ardente e sincero impulso de amor, da doçura, da felicidade indizivel dos seus primeiros anos de casada. Em saborosos meses, que tam ligeiramente deslizaram e que atrás de si apenas deixaram a saüdade, vivera tôda a ventura — uma ventura que chegou a julgar perpétua e que tam rudemente havia de mentir-lhe. O filho, Luís, nascera dois anos depois do seu casamento e foi como se no seu lar serêno e florido se erguesse uma aurora ! Ainda agora via, numa aleluia de esplendor, Vicente dobrar-se sôbre o berço em que o pequenino vagia, agitando os bracinhos rosados, para pousar-lhe um beijo doce na face, que era gorda e que se vincava em covas, quando êle sorria ! Considerou Maria Eduarda que aquele fraco ser teria a fôrça necessária para prender para sempre o marido à espôsa e que enlearia o amor de ambos em tam estreitos laços que ninguém seria capaz de os desatar. Entre uma adoração que parecia indestrutível, desabrochára a graça, o encanto, a ternura, a beleza de uma flor pura ! . . . Sonhos vãos . . .

Maria Eduarda foi interrompida nas suas divagações pela criada, que regressava com os medicamentos receitados pelo médico. Despertou

o filho, que acordou alvoroçado e dizendo, no delírio da febre, palavras sem nexo, o que a alarmou. Fê-lo tomar uma colher de remédio. O doente insurgia-se, mas ela, meigamente, venceu a sua teimosia.

— É para sarares e voltares aos teus arcos, aos teus cavalos, aos teus soldados de chumbo, meu-amorzinho.

A noite fechara-se completamente. Sob um céu profundo e cheio de estrêlas, que dardejavam, a cidade dormia, mergulhada em sombras densas. Maria fechou o bico de gás, acendeu um candieiro com *abat-jour* verde, embrulhou-se num chale de lã e foi estender-se num canapé estofado que mandára pôr à beira da cama do enfêrmo. A solidão pesou então mais duramente à sua roda. Enquanto em tantas outras vivendas a infância dormiria um sono inalterável e pacífico, velada pelas aparições siderais, o seu pobre filho, contentamento único de lancinantes desventuras, padecia amargamente, sem que ela pudesse suavizar-lhe o padecimento. Mãe de Misericórdia ! Como a sorte era áspera para certas criaturas ! E porquê, porquê ? Nunca fizera mal a ninguém, socorria as mãos trémulas dos mendigos que batiam à sua porta donde a alegria fugira, devotara-se aos outros, fôra uma

sacrificada que se não insurgíra contra os sacrifícios, tornára, na desdita, mais funda e perfeita a sua crença religiosa. Tudo inutilmente! No seu caminho só encontrara a desilusão, o sofrimento, o abandôno. Àquela hora adiantada e solitária da noite, seu próprio marido folgaria com a amante, por quem a trocára, não porque fôsse mais amado, mas pela sedução duma formosura que a sua perdera, queimada pelo fogo das lágrimas.

— Mamã, tenho mêdo! — gemera Luís, revolvendo a cabeça sôbre o travesseiro.

Maria passou-lhe levemente a mão pela face, ameigando-o e murmurando:

— Sossega, meu amor, sossega!...

Novamente, quando o pequenino recaíu na sua sonolência, Maria Eduarda recordou vários episódios da sua vida extinta — uma vida que ia já muito longe e de que ainda conservava uma lembrança grata como um perfume... Vicente começara a ser menos terno com ela justamente meses depois do nascimento do filho. Entrava em casa a de-soras, preocupado, respondendo com irritação às suas preguntas, falando-lhe com enfado ou desabridamente, repelindo o seu afecto com tédio. Se ela lhe fazia alguma observação ou formulava uma vaga queixa, exasperava-se,

praticava desatinos ou ria-se sarcàsticamente. Uma vez dissera-lhe, mesmo, que se não estava bem, era pela porta que se saía para a rua. A-pesar disso, Maria Eduarda suportava-o, procurando o desafôgo no pranto; e, estreitando o filho nos braços, exclamava :

— Só te tenho a ti neste mundo, meu amor !

Por fim, Vicente abandonou definitivamente o lar, indo viver com a amante, uma costureira que seduzira e que instalára numa vivenda próxima, com elegância e luxo. A Maria Eduarda enviava mensalmente uma pequena mesada que ela aceitava, porque seu pai, um modesto empregado público, não lhe legára qualquer fortuna, ao morrer. Daí em diante, todo o seu amor, todo o seu sentimento afectivo, todo o seu espírito de devoção, se concentraram nesse filho que era o seu enlêvo, a sua companhia, o seu futuro. E agora, êsse mesmo filho, por quem ela daria o sangue das veias, a luz dos olhos sem um minuto de hesitação, parecia querer fugir-lhe também.

— Senhor, Senhor, tem caridade ! — soluçava ela angustiadamente.

A noite foi longa e atribulada. Maria Eduarda, que de duas em duas horas, tinha de medicar o doente, não repousou um momento. A cla-

ridade matinal veio surpreendê-la pálida, com os cabelos em desalinho e os olhos encòvados. Apagou a luz, abriu uma frincha da janela, espreitou Luís que agitava as mãos, inquietamente. Alvoroçada, quis despertá-lo da sua modorra, mas a criança, descerrando as pálpebras, mostrou os olhos revirados.

— Jesus, Jesus ! O meu filho morre, Maria Santíssima ! . . .

Os seus gritos alarmaram a habitação, acudindo a criada.

— Vá chamar o médico ! De-pressa ! . . . E olhe ! . . . Procure também o senhor, na casa em que sabe, e diga-lhe que o menino está a morrer ! . . .

Ajoelhando junto do leito, num chôro que a transtornava, implorou :

— Luís, meu filhinho ! Não morras ! Não morras ! . . .

Mas o doente continuava a agitar as pobres mãosinhas, revirando os olhos e torcendo a bôca, sem a ouvir. Quando o médico chegou, Maria Eduarda, correndo para êle, exclamou :

— Salve-o, sr. doutor, tenha pena de mim!...

Êle afastou-a brandamente, dizendo :

— A meningite ! A meningite ! . . .

Tremia-lhe uma lágrima ao canto dos olhos.

— Não há nada a fazer, minha senhora. A sciência nada pode contra desígnios mais altos!

A manhã resplandecia. Num céu translúcido brilhava um sol de ouro, com um brilho de luz intensa incidindo sôbre um cristal.

— Nada a fazer!... Nada a fazer!..., — repetia ela, num alheamento de loucura.

Com efeito, o enfêrmo, em seguida a uma convulsão mais forte, ficou imobilizado, morto sôbre o leito. Em breve a sua fronte se cobriu duma palidez de cêra. O médico saíra, desorientado. Ennoveladas sôbre a roupa da cama, Maria Eduarda e a serva — que tinha voltado — lamentavam-se em altos brados, quando de súbito Vicente, sem gravata, com os cabelos desmanchados, entrou no quarto onde o filho acabára de expirar.

— Luís, Luís! — gritou.

— Morreu agora mesmo! — soluçou Maria Eduarda, apertando nervosamente o pequenino cadáver nos braços. Já não chegaste a tempo de vê-lo com vida...

Vicente, de pé, com uma tremura na face, contemplava a scena dramática. Sentia na garganta uma constrição que o sufocava.

— Estou só, só! — bradou Maria Eduarda — mais só do que os enjeitados... De resto, eu

sou também uma enjeitada. Só tu me não enjeitaste, meu amor! — dizia ela agarrada ao filho e cobrindo-o de beijos e de pranto.

Vicente rompeu num fundo chôro. Com os olhos ennevoados, avançou lentamente para o leito, beijou o morto, e voltando-se para a espôsa, como se na sua alma se fizesse, de repente, uma revelação, soluçou:

— Maria, perdoa-me!...

NOCTURNO

—

Na noite escura, picada pelo fulgor longínquo de vagas estrêlas, que ardiam, scintilavam no alto, eu e Rodrigo errávamos indolentemente através das ruas quási desertas da cidade que, a essa hora já avançada, cambaleava de sonolência e bocejava o seu tédio. Os candieiros da iluminação pública, que a espaços se erguiam fùnebremente como tochas de entêrro, projectavam sôbre a calçada trémulas manchas de luz ondulando no fio do vento ; e só de longe a longe uma claridade pálida se filtrava por entre as vidraças corridas dalguma vivenda onde se seroava ainda, nas intimidades do convívio familiar.

— Nada mais triste do que um populoso

burgo, em certos instantes nocturnos! — exclamou Rodrigo, para interromper a monotonia da nossa mudez. Do silêncio, da treva, da confusão dos aspectos exteriores, do adormecimento que parece invadir as proprias coisas inertes, exala-se uma funda melancolia que nos penetra até à alma e nos desola. E não sei que especial estado emotivo faz com que apenas recordemos o que na nossa existência há de amargo, de desgraçado, de aflitivo!...

— Assim é, com efeito... — atalhei eu, com a imaginação perdida em outras evocações e sem reflectir nas palavras do meu amigo.

— Repara na linha irregular das construções: há nela não sei quê de sinuoso, de agressivo, de irritante, que nos exacerba até ao desespêro. Os prédios em que um derradeiro clarão incendeia os vidros das janelas, semelham caveiras sorrindo, desdentadas e torvas, na penumbra. Estas casarias abismadas na solitude constituem scenário magnífico para um conto de Edgar Poe ou de Hofmann. Nem um riso claro vibrando na pacificação envolvente como á primeira nota idílica duma canção de amor, nem uma fugaz palpitação de vida... É tudo extático, parado, morto. E, no entanto...

Por vezes, silhuetas de vádios ou de pobres

esgueiravam-se rentes às paredes, deslocando-se apressadamente. Raros carros passavam, ao galope de cavalos cansados, num grande estrépito de ferragens, deixando entrever de relance brancuras de formas femininas, perfis suaves e sorridentes recortando-se com doçura na misteriosa meia tinta da luminosidade das lanternas.

— No entanto ?... — disse eu, interrogando Rodrigo.

— No entanto — reencetou êle, cofiando a barba negra e cerrada — estas noctívagas paizagens citadinas são maravilhosamente sugestivas para os homens de fantasia e de sensibilidade. Neste momento incerto em que vivemos, quantos dramas, quantas tragédias, quantas ternuras, quantos lirismos comovidos, quantas misérias, quantos risos e quantas lágrimas se escondem nessas moradas que julgamos mergulhadas em quietitude e na plena inconsciência do sono ! Vou pensando nas infâmias, nas vilezas com que hoje foi comprado o jantar de muitas famílias ; nas angústias inenarráveis com que os vencidos estarão cogitando no pão que àmanhã hão de almoçar ; nos crimes com que os egoístas formam o seu bem estar ; nas mentiras que neste minuto supremo maculam a bôca divina das mulheres apaixonadas ; nos falazes sonhos amorosos que

vão sonhando as virgens adolescentes ; nos olhos queimados pelo fogo do pranto ; nas ilusões caídas sem chegarem a florir ; nas dores ocultas que escolhem a tranqüilidade da noite para soltarem o seu grito rouco de socorro — e a flor do sentimento fecha as pétalas no meu peito.

— Na verdade, Rodrigo, eis aí um lúcido resumo da atormentada luta numa desvairada e enorme aglomeração humana ! — acudi eu. As cidades são como aquele livro fatídico de que fala Ralph Emerson. A mão dos sêres conscientes abre-o com sofreguidão, volta uma página luminosa e logo uma página sombria surge, tenebrosa, enigmática e terrível !

— Nas cidades, efectivamente, a sombra e a luz são inseparáveis, andam sempre unidas, simbolizando a alegria e o sofrimento, as fomes e as abundâncias, as sêdas e os farrapos, as purezas angélicas e as devassidões monstruosas, a lama e o ouro, as ascenções até aos astros e as quedas até aos charcos . . . O mundo é pavoroso, e conhecê-lo em todos os seus espectáculos será uma tortura desfibrante para as almas dotadas de finuras de subtileza sensitiva.

— Aí estás tu com os teus negros pessimismos ! — atalhei eu.

— Na realidade, não poderás chamar-me

«Cândido ou o Optimismo!» — respondeu Rodrigo irònicamente.

— De-certo, de-certo! Mas outrora, quando eu subia à tua trapeira para conversarmos durante alguns minutos com o doce espírito de Maine de Biran, tinhas uma concepção mais risonha da vida.

— Que queres? Os anos, a experiência, os desenganos!... E, depois, os dons de observação e de análise, que só muito tarde se revelaram na minha inteligência, secaram-me, estragaram-me, tisnaram-me a mocidade do coração...

Caminhando constantemente ao lado um do outro e sentindo sôbre os ombros o pêso duma fatalidade a que não podíamos fugir, tínhamos recaído na nossa mudez, porque a conversa principiava a fatigar-nos. Rodrigo exilava-se, talvez, para o passado, a relembrar uma jovialidade extinta, a sua confiança morta, uma promessa de ventura que o traíra: e eu reavivava o tempo saboroso e inolvidável em que o havia conhecido, enérgico, viril, continuamente enredado em meigas aventuras para que era arrastado menos pelo ardor sensual do que pela romântica esperança de encontrar a doce mulher superior em que a sua ternura cristalizasse. Como, porém, nunca a encontrou, dos dias remotos

apenas lhe restava uma indecifrável saüdade que excitava o seu padecimento de homem entrado no entardecer dos quarenta anos.

Rodrigo era, então, culto, apaixonado, lia os moralistas, os poetas líricos e comovia-se profundamente com a música de Schubert. O instinto do amor era nêle tam vivo que se na rua, no passeio, numa reünião amável, numa *soirée*, uns olhos femininos e pensativos o fitavam mais demoradamente, logo a sua ansiedade de carinho, a sua sêde de interêsse emotivo, o sobreexcitavam, fazendo-lhe perder o senso da realidade e das conveniências sociais. Nesta intensa e permanente tempestade sentimental se queimou, perseguindo sempre uma quimera que nunca pôde alcançar. O outono da sua existência vinha encontrá-lo péssimista.

Imersos nestas divagações, entramos, sem dar por isso, numa ruela envolvida em treva e ermo. Cães vagabundos revolviam, com o focinho, os montes de lixo arrumados aos cantos ; gatos de olhos fosforecentes espiavam a calçada.

— Isto é lúgubre, lúgubre ! — bradou Rodrigo.

Aceleramos a marcha para sairmos de-pressa do bêco sinistro ; e inesperadamente, ao dobrarmos a esquina, uma descarnada mão hesitante,

surdindo de dentro dum chale rôto, estendeu-se para nós e tremeu um momento no ar, ao passo que uma voz enfraquecida choramigava :

— Esmola, pelo amor de Deus !...

Parámos, desorientados. Rodrigo procurava nervosamente, no bôlso do colete, placas de cobre : a pedinte, respirando com dificuldade, conservava a mão estendida, numa súplica, fixando o meu amigo com uns olhos em que dardejava um brilho de febre. Quando êle deixou caír sôbre os magros dedos que tremiam o dinheiro, a mesma voz murmurou com brandura e reconhecimento :

— Então, seja por alma de quem lá tem, snr. Rodrigo !...

Perturbado, o meu amigo que déra já algumas passadas para a frente, voltou atrás com surprêsa, aproximando-se do vulto desconhecido e inquirindo :

— Como sabe o meu nome ? Quem é você ?

A ponta do chale com que a mendiga abafava o rosto desceu até ao peito e uma face emmagrecida, de mulher ainda nova, apareceu. Na soturnidade da noite, essa pobre face de tísica tinha uma brancura de papel e tôda a vitalidade da pedinte ignorada parecia concentrar-se no olhar aceso e penetrante.

— E o sr. Rodrigo não sabe o meu nome? Ora veja se se recorda...

O meu amigo, enquanto eu, comovidamente contemplava a scena estranha, curvou-se a observar o rosto doente e emaciado que sorria, e gritou:

— Pois és tu, Maria Rosa? És tu?...

— Sou eu!

— E como chegaste a esta miséria, a êste abandôno?

— Os médicos que me tratam por caridade dizem que eu estou tuberculosa... E estou! Olhe que isto vai apagar-se!... Tenho cá por dentro um frio, um frio!...

Rodrigo, apiedado, tirou a carteira, desdobrou uma nota que entregou a Maria Rosa — que queria beijar-lhe as mãos por tanta generosidade — e limpou uma teimosa lágrima que lhe tremia nas pálpebras.

— Vou ter que comer para uma semana! — soluçou ela.

— Mas, como foi, como foi?... — gaguejava Rodrigo sem encontrar uma frase consoladora para a penúria que inesperadamente se lhe atravessava no caminho.

— Ora!... Como foi!... — respondeu Maria Rosa.

Ràpidamente, enxugando os olhos rasos de água, contou-nos a sua história. Enquanto teve saúde e beleza, viveu no luxo e na fartura, passando duns amantes de acaso para outros. A sua juventude esplendia, a sua graça iluminava-a, era apetecida, fôra talvez amada um dia. Nunca se preocupou com o futuro.

— Quando se é môça — comentava Maria Rosa — não se pensa no que há de vir.

Mas a sua formosura desbotou-se, como uma rosa crestada pelo sol, começou a ser desdenhada e repelida, a fome bateu à sua porta. Foi vendendo alguma rara jóia, que representava o preço dos seus beijos, empenhou as roupas, empenhou o próprio mobiliário da sua casa e o leito em que dormia, quando na sua existência de vergonhas, de baixezas, de humilhações, se levantava uma aurora espiritual de repouso e de comiseração. Esta decadência fôra agravada pela tísica, que a roía interiormente, que lhe dilacerava o pulmão desfeito nos arrancos violentos da tosse. Para se alimentar, como já ninguém a queria, desceu à rua, de noite, esmolando. E ia pendendo para o descanso ambicionado do coval, num cemitério, aquele corpo que fôra lindo e perfeito.

— Qualquer dia, porém, não posso levan-

tar-me da enxêrga para vir mendigar, e lá morrerei sòzinha e esquecida, eu que dei a minha mocidade e a minha beleza aos outros! — concluiu Maria Rosa, num sorriso doloroso.

Comovido, Rodrigo apontou na sua carteira a morada da enfêrma, despediu-se dela e puxando-me pela manga do casaco, exclamou:

— Vamos!... Anda daí!...

Largo tempo deambulamos pelas ruas solitárias, sem reatarmos o fio da conversa tam dramàticamente cortada. Tínhamos ambos mêdo de avivar emoções que nos sobressaltassem; mas, a certa altura, foi-me impossível conter a curiosidade que me espicaçava e murmurei:

— Rodrigo, quem é esta Maria Rosa?

— Uma tuberculosa que, a horas mortas, pede o seu escasso pão à caridade que passa. Não a ouviste? — respondeu êle, de mau humor.

— Mas quem foi antigamente?

Insistiu ainda um instante no seu silêncio: mas, tomando uma resolução decisiva, acrescentou:

— Ah! antigamente... Estou a experimentar um secreto pudor em te revelar o que sei àcêrca daquela desditosa rapariga. Porque? Talvez que eu seja também um pouco culpado no seu infortúnio... Contudo, para que hei-de eu

ter segredos para ti, que es o meu melhor amigo e, certamente, o amigo mais íntimo ? Ouve lá . . .

Acendi um cigarro, enquanto Rodrigo reconstituía as suas vélhas e dispersas recordações. A cidade ressonava profundamente, numa imobilidade de monstro que faz a sua brutal digestão.

— Ouve lá . . . Maria Rosa foi a Musa da juventude, nos meus tempos de estudante. Não existiu água-furtada onde houvesse livros e um rapaz preparando-se, pelo estudo, para as asperezas da vida futura, que ela não alegrasse com a sua gracilidade, com o encanto da sua ternura, com a maravilhosa poesia do seu corpo de flor humana. Nas nossas ruidosas ceias, quando havia dinheiro, coroavamo-la de rosas à moda grega, pedíamos-lhe a inspiração para os nossos poemas e pedíamos-lhe beijos para a nossa ilusão amorosa. Também nas áridas páginas dos meus livros a sua imagem gentil se iluminou um minuto. Foi célebre entre a boémia da cidade há seis, há dez, há quinze anos ; e, por minha parte, não tendo remorsos, porque fui eu, porventura, um dos que melhor a trataram, um dos raros que se compadeceram com a amargura da sua sorte. Perdi-a de vista depois que acabei o meu curso de engenheiro, que não me serve para nada, e que principiei a gastar em

viagens, em loucuras, em vãos caprichos, a herança paterna. Julguei que tivesse morrido, e eis que, de súbito, ela reaparece, ainda viva, mas tropeçando na terra sôlta das sepulturas . . .

— Que destino ! — interrompi.

— E, a-pesar disso, queres que eu seja optimista. Não tinha esta infeliz rapariga direito ao seu quinhão de sol e de felicidade ? . . .

Insensivelmente havíamos chegado a casa de Rodrigo. Detivemo-nos. Já com a chave na fechadura, o meu amigo disse :

— Hei-de ir ao entêrro de Maria Rosa e hei-de pôr-lhe um orvalhado ramo de violetas sôbre a cova . . . Ela é mais uma das minhas ilusões que se some . . .

Entrando no portal ainda bradou :

— Amigo, na nossa idade, como o amor envelhece e morre !

O AMOR ENTRE OS DEUSES

Houve tempo em que os Deuses dos remotos poemas de Homero, quando se cansavam da sua lenta imobilidade entre as flores perpètuamente frescas, os altares de prata sempre iluminados e os templos de oiro e cedro continuamente adormecidos na paz e na claridade, sob o cantar das rôlas, os zumbidos das abelhas e o murmúrio sem fim da água límpida manando entre os musgos e vergeis, vinham errar por entre as alegrias efémeras da terra, onde se arrastava uma triste humanidade lamentável. Os seus corpos dum esplendor de aurora e lua ondulando no ritmo dolente das vagas músicas, deixavam rastros de fulgor, lucilações de luz ; e eram êles que da-

vam ao mundo melancólico e monótono todo o seu encanto espiritual e poético. A Grécia antiga, sobretudo, foi muito amada pelos Imortais, que nela mostraram a fabulosa opulência da sua nudez e a incomparável beleza das suas linhas. Aí, pelas tardes mornas de primavera, descansavam à sombra dos bosques de loureirais e mirtos ou conversavam amorosamente nos jardins do Partenon, desfolhando lírios de neve e discutindo com poetas e filósofos sôbre os trechos épicos que os rapsodos então levavam por tôda a parte, desde o Peloponeso até aos solitários e verdes mares da Iónia onde as nereidas cantavam quando o sol subia das bandas do nascente como numa apoteose gloriosa e onde as alciones gemiam ao cair dos poentes lacrimosos e nostálgicos.

O ar cheirava às laranjeiras, e, na terra fecunda, as rosas desabrochavam como serpentes, vestindo o chão negro duma pompa nupcial. Platão, o transcendente, e Scoto, o subtil, conviveram muito com êles, passeando através das florestas rescendentes das resinas dos ciprestes, onde os iris desabrochavam, no viço e na graça das suas tintas maravilhosas e onde as violetas, aos molhos, perfumavam tôda a sombra ; e Anacreonte calçou de estrofes o pé rosado das Deu-

sas, de seios túmidos e direitos onde as cigarras poisavam pelos ardentes calores dos meios dias rubros, descendo das copas das árvores.

Houve um zagal, que pastoreava as manadas nos prados de altas ervas e lançava a sua frechá contra as águias, que sonhou lindos sonhos com a suave e ingénua Chloé, nas lânguidas manhãs em que ela, despindo o seu *peplum* de linho e com os cabelos fulvos picados da poesia dum narciso, se banhava nos regatos cristalinos e murmurosos, e colheu nessa bôca imaculada e sanguínea, como um botão de rosa, os beijos virginais e perturbantes como um vinho forte. Céres, ao amadurecer das cearas ondeando ao vento como um denso mar de oiro fosco, surgia com a fronte enramada de papoulas, cheia de sidérea formosura, abençoando o pão que havia de encher as tulhas, com a alegria da sua bondade. Juno, a de olhos scismadores e tam fundos que muitas vezes os Deuses se curvavam para espreitar os mundos desconhecidos que neles se reflectiam, batia as asas alvas entre os pomares onde as levadas de rega corriam e gorgolejavam. E Diana refugiava-se entre balsas, à beira dos lagos, rodeada das ninfas deslumbradas, na mocidade irradiante das suas maravilhosas formas. Quando ela mergulhava nas espu-

mas níveas ou nas ondas azuladas, os seus dois peitos pareciam nenúfares enormes, pingados de lágrimas de aurora. Porque os Imortais não conheciam as tristezas da velhice, os mistérios invioláveis da morte, as amarguras da dôr cruel!

À sua volta, tudo morria, tudo suspirava de desejo, tudo arquejava de sofrimento, tudo se finava de saüdade. A própria natureza, pelos outonos elegíacos, adoecia; as corolas fanavam-se e as aspirações dos homens imperfeitos eram tam pequenas que nem chegavam ao longínquo céu, num vôo supremo; mas êles ignoravam o travor das lágrimas ou desesperos de ansiedades insatisfeitas e nos seus lábios vermelhos nunca se apagava o fulgor do riso, nem nas suas frontes serenas desfalecia o clarão da alegria alada. A sua voz vibrante entoava os fortes e vitoriosos cânticos que os ventos sonoros levavam, sussurando, para longe.

Também amavam como os homens; mas o seu amor era mais duradouro e mais enternecido de enlevos e doçuras. Deslizava idealmente, numa paz inalterável, como a água duma fonte caindo num jôrro lento, entre miosótis e lírios. E essas abelhas de oiro que fabricavam os claros favos de mel do Himéto vinham esvoaçar no remanso dos seus idílios, enchendo todo o ar diá-

fano de sons fugidios. Os seus beijos eram infinitamente doces e nenhuma leve amargura do mundo efémero os envenenava.

Ora, um dos Imortais mais adorado, pela sedução da sua beleza máscula, foi Júpiter. A branca e loira Semmele soube enredá-lo nos enleamentos da sua graça, estendendo-lhe os braços de jaspe brunido e oferecendo-lhe o seio para êle descansar a cabeça duma impecável correcção de linhas. Nos primeiros tempos, êsse amor foi como um sonho infindável, sempre vivo e sempre palpitante. Na clara brandura dessas tardes que nunca mais voltarão, perdiam-se ambos pelos bosques olorosos, tam queridos de Apolo, escutando o canto das aves. Abraçados à beira dos arroios, contemplavam as suas imagens que se espelhavam nas águas puras e transparentes. As formas da Deusa, ondeantes e nervosas, eram duma tam esplêndida graça que as cotovias, descendo do alto, iludidas, vinham pousar-lhe nos ombros divinos e ficavam a gorjear horas inteiras.

Quando ela passava, os prados de violetas derramavam mais arôma e os rosais floridos roçavam as suas carnes viçosas e estremeciam de gôzo. E ao vê-la assim, na irradiação luminosa de tôda a formosura plástica, Júpiter, alucinado,

estreitava-a nos braços possantes e osculava-a com loucura, dizendo-lhe :

— Oh ! Semmele, possa o azul, para tôda a infinidade dos séculos, assistir às nossas eternas bodas ! O teu peito tem mais perfume do que os jasmins do Olimpo e a tua bôca mais doçura do que os cortiços de mel. Não há nos mares um verde tam lúcido como o dos teus olhos nem pérolas mais belas do que os teus dentes, oh ! Semmele !

Ela, arrebatada, num abraço mais apertado e num suspiro mais fundo, respondia :

— Oh ! Júpiter ! que a tua adoração seja constante ! Antes de te ouvir, não tinha sentido ainda o gôzo que só o amor dá. Foste uma revelação para o meu espírito, porque, depois do teu primeiro ósculo, o Olimpo dardejou duma luz nova. Compreendo agora o mistério da morte entre os mortais. Deve ser dum grande encanto morrer com tanta ventura no coração, adormecer no sono perpétuo quando se é embalado por êste contentamento !

Ao descer da noite faíscante de estrêlas — essa noite que nas remotas eras da Hélade tinha um outro nome mais poético e mais vibrante de lirismo e de harmonia — recolhiam à gruta onde os coxins fabulosos das nuvens vinham tapetar

a terra dum manto diáfano, reluzindo entre as labaredas das pedras preciosas : — carbúnculos chamejantes, topázios suaves, diamantes que brilhavam mais do que o dia, esmeraldas dum verde sem par, safiras que dir-se-iam feitas do azul celeste.

As ninfas em côro rodeavam os dois amantes, que despiam cariciosamente, perfumando-os; as estrêlas coroavam em crescente os cabelos longos e flavos de Semmele ; nas tinas de mármore rosado amornava a água do banho tôda láctea de essências raras ; os leitos de cedro e prata escondiam-se entre doceis de sêda franjada a oiro ; nas lâmpadas de cristal, que pendiam do mármore dos tetos, ardiam óleos virgens que espalhavam penumbras misteriosas. As sílfides, mal começava o sono dos Deuses, que corria sem sobressaltos, vinham afagá-los brandamente ; nas balsas de jasmineiros cantavam roussinóis ; os alaúdes das nereidas gemiam cariciosamente ; e das harpas eólias, suspensas dos salgueirais, evolavam-se músicas incoercíveis como um hálito vago. A lua — como a lua era linda nessa longínqua época ! — ascendia no veludo dos céus, entre pálios de astros, com uma luminosidade desconhecida e incomparável ; e o rumor dos beijos, como uma palpitação de asas, vinha per-

der-se no hino glorioso do mundo, que todo amava numa volúpia ardente.

Em certos meses do ano, aproavam à ilha divina as altas naves que traziam marinheiros da Trácia e de tôdas as partes da Grécia, das paragens ignoradas do Ocidente, pensativos e curvados sôbre as amuradas. As tripulações, bêbedas do falerno diabólico, saltavam em terra e dirigiam-se à floresta sagrada, onde as esperavam as virgens desnudadas, mais pálidas do que açucenas, rodeando o templo de Vénus e esperando com resignada humildade o sacrifício. Então, um frémito potente soprava, as folhagens ramalhavam, acendiam-se as revôltas fogueiras onde rechinavam sucos cheirosos ; e tôda a noite se escutavam gemidos, ósculos brutais, rugidos de cio, cânticos pagãos, gritos roucos. Sôbre a sua ara, Vénus rejubilava e vibrava dum desejo sensual mais forte, acolhendo os Imortais que diante dela se prosternavam, na capitosa lúxúria das suas carícias.

Quando no céu surgia a estrêla de alva, Júpiter acordava e recebia das mimosas mãos de Semmele a taça de ambrosia. De novo as harpas suspiravam e os beijos flutuantes morriam, desfalecendo na amplidão da ilha, onde vicejavam rosas de tôda a sorte...

Mas ai! o amor mesmo entre os Deuses é transitório! Ao fim de anos de uma ternura infinita, veio a saciedade. Júpiter já não encontrava na perfeição de Semmele belezas ocultas que o arrebatassem. O viço das suas carnes era sempre o mesmo; o verde dos seus olhos, que reflectiam as paizagens luminosas e as fotosferas doiradas, nunca se toldava; a sua vida não tinha perturbações que o sacudissem fortemente — ciúmes ou ímpetos de luxúria. Começou a isolar-se, bocejando, para os sítios ermos, onde podia desafogar os seus tédios; e quando Semmele vinha, aérea e sorridente, fechar-lhe o pescoço num abraço, repelia-a com aspereza e aborrecimento.

Uma tarde, quando a sua tristeza mais pesada era, ao levantar os olhos, deparou Helena no seu terraço, regando os cravos. Era morena, e o seu olhar negro e líquido prometia gozos nunca fruidos à aspiração de Júpiter — porque nesse tempo, os Deuses ainda tinham aspirações e fantasia. Daí em diante, todos os dias êle admirava essa aparição olímpica, que enchera de cuidados a tranqüilidade do seu coração tranqüilo. Oh! como ela atraía irresistívelmente a ânsia do Pai dos Deuses, assim simples e ingénua, com a fronte coroada de anémonas e a clâ-

mide envolvendo-a de névoas vaporosas, deixando adivinhar a sua sobrenatural beleza corpórea! As pombas rodeavam-na num vôo lento e o jardim esplendia de luz, se ela aparecia, pensativa e risonha, entre os vastos alegretes de flores. Foi esta a adoração mais cândida que viveu na alma de Júpiter! Quando o soube assim namorado, Semmele tentou cativá-lo com todos os requintes da sua sedução de Deusa; mas o amante leal de outros tempos recebia alheado os seus beijos. Entre lamentações, Semmele exclamava:

— Oh! Júpiter, tu esqueces-me! Os teus beijos de agora não teem aquele fogo que outrora me abrasava, nem as tuas palavras a música incomparável e deliciosa que era o meu arroubamento. Porque me odeias, oh! bem amado? Não é o meu corpo tam belo como antigamente? Onde há ventre mais liso e fecundo do que o meu e ósculos mais quentes do que os destes lábios?

— Onde? Todas as bôcas que a minha ainda não tocou teem uma tentação que a tua foi perdendo. Cansaram-me as tuas graças, oh! Semmele! Antes tu me não tivesses encontrado, ou houvesses resistido às minhas solicitações!

E foi por uma alvorada loira de sol que Júpiter deixou a gruta para sempre, indo aninhar-se sob o afago de Helena, que o recebeu entre

os braços amorosos. Então, as harpas, os alaúdes, as sílfides e os elfos abandonaram a ilha de Semmele, que trocaram pela morada da Deusa a quem Júpiter escolhera para companheira. Gratas, vagarosas semanas volveram, no calor das novas doçuras, e todos os encantos de Helena resplandeceram de mocidade. Júpiter caíu numa outra embriaguez, no encantamento dos gozos desconhecidos. Mas ainda a saciedade chegou dentro de pouco ; e uma noite em que Leda lhe apareceu, banhando-se nas águas do oceano, como um lírio boiando nas vagas, olvidou Helena, para se enredar no amor do peito mais opulento e forte que até aí tinha visto. Leda era caprichosa. Amou Júpiter, mas obrigava-o a transformações e a metamorfoses, humilhando-o na sua vaidade. Ao subir das auroras, fugia do leito mole e mergulhava nas águas frias, escondia-se nas conchas nacaradas ; e êle seguia-a, lamentando-se num fundo suspiro. Os instantes mais felizes eram aqueles em que batia as suas asas de cisne entre os joelhos gordos da bem amada.

— Porque me desdenhas, oh ! Deusa ? Pois não te quero eu com uma constância que ainda não tive por nenhuma outra ? — preguntava Júpiter.

— É porque te amo muito, e quero que o teu amor seja firme para sempre. Se me entregasse sem resistência nos teus braços, oh! Júpiter, se me abandonasse humildemente aos teus beijos, a minha desventura seria irreparável...

— Pois, não é o amor imorredouro como nós?

— Não! Nem entre os Imortais existe a imortalidade do amor...

MARIA MADALENA

Tudo o que no seu coração havia de santidade e de sideral pureza dera-o ela aos homens que tinha amado, arrastada por um tumulto de ilusões que nunca floriram ; e agora, a sua mocidade e a candura da sua beleza iam mirrando tristemente, como uma rosa caída na poeira dos caminhos e de todos os pés calcada. Outrora, nas doiradas manhãs da adolescência, a formosura radiante de Maria Madalena iluminava almas e vergeis. Em pequenina, as morenas mulheres bíblicas, se lhe afagavam o rosto sereno onde se espelhava o alvor da inocência como a estrêla da madrugada num lago manso, erguiam as mãos e exclamavam :

— Abençoados sejam os peitos que te deram de mamar e o ventre que te gerou!

As pombas, descendo em revoadas dos altos minarêtes, nas tardes loiras de sol, vinham arrulhar na graça virginal dos seus ombros nus, e as cotovias poisavam-lhe cantando nos braços, feitos para pendentes e manilhas de ouro, na religiosidade das auroras nascentes. Assim fôra crescendo, pura como um lírio.

Ao tempo em que era môça, o seu corpo imaculado tinha o viço e a romântica alvura das açucenas: e os seios, severos e rígidos, como frutos novos, com lágrimas de aurora tremendo no meio, lembravam jaspes brunidos onde, por um milagre, manassem gotas de sangue que o frio congelasse. No lar em que desabrochara como um jasmim, errava um perfume de felicidade e de paz, que a sua virgindade enternecia.

Um dia, veio o primeiro amado e uma íntima e casta adoração encheu-lhe o peito ingénuo. Pelos finos silêncios do crepúsculo, ficava-se a olhá-lo enlevada, os olhos vagos tocados de luar, o peito arfando de sobressalto, a face ardendo de rubor. Ah! ser querida para sempre, ter perto de si alguém que a amparasse com tôda a bondade e todo o carinho, possuir um braço forte que a guiasse pelas ermas asperezas do mundo!

Era como se na sombra caíssem estrêlas, desprendidas da sêda dos céus plácidos e que esclarecessem tôda a treva. Mas o bem amado fugira, deixando-a, quando ela chorou de mágoa e de vergonha. Então, outros vieram, queimou-se no lume impuro que a abrasou, andou de mão em mão como uma flor a que se houvesse aspirado todo o aroma.

E sempre a humilhação, a desventura, o desalento, a crueldade ! Não sonhava já. As suas quimeras iam longe, num poente expirante que a vista mal alcançava. Desprezada, repelida da porta das herdades, escorraçada de tôda a piedade, esmolava sem destino pelas estradas, lavando as manchas do corpo com prantos ardentes. Os cães ladravam-lhe pelos atalhos, as crianças debandavam espavoridas quando ela, invadida por uma funda saüdade, queria beijá-las e apertá-las meigamente contra o seio ; os homens murmuravam-lhe ao ouvido palavras sórdidas, com gritos roucos de desejo ; e as noivas, ao voltar das fontes coroadas de narcisos frescos, cobriam aflitivamente a face, se a encontravam bebendo nos regatos ou repoisando das soalheiras que queimavam como labaredas, sob os sicómoros e as figueiras bravas.

Através das montanhas, correndo os descam-

pados e escutando o sussurro das fontes, lembrava os momentos amorosos doutrora e a sua juventude tam malfadada.

Os pastores atiravam-lhe côdeas duras que ela devorava sôfregamente; escondia-se pelos côncavos das serranias ou pelas quebradas dos vales, fugindo ao vento das noites sem luar.

Tôda a vida amára os outros, por êles se perdera e nunca alguém lhe teve amor. Com que alegria, com que piedosa gratidão, com que enlêvo descansaria a cabeça no seio daquele que a levantasse da lama! Mas quem se compadeceria da sua dor, quem apeteceria sequer o seu corpo maculado? Lívida, desgrenhada, batida de sarcasmos, mostrava as carnes por entre os farrapos que as chuvas tinham apodrecido. Os dedos esguios e ósseos engelharam e havia muito que não colhiam rosas; na sua bôca que o sofrimento empalidecera e enrugara, morreram as canções de idílio que antigamente lançava à aragem sonora. Todos a esqueceram; sòmente os soldados romanos, de grandes lanças com ferros polidos brilhando no cimo, a osculavam com fúria, se a deparavam no seu caminho, ao acaso, tam pobre e só como sempre, ou os foragidos e os vagabundos a assaltavam pelos matagais e pelos brejos, de olhar faíscando como

brasas vivas. E assim vivia, no lento desespêro dos anos que nenhuma consolação serenava. Até das sinagogas a varriam como a um lixo, para que a sua podridão moral não profanasse os templos e não corrompesse dum hálito empestado o ar e a unção dos ambientes purificados de virtude e de fé.

Jesus Cristo repoisava uma tarde à beira de um rórido pomar. Ia esmorecendo a rosa divina do sol ; em ranchos, os íbis passavam para os ninhos, e as côres gritantes desfaleciam na candidez do fim da tarde pacífica. Da terra, das cearas maduras, dos rios correndo e murmurando por entre os aloendros em flor, onde dormiam cegonhas, das densas florestas, dir-se-ia elevar-se uma oração que subia tranqüilamente para o céu. Uma poesia esparsa, feita de sonho, de infindável aspiração, de ternura, pairava na atmosfera translúcida.

Jesus palmilhava a terra negra da Judeia, ensinando a misericórdia e o perdão. Na gleba estéril que as suas sandálias rôtas pisassem, rejuvenesciam ervas ; rocha dura que o seu bordão de peregrino roçasse, inundava-se de água ;

os próprios cardos reverdeciam, se o visionário sublime os lamentava. Não se sabia de onde viera. A sua existência andava envolta numa teia de lendas e de mistérios; mas a fama dos seus milagres e a doçura da sua caridade espalhavam-se por tôda a Galilea.

Dizia-se que Jesus não possuía eirado ou vinha, choupana ou rebanho, trigal ou horta, e que, por isto mesmo, abalara, evangelizando, prègando o desdém pelas riquezas e rasgando ao infortúnio das almas a transcendente vereda da salvação, que atravessava charcos, galgava carcavões, trepava montes e se alava aos intermúndios da beleza eterna. O seu nome era abençoado pelos que muito padeciam; as suas palavras vertiam bálsamos maravilhosos nos peitos ulcerados de dôr.

Curava os leprosos, refrescava-lhes e ungia-lhes as chagas com remédios e arômas desconhecidos, oferecia aos famintos um pedaço do seu pão e mergulhava a palma da mão nos charcos para saciar a sêde aos mendigos. As criancinhas aproximavam-se dêle e queriam espreitar-lhe os olhos azúis, puxando-lhe levemente pelas pontas do *coffie*.

O Rabi nascera num casebre humilde de Nazaré e era filho de gente resignada e bôa.

Mais tarde, chamára para a sua companhia rudes pescadores, aconselhara-lhes o renunciamento das vaidades e partira no êxtasi da sua crença, libertando os escravos e redimindo os condenados. O seu poder extra-humano comunicara-se aos companheiros. Uma desamparada mãe clamava um dia contra a morte que lhe arrebatára o filho, seu derradeiro auxílio ; e Cristo ressuscitara-o, rezando.

Pedro, seu companheiro, ouvindo uma vez em Jaffa soluços abafados e vendo as mulheres carpir mágoas pela morte de Dorcas, vélha e ingénua tecedeira, trouxera-a novamente para a vida, levantando-lhe a pedra do túmulo. E logo da sepultura brotaram anémonas, e abelhas de ouro, como numa aleluía !

Jesus criou também a esperança, que surgiu gloriosamente da terra sagrada da Palestina.

Madalena assistia deslumbrada ao desenrolar dêstes milagres. Dentre a turba humana, Jesus Cristo era o único ser que não repelia os deserdados com a ponta do pé. Procurou-o através de selvas, de despenhadeiros e pragais. Os outros jogavam-lhe pedradas e duros escárnios ; mas as vilezas e as maldades não a afrontavam, porque na sua alma dealbava uma clara manhã de felicidade. Pensava que Jesus a acolheria

com carinho e lhe enxugaria docemente as suas lágrimas, e esta esperança seduzia-a.

Certo dia, explicava Cristo ao povo triste, num casál de Samaria, essas doutrinas libertadoras que volvidos séculos iluminaram a vasta desolação universal. Escutavam-no as multidões prosternadas que a miséria devorava como uma chaga, e sôbre as suas frontes brilhava um nimbo radiante. Madalena viu-o e ficou deslumbrada. Os seus desejos carnais acenderam-se diante da figura ideal dêsse homem na flor dos anos.

Tinha os lábios tam vermelhos que, por certo, jàmais neles haviam flamejado pecaminosos beijos : e as suas parábolas eram de uma tal suavidade que derramavam nos peitos atormentados uma pacificação indizívél. Como a adoração de Jesus daria gôzo às vontades sedentas! Pudesse ela rolar a cabeça delirante, desvairada de luxúria, naqueles ombros que as privações definharam!

Começou, então, a seguir o Rabi pelas sarças, pelos espinhais, pelos campos, pelas aldeias. Êle tam bom e tam justiceiro, não lhe negaria um quinhão dêsse amor que é a razão de tôda a vida. Havia de amá-lo apaixonadamente, de sofrer por êle, de acariciar-lhe os pés, chaguentos das caminhadas, na macieza das mãos.

Uma vez aproximou-se, tímida, medrosa, apavorada, e Cristo sorriu-lhe com meiguice. Sentia-se feliz, era a primeira vez que alguém se não enojava do seu crime. E contou, com os olhos rasos de água, tôdas as suas desditas, tôdas as suas angústias, tôda a sua desgraça imensa. No poente de oiro voavam as garças, batendo as asas, e as rosas desfaleciam na languidez crepuscular. Jesus ajoelhara, comovido. Uma serenidade augusta dava relêvo à sua figura etérea e a sua voz pausada e profética ressoava no silêncio.

— O mundo é mau, em verdade to digo. Ama as coisas efémeras da terra e a tua desventura será enorme. Mas ergue a fronte, que o teu amor vá para o alto, para Deus, que não engana . . .

Um pranto de consolação e de alívio inundava as faces de Madalena, desoprimindo-a ; as revoltas do seu sangue apagavam-se.

— Chora ! — murmurou Cristo. Chora sempre, que o pranto purifica e torna a dôr fecunda como as cearas. Chegará um minuto supremo em que a tua existência atinja o céu.

— Todos me repelem ! Sou mais desgraçada do que as cadelas leprosas.

— Sofre, que o sofrimento deixará o teu coração tam branco como os lírios de Galaad.

Vinha subindo a lua redonda e resplandecente, como numa apoteose. O ar toldava-se duma poeirada ténue de astros. As palmeiras ramalhavam à perfumada aragem que passava. Madalena repoisara a fronte sôbre os braços de Jesus!

Havia tanto tempo que não dormia assim!

Cristo admirou-a na sua quietude confiada. Irradiava de claridade. E êle era moço; aquele coração torturado, palpitando junto do seu, perturbava-o.

No seu sentimento, repentinamente, definira-se um mistério. Era, afinal, humano e feito do mesmo barro que gerára a primeira criatura; uma tentação empolgava-o. Estremeceu até à mais recôndita fibra do seu ser, quando poisára a sua bôca na de Madalena, num ósculo imaterial e longo. A pecadora acordára dum sonho infinitamente lindo e contemplava-o mudamente; mas Cristo, sublime, dizia:

— Que o beijo que eu te dei seja, através dos tempos, o símbolo da misericórdia e do arrependimento e que as tuas lágrimas lavem tôdas as culpas das que errarem!

Alvorecia; uma luz de incomparável pureza cobria a terra inteira...

VAGABUNDOS

Era, sobretudo, nas solitárias noites de inverno que êle costumava correr a cidade erma; e a sua silhueta vaga, sob a claridade das estrêlas que fulgiam como rosas de oiro nos céus distantes, surgindo inesperadamente nos violentos listrões de luz que o gás, flamejando em leque nos candieiros, alastrava nas calçadas enregeladas como grandes nódoas sangrentas, dava a impressão dum Hamlet que de súbito endoidecesse e que ficasse errando e monologando na escuridão, cheio de lágrimas e de desgraça. Naturalmente não tinha conhecido a doçura celeste e a indizível candura dos beijos duma suave e amorosa mãe, que o embalasse nos braços e o

adormecesse ao brando calor do seio imaculado. E, no entanto, há criaturas que nascem, como flores raras, entre finas rendas, ténues plumas e macios veludos, e crescem divinamente como lírios desabrochando nas sonoras manhãs loiras de sol. A asa leve e romântica da ventura estende-se vitoriosamente sôbre elas, como um docel de astros, agasalhando-as e escondendo-as às angústias crueis da desventura. Mas êle devia ter aparecido neste mundo já miserável como um trapo que todos os pés revolvem e que nenhuma branca mão levanta da lama. Jàmais da sua infância irradiou êsse sacrossanto nimbo de pureza etereal que se evola das almas purificadas e juvenis ; jàmais o sobressaltaria êsse enternecido e lírico sonho que na mocidade vitoriosa esplende sôbre as faces, onde o pranto dura tanto como o orvalho nas corolas, pelas manhãs nascentes.

Não fulgurava clarão de beleza mística nos seus olhos amortecidos, nem um alvo luar de alegria se acendia na sua bôca pálida. Contudo, parecia resignado na sua imensa miséria e não tinha inveja aos predestinados para colherem na terra a quimérica flor da ventura e para aspirarem o perturbante aroma de todos os gozos e de todos os prazeres. À sua volta tudo parecia contente e feliz. Os céus desdobravam sôbre a pai-

zagem os seus azúis mais translúcidos e serenos ; do chão, pelas sagradas primaveras, rompiam vivas sinfonias de côr ; as rosas vicejavam nos vergeis, trepavam aos ramos, enroscando-se, como serpentes, nos musgosos troncos, e coroavam as árvores que davam a impressão de bandos de virgens gregas avançando altivamente, na ondulação rítmica e lenta dos seus harmoniosos corpos impecáveis e desfilando nas procissões nupciais, e nos corações gorjeava a ave matinal do amor.

Só para êste caminheiro taciturno havia pelas estradas pedras duras onde a carne ficava aos farrapos nas suas quotidianas e amargas jornadas. O sofrimento começou para êle na hora sombria em que bebeu o primeiro sorvo de leite. Desconhecia a dulcificação sublime dos afagos e perto do seu peito ainda não havia batido um coração carinhoso e amigo.

Soltou os primeiros vagidos nas palhas frias dum casebre, andou calcado pelos desprezos de tôda a gente, como erva maninha que rebentasse em chão estéril, adormeceu pelos lagedos, sob o vento e sob as neves de dezembro, junto dos boeiros ou na treva dos portais, abandonado à piedade de quem passava. Na terra, apenas a rua o havia acolhido generosamente, sendo o seu

leito desde que veio para a desdita irremediável da existência; essa mesma terra teria de oferecer-lhe um dia o ventre protector e fecundo, onde tôdas as agonias acabam e tôdas as ânsias repoisam no eterno sono. Só então seria redimido, no seio inefável da morte, quando lhe gelasse o sangue nas veias e se extinguisse a scentelha vital que o iluminava. Por enquanto, andava ao acaso da incerteza, e nem sempre encontrava migalhas para saciar os desesperos da fome.

Pelos buracos das roupas que lhe cobriam o corpo, apareciam as carnes tiritando, rôxas e exangues, tôdas engelhadas, evocando pergaminhos vélhos; as barbas crescidas, onde fios compridos alvejavam, empastavam-se-lhe no pescoço emmagrecido. Lembrava-se de que outrora não padecia como agora. Na juventude, levam-se cantando as mais ásperas dores; mas, quando a alma se alumia de sentimento e quando nela ascende uma espiritual aurora, a tortura contínua tolda de prantos os destinos desamparados. Oh! como êle devia sentir a saüdade remota dum bem não atingido e de uma ventura que não mais alcançaria, antes que para ela erguesse as mãos crispadas, ao relembrar-se das ilusões ardentemente idealizadas e da linda primavera amorosa que poderia ter sido a sua vida!

Passava momentos esquecidos encostado às esquinas, de olhos baixos, de braços cruzados sôbre o peito e os pés saindo-lhe dos rasgões de umas botas que encontrou, por acaso! Às vezes a chuva caía desabridamente, encharcava os asfaltos. Êle pedia esmola, mas contemplava os que passavam com um olhar tam queimado de tormento, que comovia e fazia pensar. A sua indiferença era infinita. Como o viam grotesco e alquebrado, os garotos, como êle órfãos de afeições, crivavam-no de chufas e de escárnios, jogavam-lhe pedradas. Pois o seu braço exausto não se erguia para a desafronta, nem a sua voz débil suspirava um queixume.

— O' *Pernas de parafuso!* — exclamavam os gaiatos, puxando-lhe pela aba do casaco que se despegava aos pedaços.

— Como vai a senhora?

— E os pequenos?

E o silêncio doloroso não se interrompia.

— Vá, *Pernas de parafuso*, um discurso! — gritavam os rapazes.

— S. ex.ª está fraquinho. Naturalmente, não ceou.

— Ora essa! Para que diabo quere êle o que tem? Para levar para a cova?

— Tu tens palácios, *Pernas de parafuso?*

A sua mudez era inalterável ; mas, de vez em quando, sorria-se com mágoa, na necessidade que todos os desgraçados experimentam de se darem ao sarcasmo dos outros mais felizes.

O sarcasmo de *Pernas de parafuso* era flagrante. Saíra um dia para a sua via-tormentosa com umas calças muito largas, que lhe tinham oferecido, por caridade. A cada passada, tôdas elas se torciam, ennovelando-se-lhe nas pernas esguias ; e na multidão, o imprevisto espectáculo despertava uma viva hilariedade. De repente, um pequenito que vendia jornais, de carinha chupada e sem viço, parou e atravessando-se-lhe na frente, preguntou :

— Para onde vais, ó *Pernas de parafuso ?*

Outros ouviram a ironia espontâneamente lançada sem intenção de celebridade e o epíteto ficára pregado à sua miséria como uma condenação implacável. A princípio, a satíra doía-lhe fundo, e fugia às montarias com terror, escoando-se na sombra, rente com as paredes, como um cão sem dono, escorraçado por todos ; mas raramente escapava à troça que o perseguia pelas ruelas e pelos becos escuros. Até a solidão do pardieiro em que se abrigava era perturbada pela algazarra. Quantas noites, desfalecido da correria, corcovado e fúnebre, a fronte cavada de rugas,

estendido nas palhas que lhe serviam de cama, inerte como um cadáver, ia scismando no seu infortúnio, na sua existência desagasalhada que não lhe dava fôrças para o trabalho árduo! O sono vinha serenar as suas penosas meditações; mas ao cerrar das pálpebras, ressoava uma ironia:

— Dormes, ó *Permas de parafuso?* Pois, dorme-te a fazenda também!

Por fim, familiarizou-se com as troças e nem já escutava as jogralidades com que o perseguiam. À roda da sua penúria tudo se confundia pesadamente numa densa obscuridade: — as linhas, os aspectos, os sons, as tonalidades; e o passado era um cemitério enorme onde se alongavam as projecções das cruzes e as manchas trágicas dos ciprestes.

O vagabundo conhecia uma pobre vèlhinha, como êle inútil e perdida no tenebroso mar do mundo. Dobrada em arco, trôpega, quási cega, mendigava de sol a sol, quando podia arrastar-se, gemendo, para a porta das igrejas, onde a piedade costumava surgir, teatral e aparatosa, no rugido das sêdas. As suas orações tinham

uma suavidade de murmúrio de água ou de cântico religioso entoado a distância. Sentada a uma réstea de luz, espreitando o azul dos céus para onde os seus olhos se alavam como duas andorinhas, estendia os dedos descarnados de espectro, lamuriando :

— Oh ! minha rica senhora, lembre-se desta entrevadinha, pelo amor de Deus !

E, quando no seu regaço tilintavam algumas moedas de cobre, rezava comovidamente, pedindo ao céu tôda a sorte de felicidades para aqueles que se não esquecem dos miseráveis.

— Nosso Senhor a guarde, minha bôa bemfeitora. Padre Nosso . . .

Recolhiam a casa muito aconchegados, contando os episódios das duras caminhadas ; e lembravam as suas madrugadas de idílio tam longe, Nossa Senhora, como as suas mocidades !

— Oh ! Mariana, como o mundo é !

— Triste de quem nasce, António !

— Há muitos para quem a vida tem consolação e alegria !

— O Senhor sabe o que vai na alma de cada um.

— É verdade ! Mas quando há alguém para nos ajudar, o desgôsto é mais pequeno . . .

Depois, calavam-se e embrenhavam-se em tristezas.

Mariana pernoitava num curral de que não pagava renda e António entrava no seu pardieiro sem ar. Logo de manhã se tornavam a ver, tremendo, gelados, as mãos perto da bôca:

— Está hoje tanto frio! Bons dias, António.

— Córta! Jesus, como custa viver! Bons dias, Mariana!

Repartiam, quando tinham necessidade, as côdeas mendigadas e confortavam-se um ao outro com bondade. Uma noite, começaram a acordar do esquecimento lembranças mortas:

— Tu nunca tiveste família, Mariana?

— Olha que não sei! Desde que me conheço, fui sempre só. Parece que me encontraram por aí! E tu?

— Eu tive. Foi há muitos anos, quando me casei. Era marujo e andava pelos mares no cabo do mundo, num navio.

— A mim ninguém me quis, por eu não possuir dote. Servi amos, levei pancadas, e tive a sorte das outras mulheres como eu. Entrei para o hospital doente e saí de lá aleijada. Botei-me a pedir, e assim vou ganhando o pão, que é pouco. Quando o engulo, tenho vontade de comer mais.

— E se fôssemos ainda novos ?

— P'ra quê ? Eu cá por mim não queria. A minha estrada está no fim.

— Ah ! se eu fôsse novo ! . . .

— Mas a tua mulher, os teus filhos ? Tiveste filhos, António ?

— Ao voltar da derradeira viagem, não encontrei ninguém — nem ela nem dùas crianças que tínhamos. Fugiu com outro e levou os pequeninos que eram também meus. Chorei, ralei-me de aflições, procurei-os e cá estou à espera da morte.

— E nunca os viste ?

— Não ! Perdemo-nos . . . perdi-me dêles. Agora não os conheço nem me conhecem a mim !

— Uma dessas ! . . . Bôas noites, António !

— Bôas noites ! . . .

AMOR, AMOR...

— O amor tem as suas singularidades, creiam! — afirmava Nuno a um grupo de senhoras com quem estava conversando, na praia, à hora idílica do banho, sob um tôldo de lôna, donde a sombra descia, veludosa e suave.

E como no rancho havia doces raparigas de olhar claro e pensativo apenas entradas nos mistérios da adolescência, êle, exagerando propositalmente, fez uma larga e irónica divagação sôbre as paixões amorosas.

— Aos dezoito anos, por exemplo, não haverá coração feminino que não sonhe exaltadamente com a romântica aparição dum príncipe loiro e juvenil que traga a flor dos olhos exta-

siada nas estrêlas e que surja de repente na curva duma estrada, à beira duma floresta, nas sumptuosidades decorativas dum baile, exibindo a sua palidez e a sua tristeza de incompreendido.

— E aos vinte ? — preguntaram as senhoras, em côro e sorrindo.

— Aos vinte, as almas ingénuas ainda vagueiam pelas floridas regiões da quimera, idealizando bardos coroados de violetas e de mirtos perfumados à moda helenica, que venham, nas noites de luar, fazer ouvir as suas teorbas e os seus arrabis sob os balcões namorados, esperando as meigas confidências das vozes soluçantes. Dos vinte anos em diante, as baladas começam a aborrecer.

— Ora essa! — murmurou o côro, sarcàsticamente.

— De-certo, minhas senhoras. As realidades da vida são incompatíveis com os poéticos estados de graça.

— E então ?

— Então, como a partir dessa idade a mulher se torne mais positiva, mais reflectida e mais terrestre, a sua ambição lírica transmuda-se. Já não faz questão de príncipes e de trovadores : deseja, simplesmente, um homem rico que possa satisfazer todos os seus caprichos de

luxo, de elegância, que disponha do dinheiro necessário à realização de tôdas as suas vaidades.

— Oh! que mau psicólogo é!...

— Mau psicólogo? Rectifiquei há muito a precisão das minhas análises psicológicas. As criaturas com a minha experiência teem a obrigação de se não enganarem e de não serem ligeiras nos seus juízos críticos.

Estava uma linda manhã dos fins de setembro, já entristecida por uma vaga melancolia outonal. Dos céus altos caía sôbre a paizagem uma luz branda que dourava as perspectivas. O mar espreguiçava-se indolentemente na nitidez da claridade, enrugando-se sob o azul translúcido como um setim desdobrado ao vento e tocando-se, de longe a longe, da brancura das espumas, ténues e frágeis como rendas. A essa hora, o ar era mais ligeiro, impregnando-se do cheiro acre das rezinas dos pinheirais, e o sol dardejava como uma rosa de fogo. Às vezes, passavam, deslizando, escorregando sôbre as águas, talhando sulcos luminosos e leves nas ondas, pequeninos barcos abrindo a asa alva das vélas à lenta aragem: e ao fundo, o horizonte era todo côr de rosa e ouro. As crianças, com cabelos em aneis sôbre a brancura dos *bibes*, brincavam, saltavam, de pés nús, na areia, que refulgia: e à

volta de Nuno, escutando os seus parodoxos ou as suas *blagues*, agitava-se e palrava animadamente, todo um bando de raparigas que traziam no peito um sonho de ternura.

— Se querem que lhes diga — continuou êle — asseverarei que os homens, tam mal julgados pelo Eterno Feminino, são incomparàvelmente mais sinceros e constantes nos seus sentimentos, do que as mulheres.

— Que mentira! — acudiram muitas vozes ao mesmo tempo. Os homens!... — protestaram desdenhosamente.

— Sim, minhas senhoras, os homens!

E acendendo um cigarro indolentemente, cantou:

La donna e mobile
Qual piuma al vento...

— Isso é o que diz, inconsideradamente, a canção do *Rigoleto.*

— A canção é verdadeira.

— Provas! Venham provas! — pediram de vários lados.

— Certamente! — respondeu Nuno.

Recostando-se na sua cadeira tôsca e soprando com delícia, à brisa matutina, baforadas de fumo que se azulavam na atmosfera, espiralando-se e dissipando-se, Nuno exclamou:

— Querem então provas duma paixão masculina bem sincera, bem leal e constante? Então ouçam: — Conheci outrora um homem extraordinário que, na mocidade, amou sem esperança uma bela mulher que fez a tortura, o encanto e a saüdade da sua existência.

— Ama-se justamente assim nos romances! — interrompeu uma dama, rindo com ironia.

— E na vida, creia. O caso que vou narrar, por mais falso que pareça, é absolutamente verdadeiro; mas, peço que me não interrompam, para que as minhas recordações se não obscureçam... Disse que êsse homem amava sem esperança, porque a mulher por quem se apaixonára era casada de poucos meses e porque o meu amigo foi sempre um homem de princípios em quem a obrigação, o dever moral, prevaleciam através de tudo, mesmo dos mais fundos egoísmos.

— Oh! então foi, de-certo, educado por S. Francisco de Assis — atalhou com zombaria a mesma voz impertinente.

— E porque não seria educado pela própria consciência? — replicou Nuno.

— Em amor, a consciência não passa duma fútil imagem literária — atalhou a sua contraditora, uma loura de olhos azúis, leitora assídua de Paul Bourget.

— Nesse caso, o meu amigo constituía uma excepção à regra geral, porque tinha uma consciência íntegra... Durante longos meses de angústia, a sua adoração, que tanto o fazia sofrer, foi aumentando sucessivamente e, para se dominar, para recalcar dentro de si o segrêdo que o sufocava, empregava os maiores esforços. Procurava ver, todos os dias, a sua deusa tirânica, seguia-lhe dòcilmente os passos, sem vontade, incapaz de rebeldias vitoriosas contra aquele amor que considerava absurdo, mas por tal forma disfarçava a sua perturbação, que nunca se traíu aos olhares mais subtis. Constantemente a surpreendia, feliz, descuidada, com a sua alegria, a sua beleza dominadora, a massa dos cabelos negros enrolados no alto da cabeça, os olhos perscrutadores e dum verde quási líquido, que riam sempre e lhe iluminavam a fronte. Insurgia-se contra êste despotismo que o trazia alheado, indiferente, esquecido das coisas sérias da existência, numa abstracção espiritual, num scismar vago flutuando em atmosferas imateriais, prometia a si mesmo libertar-se, fugir, recuperar a serenidade perdida, mas terminava por sucumbir. A idea da separação era-lhe dolorosa, intolerável, e ia-a adiando sempre para o dia seguinte, pensando que teria muito tempo para

ser infeliz. Contava então vinte e dois anos e entrava apenas nas duras realidades do mundo.

— Quanto desinterêsse e que anomália ! Porque nessa idade, como o senhor disse há pouco, o que seduz é o dinheiro, a ambição do prazer material — bradaram triunfantemente as senhoras.

— Perdão ! — atalhou Nuno. Eu falei àcêrca das mulheres. A minha teoria não pode aplicar-se aos homens que, ordinàriamente, mostram um absoluto desapêgo pelos bens temporais... Mas escutem ! Não conseguindo por mais tempo vencer o seu desespêro, abafar a sua dor, o meu amigo decidiu-se a partir.

— Bem diz o provérbio : — longe da vista, longe do coração.

— O provérbio desta vez falha, minhas senhoras. Não afirmei eu que o meu apaixonado era uma excepção à regra geral ? Afastado da criatura que lhe havia inspirado um tam puro e forte amor, quis-lhe ainda com mais ansiedade e mais constância. A sua veneração tornara-se por tal modo absorvente que foi a preocupação, o cuidado conjuntamente amargo e terno da sua vida. Viajou, trabalhou muito, enriqueceu e os anos, passando sôbre êle, envelheceram-no . . .

— Já sabemos o resto. É escusado continuar.

Como nas novelas, êsse namorado infeliz merecêra a protecção das divindades benéficas, que eram suas madrinhas e que na infância lhe embalaram os sonos cândidos e inocentes. Vendo-o triste e acabrunhado aos quarenta anos, decidiram levar-lhe a ventura a casa, e uma tarde, reünidas, assassinaram o marido da mulher que o trazia enfeitiçado, deixando-a viúva...

— Ou ela se divorciou...

— Sim! Ou ela se divorciou, o que dispensava as crueldades. Depois, já quando estava inteiramente livre, ou pela viüvez ou pelo divórcio, o que tanto importa, o seu amigo casou com ela. Enfim, sós!...

Na praia ia uma jovial balbúrdia de risos, de gargalhadas, de exclamações. Algumas banhistas retardatárias entravam na água, arripiando-se de frio e deixavam boiar os corpos, de curvas harmoniosas, ao lume das vagas, como esplêndidas florações de carne. Outras, saíam do mar, com as roupas encharcadas desenhando-lhes as formas vigorosamente; e Nuno, um momento distraído a contemplá-las, imaginava que novas Vénus, como nas alvoradas helénicas, nasciam das conchas marinhas.

— Não foi assim? Diga! — reclamou o bando sarcástico.

— Não, minhas senhoras. Por mais que fantasiem não encontrarão o desfêcho da minha história verídica.

— Oh! então!...

— Se ela é absolutamente real e a verdade se não compraz com frivolidades!... Até aos quarenta anos, o meu amigo foi completamente fiel à visão amorosa dos seus tempos moços e confiantes.

— Apre, que dedicação! — interrompeu, gracejando, o rancho das ouvintes.

— Não é assim? As mulheres desconhecem, bem sei, esta lealdade, que é uma das raras virtudes do coração humano. Só o sexo forte oferece ainda dêstes exemplos eloqüentes. Não o dizia eu há pouco?

— Não divague! — acudiram as senhoras já interessadas e um pouco vèxadas pelo sarcasmo de Nuno. E depois?

— Depois, o meu amigo, um dia, condenado a uma vèlhice solitária e desamparada de dedicações, teve de súbito o desejo de voltar a ver os sítios em que fôra feliz. Passára pela existência sem lhe sentir o encanto, a doçura, a meiguice: e parecia-lhe justo êste regresso ao passado, onde ficára abandonada, pelo seu afecto, uma pura flor de beleza. Para lá se dirigiu, como

um peregrino, como um romeiro piedoso, transfigurado por uma emoção, que a saüdade suavizava : e ao chegar à aldeia onde conhecera, em auroras findas, a mulher inolvidável, ía recordando tudo o que o enlevára e tôda a felicidade que perdera. Eram ainda as mesmas as árvores que lhe tinham dado sombra propícia na mocidade, encontrava as mesmas vivendas com diligentes *menagères* lidando no interior, desabrochavam nos jardins as mesmas rosas — e, no entanto, uma grande mudança se havia operado, tanto no meio envolvente como na sua alma. O seu sentimento, que outrora confiára, desalentara-se, resignando-se à melancolia das dores irremediáveis : e as crianças que antigamente conhecera, galrando em ranchos joviais e contentes, estavam agora casadas e tinham filhos. O meu amigo, pensando nisto, considerava a sua irreparável falência — a falência dum lar que fôsse o seu refúgio, a constituïção duma família que o rodeasse de bem-estar. Tam de-pressa a vida foge ! A gente fecha os olhos, adormece um instante e quando acorda, desconhece o que nos cérca.

— E nada mais ? — preguntaram ansiosamente as senhoras.

— Esperem ! A história ainda não acabou !...

O meu amigo, movido pela intensidade das suas evocações, quis contemplar, outra vez, a morada silenciosa da mulher que tinha amado com tanta abnegação e um incomparável espírito de sacrifício, e procurou-a entre as outras vivendas. Lá estava ainda, com os seus telhados de largo beiral onde as andorinhas faziam ninho pela primavera, entre arvoredos e jardins. Diante dela, as suas recordações adquiriram maior lucidez. Perdia-se em suposições e hipóteses. Albina seria viva ?

Teria ela compreendido algum dia, com êsse quinto sentido que as mulheres possuem, a sua muda adoração, teria surpreendido a intensidade do seu amor num olhar mais febril e revelador ? De-certo que não ! Parecera-lhe sempre tam serena, tam quieta !

Estava embebido nestes devaneios, quando inesperadamente viu descer a varanda uma elegante rapariga que não teria mais de vinte anos e que era a ressurreição miraculosa de Albina ! Tinha o mesmo perfil, recortando-se puramente no disco da luz, os mesmos olhos dum verde líquido, a mesma testa ebúrnea e alta coroada pela massa dos mesmos cabelos negros e luzidios, era o mesmo vulto elegante e errava-lhe nos lábios vermelhos e virginais o mesmo riso

nam a ressuscitar para os deslumbramentos dêste mundo em que nos movemos. Serão, mais tarde, numa nova combinação da substância, energias, fluidos, rosas ou fôrças supremas, andarão dispersos em poeiradas de oiro nos espaços imensos, rolarão arrastados pelas tempestades, rugirão nas cóleras dos mares. Fôlhas, darão sombra, nos dias esbraseados de sol, aos caminheiros cansados ; trechos de paizagem, manchas de côr, oferecerão enlêvo aos corações capazes de sentir.

Assim meditava eu, por uma destas tardes de setembro, em que uma vaga nota outonal e meiga melancoliza já a natureza com tintas de uma suavidade indizível, ao ver passar para o cemitério essa pobre criatura que mal teve tempo de viver e que, por certo, nunca soube o que eram os prazeres e as alegrias inefáveis do mundo. Expirara no momento dôce em que as andorinhas emigram e em que na atmosfera erra uma fina serenidade elegíaca, ao amarelecer das fôlhas e ao empalidecer dos ocasos religiosos e tristes. Eu conhecera-a pequenina, ao colo da ama, entre toucas de renda e cambraias vaporosas, com uma beleza angélica a iluminar-lhe a face cândida, que nenhuma impureza, que a mancha mais leve ainda tinham maculado. Res-

plandecia de inocência e castidade na primeira alvorada da sua infância, e não sei que virgindade, que halo imponderável de sideral poesia a aureolavam de esplendor. Os que dela então se aproximavam, era como se recebessem a visitação duma divindade visível.

Vi-a, depois, em plena irradiação da sua graça juvenil, lembrando uma dessas princezinhas espanholas com longos cabelos que parecem feitos de ouro e de sêda esfiada e que Velasquez, historiador de realezas, imortalizou em telas incomparáveis. Tôda a alma inocente se lhe reflectia nos olhos.

E com que adoração, com que amor os pais lhe queriam ! Era a luz purificadora dum lar, a felicidade das criaturas que viviam absorvidas, extasiadas na refulgência etérea da sua formosura. Deus concedera-lhe a piedade tocante e a mais linda mocidade que ainda admirei. Certamente que do chão que os seus pés calcassem, desabrochariam jasmins, como nas suaves lendas e nos milagres da igreja. Santa Beatriz, quando orava, deixava cair da bôca pálida lírios brancos ; o bordão de S. José refloriu um dia em açucenas, que os ventos ardentes e os sóis calcinadores não conseguiram crestar ; Santa Isabel transformava as esmolas em flores. E ela (a

nam a ressuscitar para os deslumbramentos dêste mundo em que nos movemos. Serão, mais tarde, numa nova combinação da substância, energias, fluidos, rosas ou fôrças supremas, andarão dispersos em poeiradas de oiro nos espaços imensos, rolarão arrastados pelas tempestades, rugirão nas cóleras dos mares. Fôlhas, darão sombra, nos dias esbraseados de sol, aos caminheiros cansados ; trechos de paizagem, manchas de côr, oferecerão enlêvo aos corações capazes de sentir.

Assim meditava eu, por uma destas tardes de setembro, em que uma vaga nota outonal e meiga melancoliza já a natureza com tintas de uma suavidade indizível, ao ver passar para o cemitério essa pobre criatura que mal teve tempo de viver e que, por certo, nunca soube o que eram os prazeres e as alegrias inefáveis do mundo. Expirara no momento dôce em que as andorinhas emigram e em que na atmosfera erra uma fina serenidade elegíaca, ao amarelecer das fôlhas e ao empalidecer dos ocasos religiosos e tristes. Eu conhecera-a pequenina, ao colo da ama, entre toucas de renda e cambraias vaporosas, com uma beleza angélica a iluminar-lhe a face cândida, que nenhuma impureza, que a mancha mais leve ainda tinham maculado. Res-

plandecia de inocência e castidade na primeira alvorada da sua infância, e não sei que virgindade, que halo imponderável de sideral poesia a aureolavam de esplendor. Os que dela então se aproximavam, era como se recebessem a visitação duma divindade visível.

Vi-a, depois, em plena irradiação da sua graça juvenil, lembrando uma dessas princezinhas espanholas com longos cabelos que parecem feitos de ouro e de sêda esfiada e que Velasquez, historiador de realezas, imortalizou em telas incomparáveis. Tôda a alma inocente se lhe reflectia nos olhos.

E com que adoração, com que amor os pais lhe queriam! Era a luz purificadora dum lar, a felicidade das criaturas que viviam absorvidas, extasiadas na refulgência etérea da sua formosura. Deus concedera-lhe a piedade tocante e a mais linda mocidade que ainda admirei. Certamente que do chão que os seus pés calcassem, desabrochariam jasmins, como nas suaves lendas e nos milagres da igreja. Santa Beatriz, quando orava, deixava cair da bôca pálida lírios brancos; o bordão de S. José refloriu um dia em açucenas, que os ventos ardentes e os sóis calcinadores não conseguiram crestar; Santa Isabel transformava as esmolas em flores. E ela c a

assim! Em todo o seu ser delicado e frágil havia um mistério infinito e perpétuo: a mãe, quando a apertava nos braços comovidamente, murmurava com fervor:

— Tu não pertences à terra, meu amor! Mas que Deus se lembre do que tenho padecido e te conserve para sempre na minha companhia!

E cobria-a de exaltados beijos. O pai jàmais a olhou sem que as lágrimas lhe não turvassem a vista; e, quando em casa havia aflições, desesperos e agonias, abraçava-se nela, invocando a protecção celeste e suportando com resignação tôdas as amarguras e tôdas as dores.

— O meu tesouro é êste! — exclamava com paixão e confiança.

A filha afagava-os amorosamente e chorava de contentamento; e os anos deslizavam com placidez, sem um sobressalto mais agitado. Refloriam vergeis e pomares, no peito dos desalentados fazia-se a paz e cada primavera que surgia alegrava o mundo inteiro, como um perdão que do céu caísse misericordiosamente.

Volveram tempos: eu tive de sair da aldeia para os combates ásperos da vida; e, durante a longa ausência, não tornei a ouvir falar dela. Mas conservava a sua imagem dentro da alma,

translúcida e luminosa, como um sonho de ideal beleza. Às vezes, reconstituía-a na minha imaginação, com a sua evocadora e ingénua pureza e sentia encanto em relembrá-la.

Quando voltei, encontrei-a em plena juventude, e comparei-a a uma árvore que por minhas mãos plantasse e que, dum verão para o outro, sem eu saber como, se cobrisse de flor.

Na adolescência, tinha um ar olímpico de deusa, uma fronte espaçosa e alta que os cabelos fulvos aureolavam duma nuvem dourada e uns olhos que dir-se-iam pervincas — dessas pervincas que aparecem nos primeiros dias dos invernos serenos, aveludadas, macias e de tons ainda não esvaídos.

— Como esta vida é! — dizia eu, ao considerá-la vagarosamente. Bastam algumas horas para que ela transfigure as almas. Num dia, nasce-se, ama-se, sofre-se e desaparece-se. E como a existência humana é desgraçada! À volta de nós, tudo remoça — troncos, veigas, fôlhas, ervas humildes. A paizagem tem o seu noivado imortal; nas sebes, ao raiar das auroras cândidas, quando as espinhosas se desentranham em cachos de florescências, cantam e sonham ninhos; as sarças ennegrecem de amoras ou embranquecem de setins brandos, como se sôbre

elas caísse o pó dos astros, pelas noites de luar; os jardins vicejam. Depois dos invernos lacrimosos, as estrêlas acendem-se e scintilam, a lua ascende, os azúis do céu brilham! Oh! mas entre os homens a primavera é rápida e bem de-pressa declina e a vèlhice não perdoa!

Luísa — chamava-se Luísa — trazia então dentro da alma, como um jasmim de luz espiritual, a quimera do amor; e êste segrêdo cândido maior relêvo dava à sua beleza astral de mulher. Para ela, o mundo era uma ressurreição maravilhosa, desenrolando-se em constelações, em vergeis, em arvoredos, onde as aves cantavam sempre e onde uma humanidade já perfeita entoava os seus hinos cheios de fé e de ternura.

Novamente parti e a sua recordação foi-se apagando na minha saüdade, como fumo que as aragens levam para longe e esfarrapam no ar diáfano; e um dia, já quando na minha lembrança não restava dela traço mais vivo, impressão mais profunda, eis que deparo com ela, de noite, à esquina mal iluminada duma rua da cidade onde me encontrava.

Foi ela que me reconheceu e murmurou uma palavra débil, murmurada com timidez, com receio.

— Quem é a menina ? — preguntei.

— Já se não lembra ? Sou a Luísa, a sua amiga de tempos felizes . . . Hoje estou assim.

Fiquei transido ! Que caminhos de horror e de crime ela percorrera, a que pântanos descera, para chegar àquele estado de miséria inconcebível, mas ainda tôda esplendente do fulgor que na mulher nunca se apaga por mais que se roje nos lameiros da miséria ?

— Pois és tu, Luísa !

— Não admira que se não recorde ! Todos me esqueceram e até eu me não lembro. Não sei o que fui nem o que sou ! Só sei que a minha dor é tam grande, que a cada momento peço a Deus que me leve . . . Mas a morte não faz caso das infelizes da minha condição !

— Como foi isso ? Como vieste tu para êste inferno ?

— A sorte ! . . . O meu destino era êste !

Rompeu num chôro convulso, que fazia estremecer o seu pobre peito magro.

— E teu pai ?

— Morreu ! Minha mãe também morreu. Só eu fiquei ! . . . Tenho fome ! . . .

Silenciosamente levei-a para casa, onde ceou.

Devorava com a pressa alucinada de quem tinha mêdo ; e enquanto comia, olhava-me es-

pavoridamente e com um ar de dúvida, como se eu fôsse um inimigo.

Diante dela, eu evocava tudo o que fôra essa desventurada rapariga, que se transviára na vereda luarosa da felicidade e que de queda em queda, fôra perdendo tudo o que nela havia de sagrado e de divino — de divino, porque as mulheres, pelo seu mistério, pela sua bondade, pelo seu sentimento, estão mais perto de Deus, do que os homens a quem o desalento e o mal do mundo esterilizam a crença e a piedade. Uma voz secreta, vinda talvez das paragens remotas da alma, dizia-me :

—Podias ter sido espôsa devotada, mãe admirável, viveres entre beijos e canções, na companhia adorável dum homem que te amasse e compreendesse tudo o que de sublime existia no teu coração. O teu lar havias de alumiá-lo de graça e de candura ; entre os trabalhos e as desditas, o braço que se encostasse ao teu ganharia fôrças e o peito junto do qual o teu pulsasse, confiança, fé e audácias para os triunfos. Mas perdeste-te no mar da existência e, no naufrágio, não encontraste uma tábua a que te agarrasses . . .

— Foi a sorte ! — repetiu ela.

— Sim, foi a sorte ! — concordei eu com tristeza. Devia ser a sorte . . .

— As criaturas trazem já do céu marcado o caminho que terão de andar. O meu era êste! Não podia fugir à vontade de Deus. À vontade de Deus ninguém foge!

E entre soluços arquejantes, contou-me a história da sua perdição. Uma noite, a mãe doente chamou-a, deu-lhe um beijo, lançou-lhe a bênção e murmurou:

— Vou deixar-te, meu amor. Estás sem ninguém no mundo.

O seu olhar embaciava-se a pouco e pouco, ao sôpro frio da morte, e as suas mãos iam arrefecendo. Morreu uma hora depois, por mais que Luísa a chamasse, entre prantos angustiados.

— Como a cova é surda!

Cheio de saüdades da morta, o pai partira um mês mais tarde, sem que Luísa pudesse acudir-lhe.

Êle bem lhe estendia os braços na agonia, pedindo:

— Ergue-me, filha! Estou a cair num buraco muito fundo. Não vejo nada... Levanta-me, que te não quero deixar!

Mas Luísa era fraca e não teve poder para ampará-lo.

— E depois? — interrompi eu.

— Depois, foi isto!...

Ficara sem ninguém que por ela se interessasse, confessou ela com as lágrimas nos olhos, que já não eram tam lindos como outrora, nem tinham aquele azul aguado que tanto me seduzia, pela transparência da côr. Mal a soube para sempre abandonada dos carinhos e do amor da família, o noivo fugira, esquecera-a — êle que lhe tinha prometido, e com que juramentos! — uma adoração que nunca se extinguisse. Outros homens vieram, todos a desprezaram.

— Que havia eu de fazer? — preguntava Luísa tôda trémula de vergonha, por ter de revolvêr os seus pudores e as suas misérias de mulher.

Sim, que havia ela de fazer, sòzinha, sem corações que a sua dor, a sua solidão, a sua angústia interessassem? Foi passando de mão em mão, enquanto a sua beleza atraía os indiferentes. Mas agora, para arranjar a côdea, esmolava às esquinas, nas ruas escuras, porque andava tôda rôta. Umas vezes, soldados bêbedos agarravam-na brutalmente e cobriam-na de beijos bestiais; outras, os garotos espancavam-na.

— Oh! se eu morresse!

Desde essa noite nunca mais a tornei a ver; mas soube pelos jornais — os jornais trazem tudo: são os historiadores da miséria! — que

a polícia, encontrando-a caída numa praça, a levou em maca para o hospital. No dia em que quis visitá-la, um enfermeiro disse-me que ela tinha morrido de manhã, fechando docemente as pálpebras para a luz da vida.

Fui acompanhá-la à cova — era eu o único — e ainda sinto a impressão de terror que o caixão, avançando entre a fumarada de quatro tocheiros e atravessando a cidade, me comunicou. Na capela, onde um Cristo em marfim expirava, pregado à cruz, com pingos de sangue rolando e brilhando como rubins no corpo rígido, um padre leu soturnamente o latim da oração dos mortos; e, quando ela desceu à sepultura e as primeiras pás de terra caíram com estrondo sôbre as tábuas nuas do esquife, na minha alma atormentada passavam estas ideas consoladoras:

— Dorme para sempre, com a leiva húmida bem colada ao corpo. Alcançaste, enfim, a paz; ao coval não chegam os gritos de ódio e de raiva que cá em cima se entrechocam. O teu sono será eterno! Mais tarde, chegará uma hora em que ressurjas para o mundo, minha pobre Luísa! Serás árvore, quem sabe? Serás flor, e as aragens mornas, pelos estios quentes, levarão para longe o teu perfume. Serás água dum regato e fugirás e cantarás ao sol. Serás luz e doirarás as

podridões. Dorme! Que ninguém te acorde, que pelo teu sofrimento, bem ganhaste o repoiso! E as tuas faces não tornarão a còrar dos desejos da vida, e o teu olhar nunca mais se arrasará de lágrimas ardentes. Descansa...

Subia o luar e na cidade o ruído esmorecia. Entrei em casa, com a inevitável certeza de que a existência contemporânea é cada vez mais curta.

Devo estar muito vélho! Se eu vi nascer Luísa e acabo de acompanhá-la ao cemitério, ao fim de tantos anos de sofrimento!...

REDENÇÃO

Vélho e todo curvado, seguia a estrada tossindo e amparando-se ao seu bordão com que afugentava os cães que pelos atalhos das aldeias lhe ladravam e o perseguiam.

A madrugada dealbára duma pureza de hóstia consagrada, e o céu resplandecia na sua dalmática azul e oiro, sem a mais ténue mancha de nuvem a empaná-lo. Fazia uma dessas manhãs de inverno de ar fino e gelado que atravessou a neve dos descampados ou a rara verdura de alguma veiga onde os pássaros cantam nas árvores sem fôlhas. Os montes longínquos esfumavam-se ao longe, numa transparente névoa lilás e a terra jazia num silêncio infinito que nenhum ruído perturbava.

Enquanto ia caminhando, o pedinte evocava os tempos em que fôra feliz e teve amores e saüdades e rosas florindo junto do seu coração humilde. Ficava ainda distante a aldeia onde havia de pernoitar, e aproveitava as ásperas horas de jornada e de silêncio para se lembrar de coisas doces e ternas. É tam suave regressar às sombras desoladas do passado, quando nelas se reflecte raio de luz ou imagem linda que, em fugidios momentos, encha as almas desgraçadas de consolação!

Cruzou-se na estrada deserta, tôda rutilante de gelos onde o sol tremia e faíscava com brilhos de jóia rara, com dois namorados: — ela, môça e robusta, e de lábios tam frescos e vermelhos que dir-se-iam feitos do sangue das romãs novas, e êle, um dêsses camponeses de peito amplo, onde latejam pulmões de aço. Espalhavam à volta graça e viço e os seus risos eram sonoros e sem cuidados. A vida, a felicidade, a confiança doiravam o futuro dos dois corações, que assim atravessavam a campina, sobressaltados dos desejos fortes da carne e lançavam ao vento sussurrante a sua canção de esperança. O pobre deteve os passos e foi-os seguindo com um olhar imensamente melancólico, em que se adivinhavam saüdades e desgraças — um dêsses olhares que

parece vir, como uma claridade expirante, de muito longe, chegando cansado e sem alento! E considerava que também já fôra assim, belo e juvenil, iluminado do reflexo de heroísmo de que a mocidade diadêma as frontes predestinadas para a adoração e para as batalhas do mundo.

Como se recordava!

Quando era cavador, os seus braços atiravam todo o santo dia a pesada enxada, abrindo os largos sulcos fecundantes da gleba, donde as searas irrompiam com energias selvagens.

Nunca sentia desfalecimentos na amargura do seu destino, e cantava sempre, porque a voz, na sua garganta, era como uma ave continuamente alegre. E agora, Senhor do céu! apenas rezava, estendendo aos acasos da caridade a mirrada mão sem resistência! Que idílios nos seus anos mortos! Que flores desabrochavam outrora, tam perfumadas e vivas, que ainda hoje derramavam na sua angústia hálitos de um aroma virginal! Oh! sobretudo os instantes em que tinha sido amado, o sabôr indizível e imaterial do primeiro beijo que zumbira na sua bôca, como uma abelha etérea, não podiam esquecer-lhe. Porque fôra, certamente, querido com inolvidável ternura!

Volvia os olhos para trás, talvez para as au-

roras remotas, e pela face encarquilhada as lágrimas caíam, redondas e cristalinas. Mágoas de amor jàmais serenam ; feridas de Paixão não saram nunca ; mel de carícias fica sempre no coração como um aroma perene.

Os noivos perdiam-se nas azinhagas tristes, onde nem as sebes ramalhavam fôlhas à brisa leve, abraçados, enlevados na mesma aspiração. E êle pensava que a vèlhice, necessitando de mendigar para viver, é a maior desventura que assalta os homens. Desejava ardentemente, com rigorosa fé, a fôrça, a saúde, o ímpeto de outrora, para revolvêr a leiva e dormir pelos sarçais tisnados e pelos restolhos mornos das soalheiras, ou então, os repoisos eternos da morte, numa cova muito funda e muito aconchegada do seu corpo, onde se não escutassem os rumores, as disputas, as cóleras, as blasfêmias duma efémera humanidade tam desassossegada no seu degrêdo . . .

Uma boeirinha loira e de olhos azúis, descalça e contente, atravessou a estrada, de vara ao ombro, conduzindo os bois fulvos para a pastagem. E todo o seu pequenino busto de linhas puras esplendia de encanto poético e de inocência angélica, dando a impressão de Nossa Senhora quando era pequenina e quando, pelas vár-

zeas de Nazaré, guardava os rebanhos de ovelhas mais brancas do que os lírios de Engadi.

Novamente o pobre deteve a sua marcha rude, vergando sôbre a carga da sacola, com as côdeas esmoladas. Apoiado ao cajado, a cabeça descaída para o peito, embebia-se dessa castidade rústica que fazia em redor da criança um nimbo luminoso.

Nas manhãs da meninice, foi pastor também, tangia os gados e trepava às árvores ou rolava nas ervas das colinas. As noites levava-as sonhando com príncipes e moiras banhando o corpo à alvorada ou ao luar nas claras fontes murmurantes.

Uma cigana leu-lhe a sina, por uma tarde serêna, anunciando-lhe venturas de que não experimentou a doçura ; mas a profecia fôra como uma visitação divina em tôda a sua vida de misérias, de lutas e de orgulhos calcados, porque esperou sempre e esperava ainda ! Oh ! Deus do céu, como as palavras humanas, como as ilusões vagas são mentirosas ! E, no entanto, a sua crença, como uma açucena dos vergeis celestes, perfumava-lhe os últimos crepúsculos da existência material.

Estava perto do povoado. O ocaso, descendo

lentamente, envolvia de mistério a natureza inteira, e os sinos tocavam as Avé-Marias.

Bateu à primeira porta que topou, mas ninguém lhe respondeu ; mais adiante pediu pousada e negaram-lha. Correu todos os lares, e não encontrou guarida. Então, encaminhou-se para o monte, por entre as trevas da noite, que desciam do alto, desenrolando os seus negros e fúnebres mantos flutuantes. Viu scintilar uma luz, e procurou-a alegremente, como se ela fôsse a libertação. Subiu à serra. Em baixo, nos repoisos do vale, as casarias rutilavam. Tanto oiro esparso sôbre os telhados ! Que milagre sacrossanto esperavam as almas ? Ao chegar à luz encontrou a cabana dum zagal, onde também irradiava uma claridade miraculosa ! Geava e a aragem era cortante como uma lâmina ! Mas tôdas as habitações onde havia criaturas de Deus estavam em festa ! Que seria aquilo ?

— Quem vem lá ? — preguntou voz de homem.

— Pobrezinho que pede as palhas para o leito.

— Seja bemvindo.

E o pastor ingénuo e moreno contou-lhe que numa terra para além do mar nascera Jesus, havia séculos, perto duma jumenta e de vacas, num

curral. Ora, não se devia negar agasalho aos mendigos, num momento dêsses.

— Não tens família ? — preguntou o mendidigo.

— Não a conheci nunca — exclamou êle tristemente.

— Por isso tu acolhes com tanta caridade, no teu buraco, os que não possuem sêde de água. Só os abandonados se entendem uns aos outros.

— Também a não tem vocemecê ?

— Tive, mas perdia-a. Hoje, sou só. Consoaremos ambos esta noite !

O logarejo tumultuava, palrava, cantava e sorria. Ouviam-se gemidos de violas, descantes, ruídos de danças. As fogueiras acesas subiam ao céu, em línguas de fogo. Ah ! o mendigo também recordava os Natais doutros tempos, quando tinha alegria e beleza e bailava com as raparigas pelos eirados, levando-as num abraço, através da alegria das danças. Mas essas horas não tornariam a voltar ! Disseram-lhe em pequenino que Cristo nascera para redimir os miseráveis, mas a sua agonia era cada vez maior e ainda há pouco os ditosos recusavam refúgio e uma tigela de caldo à sua decrepitude. Se tivesse alguma coisa que o aquecesse, que lhe levasse calor ao sangue arrefecido ! Estava enregelado.

— Onde é a cama que me dás, moço? — preguntou para o seu companheiro.

— Acolá. Deite-se. Eu fico a ver as estrêlas.

— Sim, vou encostar-me um pouco. Tenho cá dentro uma tristeza!

Enrodilhado nas palhas, deixou cair a cabeça para o lado e ficou, de olhos extáticos, como se visse já as claridades dum mundo melhor.

— Jesus, que consolação! — murmurou.

Depois, não boliu mais; e, quando pela madrugada o pastor recolheu, ao empalidecer das estrêlas, encontrou-o hirto e sem vida.

Daí a instantes o sol, redondo e rubro como a explosão dum incêndio, rompeu por detrás da serrania e a paisagem iluminou-se vitoriosamente.

SINGULARIDADES FEMININAS

Nesse domingo luminoso e inefável, estava eu no campo, a que a primavera havia dado uma beleza nova, tendo surgido por uma doce manhã doirada e espalhando flores por tôda a parte, fazendo estremecer as sebes das canções dos ninhos e dos *bouquets* das espinhosas. Por várzeas e pradarias desdobrava ela um longo manto de esmeralda picado de rosas vivas e deixava cair das suas mãos nevados lírios e cachos de junquilhos em cada canto da terra . . .

No meio dia de maio todo loiro do sol que ascendia num céu infinitamente calmo e puro, fulgia em cada motivo de aguarela um clarão de formosura nova ; e os longes de serranias,

que eu avistava da janela do meu quarto, esfumavam-se, azulavam-se no horizonte. Já havia miosótis, e as aragens mansas que passavam, sussurrando, vinham carregadas de perfumes e de murmúrios. À volta da minha casa estendiam-se as terras de cultivo, os pomares onde as laranjeiras e os pessegueiros vergavam de florações duma côr de rosa muito fina ou duma brancura imaculada. Nas tiras de morangal, errava já um cheiro de morangos maduros, e perto de um tanque escondido entre desgrenhadas trepadeiras, uma mimosa ramalhava ao vento morno.

Em baixo, na cozinha, crepitava alegremente a fogueira, enquanto as criadas, cantando uma cantiga triste, que falava de naufrágios e de amores malogrados, iam fazendo o almôço, e ao longe, perto dum lago, onde as águas verdes se encrespavam à brisa leve, todo toldado da sombra fresca de faias e choupos, descansavam dois pastores, guardando os rebanhos que pastavam na verde relva da lezíria. Uma paz suave penetrava a alma, e o silêncio era tam profundo, que os mais fugidios ruídos ganhavam na atmosfera lavada e sonora uma grande vibração.

— Ora aqui está um amável refúgio para Horácio compor as suas odes — pensava eu. Se

já houvesse uvas, se os cachos pendessem das ramadas como topázios ou como ametistas, o vélho poeta latino encontraria certamente, na placidez dêste recanto de aldeia humilde, uma inspiração divina . . .

As abelhas zumbiam em enxames, poisando nos renques de jasmineiros; escutavam-se os mugidos das manadas nos prados; ressoavam idílicamente as canções perdidas, brandas e saüdosas, e uma claridade forte envolvia tôdas as coisas. A natureza renascia profèticamente, germinavam as sementes e os ramos das árvores estalavam de seivas criadoras.

— E é que tudo isto parece copiado das *Geórgicas*, de Vergílio! — meditava eu, com um livro de Björnson esquecido sôbre os joelhos.

De repente, uma forte campaïnhada, retinindo, veio quebrar o meu enlêvo e uma voz conhecida, entrando na sala, exclamou:

— Sabes? A Maria está doente. Foi ontem mesmo, na varanda, ao cair da noite, quando regava os cravos, que sentiu uma dor no peito . . . Levaram-na para a cama desfalecida e agora arde em febre!

Quem assim falava era o meu amigo Luís, companheiro antigo, a quem me prendiam tantas recordações e tantas alegrias; e Maria era

uma encantadora rapariga que ambos tínhamos conhecido por um verão quente, numa repoisada praia de banhos. Era alta, de belas fórmas severas de mármore grego, de corpo ondulante e nervoso, movendo-se lentamente num passo altivo de deusa.

Os seus cabelos dum tom cendrado, faziam-lhe um nimbo suave à volta da fronte, que mais relêvo dava à sua carnação delicada dum branco mate, levemente tocada dum tom de rosa pálida ; e o rosto, virginal e meigo, era iluminado por dois olhos imensamente azúis, mas dum azul transparente. Quando nos primeiros alvores da manhã aparecia à beira mar, fresca e sorridente, com um ar de perpétua graça e de perpétua pureza, de *boina* de veludo negro na cabeça e um botão orvalhado nas rendas do corpete, como era linda ! O seu busto modelava-se impecàvelmente sôbre o fundo de safira do céu e da água — e dir-se-ia ter saído das vagas ou das conchas. Evocava então países longínquos, cidades do norte, terras distantes onde a beleza é uma flor misteriosa. Os rapazes chamavam-lhe *miss* Afrodite ; — *miss*, talvez, pela alvura incomparável da sua pele, pelo oiro rutilante dos seus cabelos anelados, pelo cravo da sua bôca vermelha ; Afrodite, sem dúvida, pela rí-

tmica airosidade do seu corpo soberbo, que parecia feito de espumas congeladas!

Durante a estação inteira, ela foi a elegância da praia, resplandecendo na sua esvelteza de Diana. O pescoço delicado, tinha a graça do caule dum lírio emergindo das rendas e das *baptistes*. Organizava as pescarias, nas noites de lua, com guitarras gemendo e os remadores tisnados do bafo das marezias, os *pic-nics* ruidosos à sombra de árvores, em pleno campo, sôbre os trevos húmidos. Gostava de andar pelas campinas, entre as boiadas que a olhavam com os seus olhos meigos e fundos, rolar-se no feno sêco, e regressar à noite a casa, cheirando ao aroma das boninas, ao hálito dos rosmaninhos e das violetas silvestres, que mordiscava com raivas felinas, ou esmagava nos dedos afusados e magros, onde rebrilhavam pedrarias de aneis. Os moços sentimentais faziam-lhe versos, comparando-a ao jasmin do Cabo, à nuvem doirada, à palmeira no deserto dando sombra às caravanas, porque neste ano romântico, ingènuamente pensávamos ainda que os corações se deixavam seduzir pelo calor das estrofes líricas; outros, os concentrados, seguiam-na dòcilmente, felizes se ela ria para êles; e ainda outros, nos casinos, se Maria dançava, quebrando-se lânguidamente

no rodopio acelerado duma valsa de Strauss, desciam ao restaurante a afogar em vinho do Pôrto as suas pênas, onde não reluzia já um fugidio fulgor de esperança. Maria era cruel; tinha um geito especial de receber as efusões ardentes dos seus adoradores, crivando-os de ironias aladas e espirituais.

Com a pontinha do seu sapato de setim, pisava num desdém os corações e as rosas! Era bela, dessa beleza do norte, quando, na sua cândida voz de cristal e oiro, dizia as sagas escandinavas ou as czardas húngaras, que sempre falavam de noivados, ou as canções irlandesas em que sempre se fala de pastoras tecendo rendas sob os castanheiros ou de pescadores lançando as rêdes; e uma noite, numa *soirée masquée*, quando ela apareceu no seu elegante costume de camponesa da Delecarlia, com a flava auréola dos cabelos à volta da fronte, foi saüdada com entusiasmo.

Luís, o meu amigo, era um dos apaixonados. Ah! o cuidado que êle punha na sua *toilette*, a gravata preta ressaltando dentre o colete de fustão branco, a quinzena de alpaca florida na botoeira! Quando conversava com ela, havia no seu modo um acanhamento que me surpreendia e um respeito que me encantava, porque o co-

nhecera, nos tempos do Liceu, estúrdio, palavroso, ligeiro e irreverente. E em muitas horas de descrença, tive de aturá-lo, estirado sôbre a minha cama, no cubículo do hotel, chamando a morte, pedindo a morte, admirando a coragem dis suicidas e preguntando-me, com um brilho de loucura nos olhos, se um tiro na fronte seria muito doloroso. Para o sossegar, encharcava-o de sumo de limão e água com açúcar, amesquinhando-o e chamando-lhe colegial idiota. E ainda me lembro muito bem da tarde em que êle, entrando exaltado no meu quarto, me pediu que lhe escrevesse uma carta.

— Mas uma carta com talento, hein? Uma dessas cartas que fulminam...

— Sei! O que tu queres é uma espécie de *Cântico dos Cânticos*, em que se entoem hinos à amada, em que Maria seja comparada às íbis que atravessam o Nilo num vôo alto, à estrêla da manhã, à pomba de Israel.

— Não, sóbria, muito sóbria, mas que diga tudo. Porque, sabes? Foi esta manhã, no banho! Dei-lhe cravos rajados, que ela adora...

— E em troca dos cravos, uma carta?...

— Aí estás tu! Olha que esta mulher enche todo o meu destino, absorve-me, tenho-a no pensamento, no coração e no sangue...

— Isso é amor de 1830, um absurdo, uma coisa que já não existe!...

Mas escrevi a carta que êle quís passar à sua esplêndida caligrafia, em papel do Japão, tocado dum hálito de aroma raro. Maria respondeu, com simplicidade. Creio que começou a amá-lo, desde a doce madrugada dos cravos; e oh! mistério do coração humano! volvido um mês, Luís já zombava orgulhosamente, no meu quarto, chamando-me o Secretário dos Amantes, porque, infelizmente, era eu o encarregado da correspondência.

Em outubro, Maria foi para uma quinta no Douro com o pai — um vélho de venerandas barbas, que nós conhecíamos pelo nome de Hércules, pelo seu aspecto de atleta e pela maneira como arrastava a bengala, uma clava de grande castão de oiro — e nunca mais a tornei a ver. Com a sua ausência, a praia ficou deserta de graça e de claridade. As andorinhas emigraram em bandos, procurando a suavidade morna das regiões distantes, e eu regressei à cidade, em companhia de Luís que andava triste novamente e que começava a aludir outra vez à morte, como única libertação, mais romântico do que nunca. Enfim, nessa época saüdosa, ainda se corriam léguas, nas noites solitárias, ao clarão luzente e

pálido do luar, para ir, sob um balcão de trova, colhêr a flor casta que umas ternas e brancas mãos deixassem cair à poeira das estradas. Os namorados de hoje não podem fazer uma vaga idea do enlêvo íntimo que nós então experimentávamos, por estas pequeninas e queridas futilidades.

Escreviam-se regularmente cartas desvairadas. Maria falava-lhe em goivos, em lágrimas, na solitude das sepulturas; pedia-lhe que a fôsse ver à aldeia pobre onde o pai a escondera com um ciúme feroz de que lha roubassem. E Luís, refugiando-se na minha tebaida das chuvadas tremendas, dos penetrantes frios das manhãs, tiritava, de galochas e varino, mordendo o bigode e exclamando :

— Campo, hein ? Será uma bela fantasia de poeta, mas eu pertenço às legiões impenitentes da prosa. Lá quando a primavera vier, não digo que não. Mas agora !

Parava, sufocado. As palavras saíam-lhe num confuso tumulto, e nos seus olhos, uns olhos negros e enigmáticos que tanta perturbação lançavam nos corações ingénuos, coriscava uma pon-

tinha de brilho. Depois, continuava, atirando largos passos pelo quarto :

— Não, minha filha, não irei! Eu abomino a campina e as suas relvas porque só de verão costumo ir para os pastos. E, menina, agora não gorjeiam as cotovias logo aos primeiros resplendores da alva, nem os roussinóis cantam nos canaviais. Não há scenário para um idílio shakespereano, e eu, meu amor, respeito a verdade histórica, a côr local.

Dizia isto e mentia, o desgraçado, para se aturdir. Tanto assim que um dia em que ela adoeceu, abalou ràpidamente, tendo apenas o tempo necessário para se despedir de mim, num abraço melancólico, e para embrulhar colarinhos num jornal vélho.

— Como vês, no lirismo pertenço ainda às hostes lacrimosas de 1840! Adeus! — disse-me êle.

Ia evocando estas lembranças antigas nessa gloriosa e consoladora manhã, no meu quarto, com o livro de Björnson abandonado sôbre os joelhos, enquanto Luís, espantado com o meu silêncio, acendia os charutos uns nos outros. Pouco a pouco, a minha indiferença aparente

foi-o irritando, e cheio de cólera, arremessando o charuto para o quintal, rugiu :

—Homem, mas tu não me dizes nada ? Pois venho confessar-te a minha aflição, vês-me aqui torturado e não tens piedade, nem sequer uma palavra de coragem, caramba ! . . . Olha que está muito doente e não se salva !

— Que queres que eu te diga ? É lamentável, sim, magôa-me que essa pobre rapariga parta dêste mundo para o funeral romântico dos bichos, para as núpcias das larvas ! Aí tens !

— Pelo amor de Deus, deixa essa orgia de estilo. Vê que se trata de duas vidas . . . Porque eu mato-me. Não resisto ! . . .

— Isso passa. Tudo na vida passa. Eu compreendo a tua dor. Perdê-la, quando o mundo era belo, e tu vogavas a plenas velas no oceano infinito da ilusão ! . . . Oh ! Luís ! . . .

Ah ! também eu queria esconder o meu sofrimento ! Porque havia muito que eu a adorava, em silêncio. Mas o meu amor era sem esperança e nunca ela o saberia. Confesso que cheguei a experimentar uma alegria abominável, por a morte, inesperadamente, se vir meter entre êles ambos, quebrando o fio dêsse sonho imaterial e inocente. Mas, o arrependimento não tardou ; e então, com interêsse, preguntei :

— Que queres que eu te faça ?

— Anda comigo, vamos vê-la. Ela conhece-te, falou-me de ti, muitas vezes, com simpatia. Ao menos, se tiver de morrer, que vá para a cova rodeada das afeições dos que tanto lhe quiseram.

— Vamos !

Fomos encontrá-la na larga sala do solar, encostada a fôfas almofadas de setim, com a cabeça loura e luminosa inclinada para a frente, espreitando a luz expirante da tarde que morria. No ar diáfano, que cheirava às rosas de vergel, voavam as pombas. Uma vélha parenta tocava, num cravo arruïnado, um lânguido menuete do século XVIII, e, na meia tinta do ambiente, parecia que essa música doutrora acordava aparições antigas — as donas altivas e aristocráticas, com as faces macias picadas de sinais, dançavam lentamente, arrastando as longas caudas de saias de veludo. Maria parecia sonhar. Corria tam doce o tempo ! Já refloriam nos muros da quinta as glicínias roxas, e as fontes tinham um chôro mais suave. Ao ouvir-nos, despertou e fitou-nos, sorrindo. A dama vélha esqueceu os dedos engelhados e faíscantes de aneis sôbre o marfim das teclas. Ouvia-se o chiar das nóras, ao fim da horta, regando as plantas.

— Ah! então sempre veio? — preguntou ela.

— Soube da doença. Foi Luís quem me informou... — exclamei.

— Êste Luís é uma jóia — disse Hércules, batendo-lhe uma palmada afectuosa no ombro possante. Mas, não foi nada! Uma leve dor... Não é verdade, filha?

— Sim! Estou restabelecida.

— Graças, minha senhora! Que susto! Êste rapaz!...

E Luís rejubilava, conversando com o pai de Maria, que o afastara, para lhe mostrar uma arca portuguesa do século XVII — uma preciosidade. Ora, foi neste momento que ela, volvendo afectuosamente para mim os seus olhos ternos e curvando-se um pouco, murmurou:

— Porque não tem aparecido? Sei que reside agora perto de nós... Venha por aqui!... Quantas saüdades!...

E cerrava as pálpebras num delíquio...

— Sabe? — continuava. Lembro-me às vezes tanto dos tempos antigos, dos dias que findaram!

E, como eu, surpreendido e adivinhando uma doce, inefável simpatia nas suas palavras, me conservasse silencioso, interrogou com impaciência:

— Mas, não diz nada?

— Eu, minha senhora... Que afável tempo, não é?

E disse esta banalidade, porque Luís, fugindo à perseguição de Hércules, se aproximava de nós, rindo com aquela sinceridade em que transparecia logo uma leal nobreza de alma.

Recuperando a minha serenidade, arrependi-me da minha fraqueza. Quási que cometia uma traição — e perdi aquele excelente almôço que a Rosália, a minha criada, ia cozinhando enquanto eu lia. Para que saí de casa esta manhã?...

A MISÉRIA DUM DESTINO

A vida era uma amargura naquela casa humilde, que uma doce ventura iluminára antigamente, em dias de que apenas restava a saüdade. O marido, o Bernardo, fôra para o Brasil, a bordo dum vapor que se sumira na imensidade das águas, sob um céu azul e tam calmo que escutara, impassível, os seus dolorosos queixumes de abandonada, e vira, sem uma cólera, as suas lágrimas calcinadoras : e Marta ficara só com o pequenino ainda de mama — que ela adormecia nos pobres braços magros com o carinho de de quem, no vasto mundo egoísta, não tem outro coração amigo — e que aconchegava, numa

ânsia, do seio estéril, com afagos e ternuras que só as mães conhecem.

O destino talhara-a bem desgraçadamente para uma existência de sofrimento constante, crestara-lhe no peito a pura flor da esperança logo na manhã suave em que ela desabrochou. E fôra tam invejada na mocidade pelas outras raparigas! Com a sua pureza de adolescente ingénua, a sua delicada beleza que lhe iluminava o rosto, os seus dedos tam ágeis quando, pelas tardes de descanso, à porta da granja teciam rendas, ninguém a via que a não admirasse. Se pelos crepúsculos de verão recolhia à herdade, atrás da boiada, com as roupas honestas e airosas cheirando ao feno dos prados atravessados e à seiva das vegetações esmagadas, parecia que atrás dos seus passos ficava um rastro luminoso — tam radiante é a juventude.

Entre os trigos louros, pelos outonos mansos e fartos, toucando o chapéu de grosseira palha com as rubras papoulas — que vistas de longe pareciam labaredas — lembrava uma dessas deusas da mitologia pagã, Céres, por exemplo, visitando as messes maduras. As aves conheciam-na e rodeavam-na, chilreando, às horas de merenda ; os arvoredos ofereciam-lhe as aromáticas e leves sombras refrigerantes, para as suas

sestas. Como uma Eva môça e robusta — ainda imaculada porque os seus lábios desconheciam o calor perturbante dos beijos e o seu coração ignorava os cuidados e as pênas do amor — cantava sempre, durante as rudes lides agrícolas. Trabalhava tôda a semana, ajudando os pais vélhos na cultura das terras de pão — e as sementeiras que fazia prosperavam maravilhosamente, atulhando as arcas na abençoada estação das colheitas. Aos domingos, descalça, andava pelos poisios guardando o rebanho, como uma daquelas pastoras de que falam os livros sagrados : e a sua alma, formada na inocência rústica, na paz, na unção campestre, nos grandes ambientes desafogados, tinha subtilezas e precocidades de sentimento.

Nas romarias, em tardes triunfais de festa, pulando nos adros das ermidinhas claras, aninhadas como pombas entre árvores, era um regalo vê-la improvisar as desgarradas, ao som da viola :

Ai cantador, cantador,
Onde a tua ambição vai!
Quanto mais alto se sóbe,
Tanto mais de alto se cai!

E toca de roda, em nervosos rítmos, meneando as ancas, repenicando os dedos, batendo o pé e erguendo a fronte com orgulho. Os peitos ar-

favam de fadiga; as faces còravam como cerejas bicais em maio; e Marta, tôda purpurejada como um cravo, era então soberbamente linda. O nosso abade, que era um santo, quando a surpreendia nestes momentos, fechava os olhos — para fugir à tentação, abria atrapalhadamente o seu *Breviário* e exclamava, numa voz cortada de comoção:

— Eu te arrenego, inimigo de cachopa!

E o padre cura, um rapaz possante, de lábios grossos e olhar vivo, levado para a igreja para obedecer à vontade materna, êsse, ao contemplá-la, benzia-se muito agitado.

Ora foi por êste tempo que o Bernardo começou a namorá-la, esperando-a quando ela ia à fonte, de cântaro na ilharga, morena e cheia de graça. A princípio, Marta sorria-se com indiferença, levava o caso em brincadeira, ao encontrá-lo no seu caminho, todo encolhido de timidez. Ao bater das Trindades, ela passava, com um riso grácil na flor da bôca, a bilha cheia de água ainda murmurosa do cantar das fontes onde fôra colhida.

— Santas noites, Marta! — exclamava Bernardo.

— O Senhor te dê as mesmas! — respondia ela, naturalmente.

E parecia, na verdade, uma suave môça das

Escrituras, com os seios a estourar de viço dentro do colete, as carnes regadas por um sangue rico. Mas, tantas vezes Bernardo a seguira, aparecendo-lhe pelos campos, pelas ruas da aldeia, pelas desfolhadas, nas noites de luar, que esta insistência começou a irritá-la.

— Bôa ! Tenho agora guardião ... Era o que me faltava !

E Bernardo, sempre a mesma perturbação na voz :

— Bons dias, Marta.

— Deus te salve.

Nessa época, era êle o melhor tangedor de viola das redondezas. As cordas, sob os seus dedos, gemiam, choravam ou trinavam que era um enlêvo de alma ouvi-las. Improvisava ràpidamente, com uma mordacidade que não havia na povoação quem se lhe pudesse comparar — e tôdas as raparigas lhe queriam com mal contido ciúme. Nas descamizadelas, ao luar, quando Bernardo encontrava milho rei e ia abraçá-las, nem uma só se recusava e lhe fugia. Êle, contudo, não se inclinava para nenhuma, palrando com tôdas desprendidamente. Curvado sôbre o braço da viola — eh ! cachopas, vá de saltar sem repouso ! E vinham logo as provocações que lhe estimulavam a vaidade :

Oh! tocador de viola
És o bem dêste meu peito! ...

Nos arraiais, nas feiras, com o largo chapeirão de feltro desabado sob a face satisfeita, tostada do bafo das soalheiras, a faixa vermelha enrolada à volta da cinta, de jaqueta ao ombro e um ramo de manjaricão na orelha, era efectivamente um belo rapaz, de músculo resistente, peito largo, onde respiravam dois pulmões de aço, potentes e sadios, bebendo a largos haustos o ar puro das campinas. Cavava um dia inteiro sem que experimentasse a mais leve fadiga, e, quando os seus companheiros de trabalho recolhiam extenuados ao lar, de enxadas às costas, pachorrentos e tristes, de caras maceradas e negras da terra, êle, jovialmente, enchia de canções as azinhagas sonoras.

Se o não haviam de amar as môças!

No entanto, Marta desgostava-se intimamente, se o encontrava. O coração dava-lhe um rebate de perigo e todo o seu ser se retraía, num mal estar supremo. Começava a sobressaltá-la aquela perseguição constante.

Já os outros lhe dirigiam chufas, com desespêro de se verem desdenhados:

— Oh! Marta, então agora sempre é certo?

— É certo o que?

— Pois fala-se p'r'aí no teu derriço com o Bernardo da Bouça.

— Sume-te, demo!

— Quer não! Talvez te não sirva?

— Ora!

Encolhia os ombros e seguia o seu caminho.

Um domingo, foi ela rezar uma novena à Senhora do Monte, extasiada na sua piedade cristã. Devia à Virgem, cheia de bondade e de misericórdia, o milagre de curar-lhe a mãe, a vélha Rosária, dum quebranto que apanhara e que a tivera tolhidinha na cama, durante um mês, a gemer constantemente. Perto da capela surgiu o Bernardo, todo enleado.

— Deus te guarde, Marta.

Não se pôde conter que lhe não respondesse com azedume:

— Olha lá, eu dispenso cães de guarda, homem. Não tenhas mêdo que me perca...

— É que eu... — principiou êle.

— Deixemo-nos de endróminas... Procura o teu rumo, que procurarei o meu.

E foi ajoelhar, muito contrita, alheada na sua crença, junto do altar, que resplandecia, na sua toalha de linho branco cheirando ainda ao sol do còradoiro e nos seus vasos de açucenas orvalhadas. Ia orando e pensando. Afinal, o Ber-

nardo nunca lhe fizera mal. Porque o tratava com crueldade? Seria por êle lhe querer tanto, que assim lhe seguia a sombra por tôda a parte? Ao levantar os olhos, encontrou a fronte da doce Mãe dos homens, que esplendia de inocência e de claridade, e pareceu-lhe ver naquela serenidade virginal um bom agoiro. Do seu nicho, entre luzes e os brilhos das pratas, a Virgem abençoava-a, cobria-a tôda da nuvem luminosa do seu perdão. Ao erguer-se, irradiava beleza. Bernardo lá estava, no mesmo sítio, parado, hirto, numa confusa vergonha; e mostrava-se tam desalentado e arrependido, que a compungiu.

— Então adeus, Marta!

— Então adeus, Bernardo.

— Se queres que te acompanhe... É para dizer-te uma coisa.

— Não quero nem deixo de querer... Se isso te dá agrado, eu não caminho com as tuas pernas — exclamou ela com brandura.

Ao anoitecer, já reluziam estrêlas no céu alto e ainda êles conversavam; e foi assim que Marta começou a amá-lo com uma adoração infinita.

O casamento fez-se daí a poucos meses e com uma grande pompa. O opulento bragal que Mar-

ta levou ! Os lençóis de linho cheiravam a maçãs camoesas, as suas saias e os seus lenços novos rescendiam a funcho e alfazema. Apareceu na igreja de grilhões de oiro que lhe cobriam todo o peito, e nos seus dedos tremiam brilhos de aneis. Foi o padre-cura que os casou ; e, ao pegar na mão de Marta para a juntar para sempre à do noivo, subiu-lhe a côr à face branca e gorda. Ela rejubilava de contentamento, enquanto os sinos tocavam na gloriosa calmaria da manhã azul, manchada do vôo das asas boémias.

— Pár mais taful não se encontra por êstes arredores ! — murmuravam de todos os lados.

Durante as bodas, a viola de Bernardo não teve um momento de repouso, e repicava, mais alegremente do que nunca, na *Caninha Verde* e na *Ribaldeira.*

— Eh ! raparigas ! E uma, e duas, e vira de roda ! — gritava êle.

Os meses de noivado foram duma doçura admirável ; morriam e raiavam auroras, e jàmais um fulgor de ventura deixou de se espelhar na casa em que viviam — uma sossegada casa branca, escondida entre latadas de limoeiros, onde cantavam ninhos e zumbiam enxames. Mas, depois veio o aborrecimento, a saciedade, o tédio.

Em certos instantes, Bernardo relembrava com nostalgia os tempos idos e lançava-lhe em rosto o seu desdém antigo.

— Então que queres ? Se eu comecei a gostar de ti só mais tarde, naquele dia em que fui à capela !

— A gente encontra uma forca para cada canto ! — exclamava êle.

E vieram os ralhos contínuos, as injúrias, as maldições.

— Bem me dizia o coração !

— O que ?

— Dizia-me isto, adivinhava tudo . . .

Batia-lhe, arrastava-a pela casa, com ferocidade.

— Grande porca ! . . .

Ela chorava e resignava-se à sua sorte. Quando nasceu o pequenino, Bernardo quis ir para o Brasil arranjar fortuna. Vendeu-lhe o grilhão, as arrecadas, uma leira que Marta herdára do pai e levou todo o dinheiro, deixando-a desamparada, sem uma sêde de água.

— Não vás, meu rico homem !

— Vou ! É uma scisma que se me meteu na cabeça e ninguém ma tira.

— Diz-me o coração que te não torno a ver.

— Tolices. Deixa-te de lamúrias !

E foi, por uma tarde triste. Ela ainda o acompanhou ao vapor, pranteando-se, agarrando-se a êle com fúria, mostrando-lhe a criança, que galrava descuidadamente, com a carinha rosada picada de covas.

— Ó Bernardo, olha êste anjinho, que é teu filho!...

— Que preparo! Ora o diabo da mania!

Partiu sem lhe dar um beijo; e Marta, com os olhos ennevoados de lágrimas, viu sumir-se o navio, lançando grandes rolos de fumo e perdendo-se, por fim, no deserto das águas, lá muito ao longe, onde nem voavam gaivotas.

E agora, para ali se encontrava com o filho doente e mirradinho encostado ao peito débil onde o leite secara como um manancial maldito. Ainda cantava, embalando o enfermo:

> Dorme, dorme meu menino,
> ó, ó, ó, ó...

Passava assim as noites; e tanto havia chorado, que o pranto queimara-lhe as faces, cavando-as de sulcos fundos. Pobre flor agreste e pobre mãe sem refrigério nem paz! Já lá vão dois anos, e nem uma carta, nenhumas notícias do seu homem. O único refúgio dela é a criança,

quási moribunda. O nosso abade, quando agora a vê, diz compungidamente :

— O que tu foste e no que te tornaste, mulher !

E abre o *Breviário* com uma grande sombra no rosto vincado...

VINGANÇA DE MULHER

Na doçura da tarde dominical, à sombra de árvores verdes, os três amigos conversavam pausadamente, sentados à volta duma rústica mesa de cortiça, no parque da estância termal em que se encontravam veraneando. Não corria uma aragem e não murmurava uma fôlha. Pela janela aberta dum hotel próximo saía em ondas o som do *Momento Musical*, de Schubert, que alguém, de-certo uma linda adolescente, apaixonada e sonhadora, com pedrarias de aneis fulgindo na brancura dos dedos afusados e magros, tocava com fino sentimento emotivo, na suavidade da hora evocadora. Ao longe, por entre os arvoredos silenciosos, palravam e riam

ranchos de crianças ou erravam alvuras de vestidos de cambraia.

Houve um instante em que a conversa dos três amigos se animou, derivando insensivelmente para os casos complicados da psicologia feminina; e um dêles, Duarte Aragão, moço triste e romântico, de grandes olhos negros, exclamou :

— A alma das mulheres é um enigma. Nenhum psicólogo, desde Balzac a Marcel Prévost, passando por Stendhal, ainda conseguiu interpretá-la.

— Eu não sou dessa opinião — atalhou João Damasceno, sedutor profissional que se vangloriava de ter acordado em mais dum coração paixões devastadoras. São excessivas em todos os seus sentimentos, certamente; mas, nada mais simples do que elas.

— Simples, simples!... Não sei o que é a simplicidade para ti — acudiu Duarte, soprando com lentidão o fumo dum cigarro. A não ser que não tenhas deparado até hoje, no teu caminho, mulheres verdadeiramente dignas dêste nome. Eu falo, é claro, das criaturas singulares que, ao dom aliciante da beleza, juntam as graças maravilhosas do espírito; e tu, naturalmente aludes...

— Às feias e às estúpidas ?

— Não ! Às que são ùnicamente belas pela formosura e não pela inteligência.

— Pois, olha que te enganas... Se eu quisesse consultar as minhas recordações...

— Poupa-nos a êsse relatório doloroso — interrompeu Basílio de Menezes, que se mantivera calado durante a controvérsia, riscando distraídamente a areia do passeio com a ponteira da bengala. De resto, já sabemos que tens sido amado pelas mais raras flores do Fatal Feminino e que, se te houvessem conhecido, te pediriam beijos as próprias M.mes Staël, Récamier, Sevigné, outras extraordinárias damas que teem um nome e uma celebridade na história humana — concluiu com um sorriso irónico.

— Bem ! Essa ironia não prova nada ! — disse João Damasceno, despeitado.

— Homem, sempre prova que és irresistível — replicou Basílio, rindo sempre... Mas não te irrites ! Estamos aqui, apenas matando o tempo e fazendo *un brin de causerie*, que diabo !...

— Eu afirmava — exclamou novamente Duarte — que a alma das mulheres é um enigma, e que essa alma quási sempre escapa aos entendimentos mais perspicazes. Por exemplo...

— Vamos à demonstração, a que é sempre obrigado quem afirma, neste nosso curioso século de sciência e de análise . . . — bradou Basílio.

— Por exemplo — continuou Duarte — essas mulheres nunca perdoam aos homens que um dia amaram e que as desdenham . . . Para se vingarem, serão capazes das maiores torturas e dos maiores crimes. O que nelas era adoração transforma-se em perversidade, em crueldade.

— Eis um ponto de vista falso ! . . . Falsíssimo — asseverou João Damesceno, levantando-se e dando alguns passos em redor da mesa.

— E porque ? — interrogou Duarte.

— Ora ! Porquê ! — explicou Basílio. Por isto : — João tem desdenhado muitas e, em vez de vinganças, recebeu sempre os retratos das desdenhadas com dedicatórias delirantes, não é assim ?

— E não o digas a brincar ! . . .

— Não brinco com êstes casos, que são sérios. *On nc badine pas avec l'amour* . . . Mas é que tu, João, és encantador e as borboletas que queimam uma asa na tua chama, ficam a acenar-te afàvelmente com a outra . . . Existem excepções felizes à regra formulada por Duarte, e tu és uma delas. Parabens . . . No entanto . . .

Fez-se um momento de silêncio, que maior encanto comunicou à contemplação da paisagem envolvente. A luz, que desfalecia, dourava as folhagens e imprimia mais relêvo às formas. A clara, faiscante água duma fonte que corria para um largo tanque onde se fechavam já as florações dos nenúfares, enchia o ar de murmúrios flutuantes.

— No entanto ? . . . — preguntou Duarte.

Basílio acendeu vagarosamente um charuto, sacudiu para longe o fósforo queimado, e começou :

— No entanto, também eu creio que, desta vez, erraste nos teus juízos sôbre a alma das mulheres.

— Oh ! senhores, se eu adquiri pela experiência a certeza do que asseverei ! . . .

— Eu possuo, igualmente, com que documentar a minha negativa. Ora ouçam.

João Damasceno voltou a sentar-se à mesa em que estavam abertos e esquecidos os jornais chegados pelo correio e, encostando a face à palma da mão, seguiu a narrativa de Basílio, muito contente por, desta vez, ter alguém a defendê-lo.

— Conheci uma rapariga — e é inútil procurarem saber quem é porque nada revelarei . . .

— Homem, não pretendemos arrombar uma porta trancada — disse Duarte com intenção.

— Conheci uma rapariga — continuou Basílio — que teve por certo homem a mais ardente, cêga, alucinada paixão que possam imaginar. Essa rapariga, que à formosura aliava uma admirável e completa educação, uma rara cultura e uma subtil sensibilidade, nunca escondeu o seu amor. Pelo contrário, dava-lhe uma vasta publicidade, orgulhosa em confessar-se diante de todos — por que esta publicidade contribuía para a sua ventura e porque, por ela, mostrava que era capaz de tôdas as abnegações.

— O' menino, estamos em pleno romantismo, logo depois do prefácio de *Cromwell* e do colete vermelho que causava febre a M.me de Girardin !...

— Se querem que eu vá até ao fim, não me interrompam... Digo-lhes que não fantasío. Estou em plena realidade...

— Pois bem. Vamos à história !

— Para sua desgraça, porém, o homem a quem ela se consagrára, tendo encontrado, nos primeiros dias, um certo sabor nessa aventura lírica e fazendo-lhe crêr que também a amava, enfadou-se, por fim, de tam transbordante ternura e começou a evitá-la. Porquê ? Porque não

queria casar, porque se julgava incompatível com a vida conjugal, porque não desejava enfeudar a liberdade da sua vida de solteiro às responsabilidades dum lar e duma família.

— E quem o mandava casar? — atalhou João Damasceno, inconsideradamente. Estivesse no seu logar!...

Basílio olhou o amigo com um sorriso indefinido, e quebrando a cinza do charuto na beira da mesa, prosseguiu:

— Devo dizer que êste homem era ainda honesto nessa época. A sua queda ocorreu mais tarde... Como era honesto, entendia que só pelo casamento poderia obter a posse duma mulher que lisonjeava a sua vaidade, amando-o, mas que lhe exigia sacrifícios que não estava disposto a fazer. Certamente que êle a levaria, sem resistência, a tôdas as loucuras. Ela oferecia-se-lhe, entregar-se-lhe-ia confiadamente e sem hesitar. Se assim o quisesse, fugiria com a pobre rapariga, transformá-la-ia em sua amante para mais tarde a abandonar. Uma tal solução, porém, lançaria na vergonha uma família digna de respeito e talvez na morte um coração ingénuo que só por êle batia. Decidiu, portanto, cortar sem piedade um idílio nascente que viria a enchê-lo de remorsos, no momento luminoso e purificado em

que nas consciências se levanta uma aurora, e passou a tratar a mulher que dêle se namorára a princípio com frieza e depois com grosseria . . . Isto, contudo, foi inútil. A sua glacial indiferença ou a sua brutalidade não bastaram para queimar no peito da apaixonada a divina flor amorosa que lá desabrochára; e, quanto mais êle lhe fugia, mais teimosamente ela o procurava. Então, o seu egoísmo inspirou-lhe uma acção na verdade abominável. A mulher que com tanta constância o amava tinha uma amiga íntima. Andavam sempre juntas, eram inseparáveis, não guardavam segredos e reservas uma para a outra . . . Para humilhar mais sangrentamente a criatura que, com ânsia, lhe estendia os braços, principiou a cortejar a outra e com tanta insistência, tanta hipocrisia, tanto poder de sedução, que conseguiu fazer-se amado com intensidade.

— E ela ainda insistiu ?

— Não ! Há vilezas a que uma mulher nunca desce, por altivez, por dignidade, por elevação moral. Rompeu com a amiga, sem ruído, sem escândalo, refugiou-se com a dor que a consumia numa tristeza que o seu sonho malogrado alimentou, pediu às lágrimas um desafôgo. A afronta, porém, tornou-a rancorosa.

— Aí está! — exclamou Duarte, triunfante. Eis a prova da veracidade das minhas palavras . . .

— Recalcando o amor no fundo do seu ser, meditou, então, na maneira de vingar-se com uma crueldade igual ao vèxame sofrido. Esta ambição transmudou-se na esperança única da sua existência. Mas, como satisfazê-la ? . . .

Os anos foram deslizando uns atrás dos outros e ela, abrasada pelo fogo do ódio interior, mirrava no seu infortúnio. Tinha, no entanto, um irmão que era banqueiro e que, conhecedor dêsse infortúnio e das razões que o motivaram, esperava o instante de desafrontar a traída. O homem que causára a desventura da irmã levava uma vida de jôgo, de crápula, de dissipações. Para obter dinheiro quando acabou de atirar ao vento a fortuna legítima, não recuaria diante das maiores indignidades . . . Ora, um dia, ao jantar, o banqueiro entrou em casa com uma alegria estranha fuzilando nos olhos e, tendo beijado a irmã, exclamou :

— Há uma providência que sempre pune os que prevaricam.

Ela mirava-o, surpreendida e inquieta.

— Porque falas assim ? — preguntou.

— Porque tenho aqui, na minha carteira,

uma letra falsificada pelo homem que zombou de ti. É a tua vingança. Hoje mesmo darei parte à polícia e êle será prêso como ladrão — e ficará desonrado para sempre . . .

— Dá-me essa letra ! — implorou ela, empalidecendo.

— Não ! Nada de comiserações para quem as não teve contigo.

— Dá-me essa letra ! — insistiu ela, com os olhos razos de lágrimas. É a minha vingança, segundo afirmaste. Pertence-me . . .

O irmão passou-lhe o fatídico pedaço de papel, que ela rasgou nervosamente, murmurando :

— Não perderás o teu dinheiro. Eu vendo as minhas jóias e pagarei tudo. Mas com uma condição : — é que ninguém — nem êle — saberá quem o salvou.

E, como o irmão a contemplasse, espantado, acrescentou :

— Não quero que o homem que mereceu o meu amor tam puro seja arrastado pelas cadeias ou tenha de còrar por esta falta, quando passar por mim. Eis como me vingo ! . . .

Basílio terminou a narrativa bizarra, atirou o charuto para o chão, ergueu-se do banco em que estava sentado. O crepúsculo, religioso e sugestivo, baixava.

— Hão de vocês pensar que tudo isto não passa duma banal invenção. Pois garanto-lhes sob palavra de honra que é verdadeiro o que acabo de contar-lhes. Meus amigos, as mulheres que sabem amar profundamente são incapazes de odiar. Admiremo-las...

AMOR RÚSTICO

Cavava todo o santo dia, de sol a sol, curvado para a terra que revolvia com ansiedades insatisfeitas, rasgando-a com o largo ferro polido e branco da enxada, onde a luz, caindo do alto, misericordiosa e purificadora, acendia scintilações, relampejando momentâneamente como a rápida palpitação dum raio. Ninguém foge ao seu destino ; e o de Manuel era aquele : — lançar as sementes ao chão duro, ver crescer as searas abençoadas e verdes, estremecendo e arripiando-se às sonoras e mornas aragens do estio, como um mar imenso que a vista mal podia abranger. Fôra a natureza santíssima que lhe formára a alma ingénua, enternecendo-o de bondade e de

poesia. A sua piedade estendia-se a tudo o que sente, vibra e fulge sob a luminosa concavidade dos céus, e ia dos mendigos chaguentos que se arrastavam penosamente pelas estradas ermas, fustigados pelas geadas e pelas chuvas frias dos invernos alagados e tristes, até às plantas tenras que os temporais quebravam, estalando-lhes as hastes entumecidas de seivas latejantes e criadoras. Se contemplava, pelos caminhos solitários, vélhos com as vestes em farrapos, de olhos scismadores que as lágrimas toldavam, distanciados do mundo exterior como se andassem embebidos de êxtasi nas regiões encantadas dum sagrado sonho, exclamava :

— Aquele ainda é mais infeliz do que eu !

E repartia, comovido, o seu pão com os famintos.

Se os seus pés calcavam nas hortas ou nos pomares alguma erva rasteira e humilde, vicejando em esquecidos recantos de sombra, a sua dor era a mesma. Levantava amorosamente os caules partidos nos dedos deformados e calosos, murmurando :

— Coitadinha, que lá vai secar... E tam mimosa estava !

Dentro do seu peito robusto havia belezas idílicas de primaveras, claridades celestes de au-

roras tocadas de unção, côres transparentes de outonos religiosos e brandos que adormecem as campinas duma paz mística e duma indefinida saüdade, florescências de sebes, agrestes perfumes de bouças, sussurros de fontes, ramalhar de florestas, murmúrios de regatos fugindo pelos vales ; e o seu amor pela gleba que lhe dava o sustento e as flores, como num milagre, era infinito e profundo. Tôda a sua pacífica existência deslizara na tranqüilidade e na harmonia das várzeas, que as manadas, os zagais e os cavadores bucolizavam.

É preciso ter crescido e vivido no campo como Manuel, para se sentir uma adoração intensa pela terra — essa terra que nunca negou a sua esmola ao mais desgraçado dos homens. Quem abrir o seu flanco negro, encontra sempre um veio de clara água para molhar a bôca e saciar a sêde ou grão de trigo para abrandar a fome. Ah ! belos trigais de oiro fôsco ondulando pela calmaria das tardes às brisas leves ! Que enlêvo é descansar os olhos nos oceanos das espigas doiradas, vergando de abundância ! E pelas leivas que a palha esconde, as papoilas sanguíneas espirrando violentamente e manchando de coloridos tôda a messe abençoada !

Manuel jàmais pôde olhar êsse incomparável

mistério sem que o pranto lhe não molhasse as faces. E havia ainda réprobos duvidando da existência de Deus, um Deus sereno e clemente, perdoando culpas e distribuíndo com mão imaculada o bem e a justiça! Bastava atirar pelos areais, pelo húmus, as sementes proféticas e ei-las que começavam logo a inchar, a estoirar as crôstas, a romper vigorosamente como gargantas desejando a luz das atmosferas lúcidas, a tufar, a desenvolver-se; e depois, as estações quentes das ceifas, a riqueza, a bemaventurança, a consolação nos lares mais desagasalhados, as canções dos berços, a ilusão dos corações e uma fôrça omnipotente, uma energia imensa, uma resplandecência deslumbradora movendo, vitalizando, alumiando o universo! E tudo isto sem uma traição, sem um ódio, sem maldições, sem blasfêmias e sem pragas.

A terra é infinitamente bondosa e caritativa, e tanto oferece o seu corpo sem manchas, luarizado de graça e de inocência, ao rico e ao soberbo, au mau e ao descrente, como ao miserável, ao deserdado, ao que nunca deixasse tisnar dentro do peito o lírio etéreo da fé. Sempre uma festa juvenil, um psalmo eterno ressoando nas várzeas — cachões de água galgando, a rugir, entre as alvinitentes espumas, os espinhaços dos

montes, bramindo e fervendo pelas vertentes, corolas desabrochando, cantos de pássaros, ramos gemendo sob o pêso dos frutos maduros, amoras negras nos valados, enxames zumbindo e fabricando o mel, a grande alma de Vergílio pairando no ar fino, a frauta agreste de Pan trinando pelos olivedos e pelos brejos, as emanações dos matos floridos de rosmaninho, os cheiros acres dos fenos e dos trevos embriagando como um vinho espumante, as madrugadas subindo, rosadas e gloriosas!

Manuel amava o campo, que era a sua paixão absorvente e constante, queria-lhe tanto que, muitas vezes, tinha vontade de beijá-lo, de abraçá-lo, de estreitá-lo contra o seio, confundindo-se com êle na mesma comunhão e no mesmo ideal.

A terra fôra a sua mãe, dera-lhe de mamar, pelas séstas abafadiças. Quando os calores escaldavam e faziam estalar as pedras, lançando esteiras de fogo sôbre os lagos espelhentos, Manuel procurava as sombras silenciosas dos arvoredos e adormecia extenuado, no torrão inesgotável de onde brota continuamente, desde o princípio dos séculos imemoriais, uma torrente impetuosa de vida. Tinha tirado do chão o seu alimento, e um dia êsse chão havia de comer-lhe a carne do

corpo, desfazê-lo, pulverisá-lo, levá-lo na caudalosa enxurrada da transformação da substância, dando o sangue às plantas, às raízes, aos bichos, aos milheirais, aos jasmins. Em pequenino não conheceu família, não se recordava dum lábio virginal que o tivesse beijado. Foi a vélha Luísa, mendiga das portas, que o encontrou, por uma álgida manhã, embrulhado em trapos, junto de uma ermida, chorando e com os dedinhos débeis e rôxos metidos na bôca. Mais tarde, ao ter entendimento, gostava de ouvir contar a história angustiosa da sua aparição na existência, pelas horas lentas e revôltas do temporal, ao ulular das ventanias.

— Diga, minha mãe, como foi? — pedia êle.

— Pois foi assim, menino — principiava a pedinte.

E relembrava vagarosamente, com incertezas de voz, todo o drama antigo: — a neve que caía, as herdades fechadas, quási sonâmbulas sob o fulgor das estrêlas pálidas, tôda a gente repoisando ainda, os cães errando na treva, sinistros e vagos, as azenhas rangendo.

— E tu para ali, passadinho, finado, tam fraco, meu filho, como uma ave, em riscos de vir um lôbo e comer-te. Êle sempre há mães!...

Manuel encolhia-se de pavor: e a vélha, a

quem na aldeia os garotos chamavam a *Bruxa*, avivava as brasas, remexendo-as com as suas mãos enrugadas e magras.

— E quem sabe se ela, a que te gerou, foi obrigada a deitar-te à rua? Era talvez para encobrir as vergonhas e fugir aos tormentos... Mas, eu cá te criei. Fiz-te cristão, pedi às mulheres com crianças que te dessem o leite a ti e uma côdea a mim. Ambos precisávamos da caridade, bemdito seja Nosso Senhor!...

Aos oito anos, Manuel corria livremente pelos soutos de castanheiros, pelos montados, trepava aos ninhos, rolava nas ervas como um potro selvagem. Foi esta liberdade que lhe construiu o arcabouço resistente, onde pulsava um sangue moço e que o dotou duma musculatura estriada, enleando-se em redor dos ossos como um esparto e lhe encheu os olhos virginais dum azul puríssimo. Depois, já homem, fez-se pastor, guardou os rebanhos, seroou pelas cabanas entre o bafo do gado.

Uma noite, Luísa perdeu a fala e volvidos momentos quedou-se brandamente como uma andorinha. O que êle sofreu, quando lha fecharam numa cova, coberta com um lençol! No mundo egoísta, apenas Luísa, na multidão das almas, se compadeceu dos seus infortúnios...

Se o não concebeu, tratou-o com bondade e meiguice, ensinou-o a ser honesto, amparou-lhe a meninice desvalida. Não conseguia esquecê-la ; ao deitar-se, ela aparecia fortificando as suas esperanças e apagando os seus desalentos, vinha ter com êle, poisava a fronte na de Manuel :

— És tu, mãe ? — preguntava êle em sobressalto.

— Sou eu, meu filho ! Tenho tanta pena de ti, que não posso sossegar um instante na cova. Quero ver-te. Estás lindo e crescido ! . . .

E no crepúsculo que envolvia o pardieiro, o espectro arrastava a mortalha lívida. Serviu então amos, levou pancadas, padeceu castigos injustos ; mas a sua mocidade resistiu heròicamente. Amores, jàmais os conhecera. Enquanto os outros da sua idade traziam as namoradas presas pela cinta, ao som das violas que diziam fados, malogros, lágrimas e mágoas, o mais grato regalo de Manuel era aspirar dum hausto possante êsse oxigénio vivificante que as fôlhas fabricavam, meter os pés nus nas relvas orvalhadas, esmagar nas mãos rudes as folhagens, encher-se da frescura, da pureza paradísiaca nessa terra amorável que nunca se recusou à fecundação, fartando as bôcas esfomeadas.

E os outros rapazes, nas farândolas, nas

danças, bailando ao luar, ao rouco som das pandeiretas, enquanto as estrêlas longínquas semelhavam um roseiral noivando numa perpétua primavera!

E casavam-se, tinham filhos, povoavam os alvos casais, as granjas aninhadas entre árvores, os casebres perdidos pelas encostas em flor!...

Nos seus dolorosos anos de servo juntou, migalha a migalha, dinheiro para comprar um terreno. Uma propriedade fôra sempre a sua ânsia, a sua dominadora aspiração. Porque ela seria a sua família, a única! Enfeitá-la-ia de grinaldas votivas; pelo verão coruscante, quando o sol faísca como uma fogueira e escalda como a labareda dum forno, derramaria sôbre ela a unção das águas de rega, que fariam desabrochar da esterilidade, o serpol, as couves tronchudas, as camélias, as violetas; teceria capelas de jasmins e loiros para o seu enxoval de namorada; esesconder-lhe-ia o ventre de ninfa, aberto à luz, com folhagens e rainúnculos, cravos e açucenas, onde o orvalho chamejaria, pelas auroras nascentes!

E na vèlhice, pôde atingir o seu sonho, alcançar a nuvem da sua ventura suprema. Era um rincão desdenhado dos lavradores e esquecido dos pássaros, que não poisavam lá para beber nos

arroios e cantar entre as moitas de junquilhos e nas tiras de morangal ; mas êle acariciava-o, falava-lhe comovidamente e um dia, cheio de paixão, beijou-o. Desde então, a leira que só produzia silvados com espinhos agudos e malditos, prosperou fabulosamente. O amor tudo transfigura.

E ei-la tôda viçosa, nas latadas de balsamina e limoeiro, onde dormiam ninhos, cos alfobres de legumes, nas ramadas onde os cachos, em setembro, amadureciam, açucarados. Foi uma ressurreição.

Manuel contava-lhe os seus desespêros, as suas alegrias, conversava com ela em confidências plácidas, rezava-lhe. Quando era pobre, chamavam-lhe, com desprêzo, o *Enjeitado.*

— Enjeitado, sim ! Ninguém me quere para filho ou para irmão — respondia.

Mas agora, ao fim de canseiras e de amarguras, possuía alguém muito amigo — o seu campo ; e nos dias de descanso, quando pelas aldeias chiavam as noras, ia admirá-lo de longe, sentado num outeiro.

As môças quiseram tentá-lo, atiravam-lhe abraços de videira. Manuel, castamente fugia para não atraiçoar a sua terra, a quem nunca podia olvidar. Nesta lealdade sublime foi defi-

nhando, até que adoeceu ; e, no delírio da febre, chamava-a sempre. As suas últimas palavras foram o nome dela.

Fechou as pálpebras e expirou. O campo, desamparado, deixou secar cearas e rosas, morreu também, viúvo, transido, exausto. Daí em diante, só deu ásperos cardos...

O ÚLTIMO ROMÂNTICO

Ao entrar nessa noite na sua solitária vivenda de solteirão, Manuel encontrou sôbre a mesa do escritório, junto duma jarra de cristal onde agonizavam azáleas brancas, uma carta que viera pelo correio. Entalou a ponta do charuto nos dentes, pousou a bengala de castão de ouro, tirou o chapéu, descalçou as luvas e, rasgando indolentemente o *enveloppe*, procurou em vão uma assinatura que não encontrou. Escrevia-lhe um anónimo. Para o avisar da infidelidade de alguma das suas amantes? Para fazer-lhe uma ameaça? A dúvida acirrou-lhe a curiosidade: e, sentando-se numa cadeira estofada, encetou re-

pousadamente a leitura das poucas linhas ennegrecidas de tinta. Um frio riso de sarcasmo iluminou-se-lhe na bôca de lábios delgados e pálidos : e foi serenamente que atirou para o cêsto de vime que tinha junto de si, depois de o amarrotar nas mãos magras e de longos dedos, êsse pedaço de papel inerte.

Era uma ameaça, com efeito ! Alguém, um desconhecido, movido por sentimentos ignorados, avisava-o sêcamente de que, se continuasse as visitas noturnas ao jardim duma casa que ficava fóra da cidade, onde ia três vezes por semana, galopando por caminhos desertos sôbre o dorso dum cavalo, podia muito bem encontrar na sua jornada a morte em vez do amor . . .

Manuel tinha então trinta anos, era audaz, forte, bravo. Tôdas as manhãs, antes do almôço, em seguida ao banho frio que o tonificava, fazia duas horas seguidas de esgrima : e, como possuía fortuna, dividia o seu tempo pelos prazeres da boémia elegante e pela adoração das mulheres. Não o atormentavam curiosidades de espírito e de inteligência, que jovialmente classificava de estopadas. No seu gabinete de trabalho, em vez de livros, de quadros, de mármores, da beleza criada pelos poetas, pelos romancistas, pelos estatuários, pelos pintores, em que pudesse

repousar um momento os olhos cansados, existiam retratos femininos sorrindo convencionalmente, e massos de cartas amorosas, catalogadas e numeradas por sua ordem. Aos amigos que o visitavam costumava dizer, com ironia:

— Aqui tenho eu a minha biblioteca e a minha galeria de pintura. Às especulações filosóficas ou scientíficas, perfiro o lirismo. Ora, as mulheres são os maiores líricos de tôda a arte humana. Aquelas que não sabem exprimir emoções pela música do verso, nem por isso deixam de ser as grandes inspiradoras. Laura, Virgínia, Catarina de Ataíde, a Joaninha do Vale de Santarém, Mimi Pinson, não desaparecem fàcilmente da história . . . Que vos parece ?

— Parece-nos que estás na verdade — respondiam os amigos, entre gargalhadas.

— É claro que estou ! . . .

E plàcidamente, sem um entusiasmo mais caloroso e uma palavra mais viva, indicando os retratos, pregados no estôfo da parede, com a ponteira da *badine*, narrava o romance perpetuado por cada uma das efígies inexpressivas e banais.

— Vejam esta, por exemplo. No doce tempo em que a conheci e com ela passeei de braço dado pelas verdes e floridas campinas que Florian

cantaria em soluçantes estrofes, chamava-se Elvira — não a Elvira de D. João nem a Elvira de quem Lamartine, num poema lamecha, comparou a palidez da face à palidez da lua, mas Elvira de Menezes. Tocava no piano a *Súplica à Virgem*, lia os *Ciúmes de Bardo* e bordava a missanga. Amámo-nos muito; mas um dia, quando a nossa ternura resvalou para o escândalo — porque não há virtude que resista ao tempo — uma bengala fraterna acabou, providencialmente para mim, com o arroubo sentimental, de que se salvou apenas o retrato.

— E depois?

— Depois, acabou tudo! Não sei o que foi feito dela, porque não costumo entregar-me a investigações de arqueologia amorosa.

Acendendo um charuto, cìnicamente Manuel continuava:

— Com esta Adelaide — Adelaide de Mendonça — estive eu para casar. Pelo menos, assim lho prometi naquela hora inolvidável em que, como Paulo e Francesca, nós ambos líamos, no mesmo livro, a meiga história de Lanceloto... Não sei, porém, que complicações surgiram, que não pude cumprir as promessas.

— É admirável! — bradaram, em côro, os companheiros.

— Nas minhas paixões tudo é admirável; nada existe de trivial.

— Mas revela-nos o segrêdo dos teus triunfos, homem feliz!...

— Não se ensina ninguém a triunfar. Vence-se pelo próprio esfôrço, por dons que nascem connosco, por qualidades intransmissíveis. Primeiro, é preciso saber...

— Mentir.

— Assim mesmo! Em amor, a mentira dos que aspiram à conquista, é indispensável. Pela verdade, embora isso vos pareça paradoxal, nunca se renderam corações. Mentir, mentir sempre, eis a fórmula!...

— E que fazes tu às iludidas?

— Faço-lhes isto: — eternizo-as pela fotografia. Meninos, mais tarde, quando chegarem as tristezas, as amarguras da invalidez, as decadências irremediáveis, a gota, o reumatismo, será suave viver de recordações e ter presentes as imagens lindas que se amaram. As bôas e ingénuas raparigas que ornamentam êste compartimento, transformar-se hão nos meus espectros inefáveis daqui a vinte anos. Piedosamente conviverei então com elas...

— Devemos confessar que tens espírito — murmuravam os estúrdios, lisonjeando-o.

— Sois simplesmente equitativos e justiceiros — concluia Manuel, sorrindo.

Aconchegando-se na sua cadeira de braços e de flácidas molas, de pernas estendidas, com as mãos cruzadas por detrás da cabeça indolentemente recostada, Manuel scismava, deixando errar a vista pelas fotografias pendentes das paredes. A carta, longe de assustá-lo, mais lhe avivára na memória e no desejo a confiante mulher que, em certas noites, ia ver, colhendo no ar a flor pura que ela deixava cair do balcão alto. Encontrara-a uma vez, no teatro, entre a mãe e o pai, um homem de austéra aparência e barbas encanecidas, e logo perdidamente se apaixonou. No meio da vèlhice, a mocidade virginal da linda rapariga esplendia ainda mais. Durante a representação, não desviára a vista do camarote em que ela estava, aureolada pela massa dos cabelos louros, iluminada pelos jogos de luz das pedrarias que acendiam faíscações no seu colo ondulante de cisne róseo. Ao descer do pano, esperou no átrio que ela saísse e seguiu-a de longe até ao hotel. Corrompeu os criados e soube-lhe o nome. Chamava-se Beatriz, tinha de-

zoito anos e vivia numa quinta pouco distante da cidade.

Daí em diante, dirigiu os seus passeios, a cavalo, para os lados do sítio tranqüilo em que ficava a morada da desconhecida — e o idílio começou, primeiro, em cartas ardentes, apaixonadas, duma literatura absurda com que Manuel costumava iludir as almas cândidas, e mais tarde em demoradas conversas fóra de horas, no misterioso silêncio da noite favorável aos que amam. Beatriz esperava que tôda a vivenda adormecesse, que todos os ruídos se calassem, e, abrindo cautelosamente a janela do quarto, que respirava para o jardim, ali permanecia friorenta e embrulhando-se em pesadas, moles peles, sob as estrêlas, dialogando com Manuel como outrora, em Verona, Julieta dialogava com Romeu até que os roussinóis despertassem nas romanzeiras em flor, ou que as cotovias, batendo as asas no azul, saüdassem com seu vibrante canto o alvorecer da madrugada. Êle chegava já quando, pelas encostas ou pelos vales, casais e granjas repousavam, prendia o cavalo, pelas rédeas, a um tronco de árvore, apertava nervosamente na mão a coronha da pistola, saltava o muro da quinta e lentamente, como um ladrão, espiando as espessuras no receio das ciladas imprevistas, aproxi-

mava-se de Beatriz, que lhe falava em voz baixa e trémula de comoção.

Êste capricho passional aos trinta anos, em que já se evocavam saüdosamente as recordações das felicidades extintas, exerceu uma acção profunda na psicologia de Manuel. Deixou de aparecer na roda jovial dos amigos, de associar-se às ruidosas ceias com *champagne*, flores e mulheres, começou a andar preocupado e melancólico — e isto intrigava os que o haviam conhecido alvoroçadamente alegre, esquecendo mais de-pressa as amantes dum dia do que as rosas frescas que lhe murchavam na lapela. Que seria ? Bento de Sousa, o sagaz psicólogo do grupo, quis explicar a transformação repentina que em Manuel se operára, dizendo :

— Temos duas coisas essenciais a considerar neste fenómeno : — o amor e a ténia. São dois factores de natureza diversa mas ambos notáveis para as perturbações dum temperamento como o do nosso pobre amigo. Não se mostra, não há quem o veja, esconde-se, suspira, tem longas vigílias, fomes de estômago e de ideal ? Ou ama intensamente ou a bicha solitária lhe empobrece o organismo.

— Procuremos, portanto, um remédio heróico que o liberte — aconselhou o estouvado

Tristão, que atirava ao vento os últimos punhados de oiro duma avultada herança.

— Já o encontrei — acudia Bento, soprando à brisa o fumo da cigarrilha turca. Ou menina, ou pevides de abóbora . . .

E logo decidiram, entre furiosa gritaria, procurar Manuel, obrigando-o a tratar-se. Êle, porém, não os recebeu, isolando-se ainda mais para que o não interrompessem na doçura das suas *rêveries*.

A carta anónima prevenindo-o de surprêsas trágicas durante as suas caminhadas nocturnas, tinha-a Manuel olvidado completamente. Possuía uma confiança absoluta no seu destino amoroso, que nunca o traíra, e nas balas da sua pistola, que sempre o acompanhava nas vagabundagens a de-soras, através de atalhos, de matagais, de brenhas agrestes, que nenhum ser vivo humanizava com a sua presença.

Embuçado no farto capote, com o chapeirão de feltro carregado sôbre os olhos, as rédeas prêsas na mão, os pés bem firmes nos estribos, a brasa do charuto ardendo na bôca, afrontava os fantasmas da sombra altivamente, avançando sem um estremecimento, sem um desmaio de coragem. Era pontual às entrevistas realizadas na solitude do jardim de Beatriz, que no encan-

to, na embriaguez dum amor que nunca experimentára, tinha para êle a beleza estranha da Ilha da Ventura que tantas vezes idealizara e onde as flores nunca se fanavam, rescendendo ao vento brando sob um céu continuamente azul. Desde que nêle penetrava e vislumbrava o vulto tímido de Beatriz, curvada sôbre o peitoril da janela, era como se penetrasse na região lendária da Graça, onde se ignorava o ardor das lágrimas, o travor dos vastos males, a angústia permanente das almas, a infinita e irremediável desgraça que deriva do fundo mar da dor. Ela era inocente e casta, tinha adoráveis delicadezas e a luz dos seus olhos, purificada e brilhante, fazia erguer uma alvorada no peito de Manuel. Não conseguira, porém, que Beatriz descesse ao jardim, confiasse uma fragilidade enternecedora à sua fôrça e à sua protecção.

— Porque não havemos de falar assim?... Tenho mêdo, muito mêdo! — respondia ela, às suas desesperadas solicitações.

— Mêdo de mim? — preguntava êle, amimando a voz. Mêdo de mim, que apenas vivo para ti, para a tua felicidade?

— Não, que ideia! — interrompia ela. Se tivesse mêdo de ti, não me encontravas neste logar. Assusta-me a noite, o receio de que nos

surpreendam. Na quinta há criados. Podem acordar, chamar o papá . . .

— Bem sei ! Não me amas !

— Não te amo ?

— Não ! O verdadeiro amor não receia, não sabe fazer cálculos.

— Mas és injusto, injusto ! Tem pena de mim ! . . .

Já Manuel cogitava nos meios de escalar a janela, de apertá-la nos seus braços, de esmagar-lhe a bôca virgínea com um beijo imaterial, longo, ansioso, em que se exalasse tôda a sua emoção e que apagasse a febre voluptuosa que o devorava, quando Beatriz, por fim, cedeu às suas súplicas. Fechando vagarosamente as vidraças, para não produzir ruído, abafou-se numa manta preta e veio, de coração palpitante e rosto abrasado, encontrar-se com Manuel perto dos chorões, que derramavam a sua desgrenhada cabelugem verde à beira dum tanque cheio de água transparente e morta.

— É para que não me acuses mais ! — exclamou ela, estreitando entre as suas mãos as de Manuel.

— Obrigado !

— Por ti, quero zombar de todos os perigos.

Mas respeita a veneração que te tenho e não me faças envergonhar de mim própria!

— Confia na sinceridade do meu amor!...

A noite estava escura. A aragem enchia de murmúrio a ramaria dos arvoredos. O rumor das fôlhas sobressaltava Beatriz, que se agarrava nervosamente ao braço de Manuel, no seu lento passeio pelas alamedas areadas.

Ao longe, no silêncio que pesava sôbre a natureza mergulhada em quietude, latiam cães. Da sombra compacta, a cada momento irrompiam formas espectrais e hirtas de árvores acarvoadas na treva; mas, para os dois namorados, as horas que tam apressadamente fugiam tinham um sabor deleitoso e um enlêvo inenarrável. A serenidade envolvente comunicava a essas horas divinas uma suavidade e uma poesia incomparáveis...

Por fim, separaram-se com lentidão e a tristeza de todo o adeus. Beatriz, arripiada de frio, reentrou em casa pela porta que dava para o jardim e que havia deixado cerrada; e subindo novamente à janela, despediu-se de Manuel que em baixo a saüdava, tirando o chapéu e prendendo no peito a rosa branca que como sempre, ela colhia ao fim da tarde e lhe ofertava como uma promessa de constância naquela ternura

que era a sua ilusão suprema e a sua suprema esperança. Depois, saltando o muro, tomou as rédeas do cavalo, montou e partiu a galope, como um cavaleiro-trovador...

Durante muito tempo Manuel entregou-se à idealização do fino amor que o absorvia e que à sua sequiosa ansiedade emotiva trouxera a paz, o contentamento, a vontade de viver. O mistério em que êsse amor desabrochava como uma florescência maravilhosa, mais concorria para a sua exaltação. O segrêdo, a escuridão, as marchas errantes, sob o pálio fulgurante das estrêlas, romantizavam-no...

Bruscamente, relembrou e carta anónima. Quem lhe teria escrito? Por certo um despeitado por desdens invencíveis ou alguém que quisera intrigá-lo. Fôsse quem fôsse, não temia ninguém! Insensivelmente, tirára a pistola do bôlso...

Corria agora por uma estreita vereda esganada entre taludes cortados quási verticalmente.

— Sítio propício para uma traição e para uma cobardia! — pensou.

A-pesar de pretender dominar-se, agitava-o uma inquietação bizarra; mas galopava sempre.

— Alto! — bradou uma voz vinda do cabeço

dum monte, onde os pinheiros ramalhavam ao vento.

Manuel voltou-se na sela e neste instante recebeu em cheio, no peito, as balas duma cerrada descarga de fuzilaria. O cavaleiro tombou para o lado, escabujando sôbre as pedras, enquanto o cavalo, espantado pelo estrondo dos tiros, seguia a desapoderado galope com os estribos balouçando na carreira e as crinas flutuando à brisa.

O sangue, que escorria em borbotões dos buracos abertos pelas balas no corpo de Manuel, maculára a brancura da última rosa que lhe dera Beatriz e que era, pousada sôbre o cadáver, uma simbólica flor de amor e de morte.

AMOR QUE MORRE

Na doçura da tarde expirante, como uma flor de ouro e de luz que desfalece, Henrique foi sentar-se no jardim, sob uma frondosa magnólia que das suas folhagens e das suas corolas deixava caír brandamente a frescura, o silêncio e o aroma. A paz ambiente era profunda e consoladora e o azul dos altos céus desmaiava, colorindo-se de tons de fogo e de pérola para as bandas do poente.

Estava então na aldeia, onde queria passar saborosas, despreocupadas semanas de sossêgo para descansar da agitação nervosa e violenta da vida citadina : e os seus olhos encontravam um indizível encanto nas formas e nas côres da

natureza envolvente, na poesia e na beleza das paisagens resplandecendo à claridade, nos costumes simples da bôa e ingénua gente de campo. Nesse fim de tarde romântica, sob a magnólia que a brisa cobria de murmúrio, Henrique folheava indolentemente um romance francês, *História de uma paixão*, que o último correio lhe trouxera, e a sua imaginação perdia-se na saüdosa lembrança de amores antigos que à sua vida emotiva tinham dado alguma ventura. Por entre as grades do jardim via passar as fartas manadas de bois de pêlo fulvo, que voltavam dos pastos, tangidos pela aguilhada de zagais descalços.

Ao longe, entre os trigais, cantavam as ceifeiras e o crepúsculo baixava lentamente mergulhando a terra num íntimo recolhimento. Henrique experimentava, pela primeira vez, o enlêvo inspirador, o afago da hora rústica que o apaziguava e afinava a sua faculdade de sentir e de compreender. Inesperadamente, porém, a voz de Baptista, um criado fiel que trouxera da cidade, chamou-o :

— Menino, está aqui o homem do telégrafo . . .

— Êle o que quere, Baptista ? — interrogou Henrique, erguendo-se surpreendido.

— Diz que traz um telegrama.

— Um telegrama ?

— Sim ! . . . E urgente !

— O' diabo, então o caso é sério . . .

Pousando o livro, Henrique dirigiu-se ao portão do jardim, abrindo-o, e impacientemente pegou no telegrama que o distribuïdor, de boné na mão, lhe estendia.

— Baptista, dá um copo de vinho a êste senhor . . .

— Muito obrigado ! . . .

Quando novamente ficou só, Henrique rasgou o *enveloppe* e, temendo que o despacho inesperado lhe anunciasse más novas àcêrca da mamã, piedosa senhora devota que não quisera deixar a sua vivenda urbana e que vagueava pelos longos corredores, embrulhada num chale de lã, como uma sombra que se diluia, foi logo ver a assinatura.

Suspirou de alívio. O telegrama não era da mãe, mas de Pedro de Brito, um jovial camarada de estúrdias.

— Que me quere êste excelente Pedro e com tanta pressa ? — monologou Henrique.

Mais sossegado e com o papel entre os dedos trémulos, leu estas palavras : — « Vem já. Maria da Luz está a morrer. Antes de fechar os olhos

para sempre, deseja ver-te e falar-te». Tornou a lêr, comovidamente, o telegrama que lhe anunciava um acontecimento bem doloroso para a sua alma e, por instantes, abateu-se sôbre o banco de pedra, escondendo a face nas mãos e reavivando penosas recordações longínquas.

— Pobre rapariga, coitada! ... — exclamou.

Recuperando a energia que aquelas tristes linhas amoleceram no seu organismo, Henrique levantou-se, entrou no seu quarto onde Baptista acendia o candieiro, ordenando:

— Vai dizer ao José que aparelhe o meu cavalo ...

— O menino sái?

— De-certo ... E olha, talvez não volte hoje. Tenho muito que fazer...

— O telegrama é bom ou é mau? ... Vejo-o tam pálido.

— É mau, homem! Mas não te demores, não fiques aqui a tagarelar... Vai, enquanto eu mudo de fato ...

Pouco depois, Henrique galopava pela estrada fóra, que uma lua redonda e branca de balada iluminava. As árvores projectavam no chão sombras alongadas e movediças e as herdades, aninhadas pelos vales, adormeciam sob a bênção pura do luar. A solidão era apenas quebrada

de onde a onde pelo referver das águas nos açudes ou pelo ruído monótono das azenhas.

Durante o caminho, Henrique ia relembrando melancòlicamente essa Maria da Luz que estava agonizante e que êle tinha conhecido em plena mocidade e em plena beleza, em anos ditosos. Tinha uns cabelos ondulantes e negros, um rosto muito branco e uns olhos dum preto líquido, langorosos, tentadores, em que refloriam promessas. O seu perfeito corpo era de estátua e parecia haver sido modelado por um escultor que nada ignorasse das plásticas harmoniosas.

Maria da Luz fôra a sua tortura, a sonhadora ilusão da sua adolescência, o terno cuidado do seu amor antigo : e os rapazes da sua geração atiravam-lhe inconsideradamente ao regaço, por um simples beijo, a dignidade e a fortuna, comprometendo-se e infamando-se. Era fria, insensível, desdenhosa ; tinha um modo cínico de interromper, com gargalhadas ácidas e cortantes, as confidências dos que o seu poder de sedução escravizava, e Henrique sempre pensára que aquela mulher se mantivera refractária ao lume de tôdas as adorações sinceras. Vendia-se por dinheiro, mas a sua sensibilidade não intervinha nesse comércio vil.

A-pesar disso, também êle a tinha amado com

veneração, com febre, até ao dia em que ocorreu um drama sanguinolento que ainda agora o fazia estremecer de horror e de angústia. Êsse drama fôra o suicídio de Jorge, que partira o crânio com a bala dum revólver, quando Maria da Luz, sabendo-o arruïnado, o repelira zombeteiramente. E, contudo, jàmais pudéra esquecer a sua graça estranha, o mistério dos seus olhos enigmáticos que dir-se-ia perscrutarem o mais oculto segrêdo dos corações. Ela era uma esplêndida floração da carne, uma das mais belas obras de arte humanas e animadas de quantas tinha contemplado, possuía o indizível encanto dos anjos despenhados que vão sôbre a lama de tôdas as misérias gritando as fatalidades dum destino inexplicável e que conservam, a-pesar disso, alguma coisa de muito venerável, de muito casto e de muito cândido na sua alma...

E estava a morrer, essa linda criatura que fizera a iluminura maravilhosa da gracilidade feminina no seu tempo! Que poderia ela dizer-lhe que o levasse a absolvê-la e a perdoar-lhe o mal que fizera a Jorge e a êle próprio? Suspeitava de qualquer revelação terrível, guardada obstinadamente durante tempos sombrios de tormentos morais e que fôsse a explicação da sua frieza e do seu doentio cinismo...

Ah! essa frieza, êsse desdém, tinha-os Henrique sofrido amargamente, porque Maria da Luz, que se entregava a todos os homens que a procuravam, nunca quisera entregar-se a êle! Henrique relembrava agora, claramente, o que Maria da Luz lhe dissera, na derradeira vez em que se encontraram. Curvando-se, sorridente, sôbre a sua fronte abrasada, preguntou-lhe:

— Que é que o senhor vê em mim? Responda com franqueza!...

— Uma adorável mulher por quem eu seria capaz de praticar loucuras.

— E não vê mais nada?

Maria da Luz interrogava-o muito séria, com um brilho de fogo no olhar, esperando ansiosamente a resposta.

— Que quere que eu veja mais? Pois, não lhe basta a minha confissão? A sua vaidade não estará ainda satisfeita?

— De-certo que não...

Seguiu-se um curto momento de pausa, que oprimia Henrique. Maria da Luz, brincando com o leque, murmurára numa voz que parecia vir de muito longe:

— Afinal, os homens, mesmo aqueles que nós, pobres mulheres, julgamos mais inteligentes, não vêem nada... Oh! são duma

miopia, duma cegueira, duma falta de subtileza! . . .

Rindo sarcàsticamente, Maria da Luz bateu com o leque, de leve, no ombro de Henrique, dizendo :

— Sabe uma coisa? A sua presença fatiga-me. Deixe-me só e não torne a procurar-me. É a maior fineza que pode fazer-me . . .

Então, ainda Jorge estava vivo, gastando com Maria da Luz os últimos contos de réis : e ela, como se quisesse exacerbar mais a sua crueldade, ameaçou :

— Se continua a perseguir-me, contarei ao seu amigo esta traição . . .

Tudo isso já lá ia muito longe : e Henrique, revolvendo na memória êstes vélhos episódios, durante a jornada, monologava :

— Que quererá ela, a dois passos da morte, a um adorador que outrora desprezou com tanta teimosia ? . . .

A estrada rompia agora através de uma vasta planície polvilhada pela neve resplandecente do luar. Os arvoredos, na solitude, tinham atitudes singulares de quem escuta. O silêncio era profundo. Inesperadamente, luzes longínquas, ardendo, faülhando na noite como pontos de ouro, acordaram Henrique da sua *rêverie*. Estava

perto da casa campestre em que Maria da Luz se refugiára, ao adoecer. Pedro devia esperá-lo, certamente.

O desabrido galope do cavalo sôbre as pedras despertava os cães de guarda, que latiam aos portões de ferro das quintas solitárias. Entrando na povoação, Henrique abrandou a marcha, dirigindo-se para a desolada vivenda onde Maria da Luz agonizava, velada por uma enfermeira, quási só — ela que antigamente tivera uma tam numerosa e gentil côrte de vassalos, como raínha da graça e da formosura.

Chegou. A habitação da enfêrma era baixa, com um largo beiral onde as pombas arrulhavam, durante o dia. Sôbre o muro que a cercava, caía um ramo de glicínias brancas. Pedro conduziu-o logo ao quarto de Maria da Luz, que arquejava, no leito, encostada a grandes almofadões. O seu corpo mirrado tinha, debaixo das roupas, o volume do de uma criança. Havia no ambiente um cheiro particular de febre e de medicamentos. A pouca vitalidade que restava à doente parecia concentrada nos olhos, negros, profundos, dolorosos, que reluziam, iluminando-lhe de claridade o rosto macilento e emmagrecido. Henrique aproximou-se de Maria da Luz, com uma infinita piedade no coração por essa

flor que tinha conhecido tam viçosa e radiante e que o sofrimento fanára: e como a olhasse com espanto e comiseração, ela segredou, baixinho:

— Sou eu, com efeito!...

Esboçou levemente um gesto, para que os deixassem sós e depois continuou penosamente:

— Ainda bem que veio... Agradeço-lhe a bondade... Será esta a última vez que o importuno!...

— Não, há de curar-se!... Verá! — exclamou Henrique, com lágrimas nos olhos.

— Não me iluda... De resto, a morte não me atemoriza e estava cansada da vida, que para mim foi bem triste...

Henrique queria falar, consolá-la com a esperança de dias melhores, mas ela, fazendo-lhe sinal para que se calasse, pediu:

— Dê-me a sua mão... Assim!... É tam bom a gente saber que tem na existência um afecto... Veja como me abandonaram, a mim que gastei a mocidade com os outros!...

Interrompeu-se um momento, abalada pela tosse, para recomeçar:

— Mas, para que servem as lástimas?... Eu não o mandei chamar, para contar-lhe as minhas desgraças, mas para revelar-lhe um segrêdo

de que nunca suspeitou e que eu não quero levar para a morte.

A sua mão fez uma pressão mais doce na mão de Henrique :

— Sabe porque eu desprezei sempre as suas ofertas, aceitando as dos outros ? Não sabe !...

— Não, certamente !

— Aí está a razão porque um dia lhe disse que os homens não vêem nada ! . . . Nunca me entreguei ao senhor, porque o amava e porque êste amor foi o primeiro e o último para mim ! . . .

— Maria da Luz ! . . . — bradou Henrique, levantando-se.

— Sossegue, não se exalte ! Eu era uma pobre mulher, pertencendo àqueles que não amava ; e por um capricho que ainda hoje não decifro, não quis pertencer ao único homem que verdadeiramente amei ! Porque ? . . . Porque, no meu sentimento, o considerava diferente dos outros. E o senhor nunca me compreendeu ! Odiou-me, talvez ! . . . Acabou-se ! Fiz-lhe mal, mas também padeci aflitivamente. Perdôe-me . . .

— Oh ! meu amor ! . . .

— Um beijo ! . . . Dê-me um beijo, se lhe não repugna beijar um cadáver . . .

Henrique beijou-a demoradamente, na bôca,

como se quisesse sorver-lhe tôda a alma, que se apagava.

— E agora vá ! . . . Poucos dias terei de vida, mas lembre-se de mim, dêste supremo instante. . .

— Não ! Há de viver ! . . .

— Vá, por Deus . . . Acendeu-se uma luz nova no meu espírito. Sinto-me tam bem ! . . . Este segrêdo queimava-me ! Que mêdo eu tive de morrer sem lho confessar ! . . . Mas vá, chame a enfermeira. Agora, a sua presença faz-me sofrer ! . . . Adeus, adeus para sempre ! . . .

Alvorecia e Maria da Luz morreu daí a uma semana.

AS IRONIAS DO AMOR

António, tinha-a amado muito, outrora, quando as ilusões da sua mocidade davam flor, com a timidez, o recolhimento, a doçura íntima com que se amam as almas puras. Florinda entrava então nos dezoito anos, saía dos encantados jardins da adolescência, trazia os olhos namorados de beleza, deixava a paz da juventude para entrar nas sobressaltadas ilusões do amor e tôdas as manhãs, quando António passava na rua em que ela vivia, encontrava sempre à janela a sua vaporosa cabeça loira a que a poeirada fulgente do sol da primavera dava um brilho de jóia rara e animada. A princípio olhou-a com acanhamento, no receio de ser escarnecido :

depois, o hábito foi-lhe comunicando coragem e fitava-a com mais insistência.

Uma vez, pareceu-lhe mesmo vê-la sorrir com simpatia, e esta grata, suave suspeita encheu--lhe o peito de luz, sob a alegria sem névoas duns olhos tam azúis e tam cândidos qüe dir-se-iam tocados de uma gota da tinta do céu.

A partir dêsse momento, a sua muda adoração ganhou mais confiança e tranqüilidade. Constantemente pensava na radiosa visão matinal que vinha espreitá-lo da alta varanda, entre os vasos com pelargónios que, sob a claridade benéfica, se cobriam de florações novas, e de quem êle idealizava, em repousadas, meigas horas de enlêvo, a castidade sem mácula, a ingenuïdade, a ternura, e monologava :

— Ela já reparou ! . . . Ela gosta de mim . . .

Prendera-se com tanta devoção do espírito e dos sentidos a esta aparição romântica que era uma rosa desabrochando na aridez da sua existência, que se ela um dia não lhe aparecesse, sentiria uma dor profunda : mas, como Florinda constantemente se mostrava e lhe sorria, a pouco e pouco a dolorosa suposição da sua ausência se dissipou na sensibilidade de António, como um ténue fumo. No romance desta paixão, começaram a vicejar as flores divinas da felicidade

— oh ! uma felicidade tôda imaginária, porque nunca entre os dois se havia trocado uma só palavra de cumprimento e de afecto ! Mas tam seguro estava António do amor de Florinda, que ia já construindo docemente uma vida futura de placidez e de veneração perpétua, em companhia dela, junto do seu regaço, dos seus pequeninos pés, com as mãos da noiva, que eram magras, brancas e de dedos afusados, presas nas suas, balbuciando as confissões que um exaltado romantismo lhe inspirava. Havia de preguntar-lhe, com a voz débil com que se fala aos convalescentes :

— Não és tu feliz ? . . .

E pensando assim, com a imaginação povoada de esperanças, reconstituindo na fantasia ardente a fronte cândida de Florinda, que era melancólica e sonhadora, julgava que ela lhe sorriria com brandura e reconhecimento por tôda aquela ventura que êle lhe oferecia e por tôda a graça terna de que a rodeava.

Em momentos de maior intensidade de sentir, surpreendia-se a compôr o seu lar. Seria numa aldeia de cavadores simples e crentes, entre árvores de bôa sombra. Escolheria uma casa pequenina, com latadas de glicínias e limoeiros correndo ao longo das paredes — porque para

duas criaturas que muito se querem, uma concha basta. Os dias, nesta solitude propícia, deslizariam com asas de sêda e de luz, tam ràpidamente que não chegariam a aperceber-lhes o tédio e a fadiga. Êstes devaneios formavam-lhe na alma cristalizações de saüdade e mergulhavam-no ao mesmo tempo em gôzo interior e em beatitude....

De-certo que nunca tivera a audácia de se demorar sob a janela de Florinda, de oferecer-lhe uma carta em que lhe contasse tôdas as ansiedades, tôdas as inquietações, todos os cuidados do seu amor. No entanto, considerava que Florinda devia conhecer já êsse amor forte e confiante, pelo olhar triste e implorativo com que a contemplava e pela súbita palidez do seu rosto, quando em certos domingos a encontrava na cidade, com a mãe :

— As mulheres são subtis — dizia êle para sossegar as suas dúvidas — e adivinham por instinto, os segrêdos que os homens que amam não ousam revelar-lhes.

Ora, quando êste sonho feliz se cobria de rosas, António recebeu inesperadamente a notícia cruel de que Florinda ia casar-se, viver talvez contente e adulada, com um homem entrado no outono da existência, rico certamente, mas que

não trazia a reflectir-se no olhar fulgor de inteligência, de bondade, de superioridade espiritual. Ao amigo, que lhe levára a nova perturbante, quis António iludir com um riso cortante e sêco e a zombaria amarga dos sarcasmos : mas êle fàcilmente compreendeu quanta dor havia nas ironias e numa ácida gargalhada, que afloravam à bôca antes que as lágrimas aflorassem aos olhos.

— Homem, para que hás de representar, ser comediante, se eu leio no teu espírito, e perfeitamente entendo o teu despeito ? — atalhou, de súbito, o amigo.

— Despeito ? Ora essa ! . . . Eu conheço a sociedade do meu tempo. A ambição não poupa mesmo êstes lindos anjos femininos, que nós andamos constantemente a engrinaldar de flores e de virtudes ! Em que é que eu posso julgar-me ofendido ?

— Não é bem uma ofensa, o caso de que se trata. Muito pior, talvez : — é uma humilhação . . . E as humilhações sempre dóem, não é verdade ?

António acendeu um cigarro, ficou-se um instante a seguir as espirais do fumo azulado que se torciam no ar, e exclamou bruscamente :

— Deixa-me só ! Tenho necessidade da soli-

dão para fazer uma romagem piedosa ao passado.

— Da melhor vontade! — acudiu o amigo, despedindo-se.

Deu alguns passos à volta da sala, espreitou durante algum tempo a rua através da vidraça ecom um profundo desalento no coração começou a meditar sôbre o singular desfêcho do idílio que durante alguns meses fôra o seu enlêvo. Florinda ia casar-se! Tôda a ventura que idealizara em horas de placidez e de confiança se esfumava como um fugidio nevoeiro. Tinha na alma a sua luarosa imagem e sentia invadi-lo uma impetuosa cólera contra essa doce rapariga que lhe parecera tam resplandecente de candidez e de gracilidade, tam inocente, e que afinal era fútil como tôdas as mulheres, entregando-se a um homem com dinheiro para satisfazer todos os seus caprichos femininos, tôdas as suas absorventes aspirações de luxo. Então, enfurecia-se contra si próprio, porque ainda a amava a-pesar de desdenhado e de traído, numa grande abdicação de personalidade, de dignidade, de orgulho. Experimentou uma enérgica revolta contra a sua fraqueza, e sentando-se, apertando a cabeça nas mãos, murmurou:

— Acabou-se! Caíu-me uma flor a uma po-

cilga... Para que hei de interessar-me por ela?

Recuperando, porém, a sua placidez, acalmada a sua tempestade interior, considerou:

— Terei eu, no entanto, o direito de acusá-la? A sua vontade é livre. Não posso impor a ninguém uma simpatia pela minha pessoa. De resto, nem sequer lhe falei uma só vez! Amei-a em segrêdo, com pudor, com recato, como um colegial!

Nunca lhe tinha falado, com efeito! Mas costumara-se à muda saüdação de Florinda, que tôdas as manhãs o esperava à janela, sorridente, com a auréola dos cabelos de oiro novo esplendendo à volta da sua testa, que era ebúrnea e alta, inteligente e pensativa, e imaginava que só por isto ela lhe devia constância, fidelidade, gratidão! Ah! o acanhamento, o mêdo infantil, que lhe afogava a voz na garganta, sempre que tinha de revelar o seu amor a uma mulher! Relembrava a sua mocidade, que se ia fanando, correndo continuamente atrás de quimeras nunca alcançadas! Tinha o coração cheio de imagens mortas — e cada uma dessas imagens o fizera sofrer amargamente. A de Florinda, então, mais venerada do que tôdas as outras, causar-lhe-ia angústias! Resignar-se-ia... Ela ia casar, ter

filhos, um braço dedicado que a amparasse. Não lhe queria mal por isso, com certeza! Mas, na sua amargura, pensava que uma mulher assim, se fôsse bôa e leal, seria o encanto da sua vida, faria reflorir rosas na sua melancolia, iluminaria as suas incertezas com uma fé resplandecente e purificada. E António havia de ser o seu escravo mais dócil, um crente de todos os instantes. Levaria a sua abnegação a um tal ponto, que se ela precisasse do sofrimento e das lágrimas de alguém para a sua perfeita felicidade, choraria e sofreria só para que ela se não lamentasse!

— Mas, a que conduzirá êste devanear absurdo? — preguntava António. Ela vai casar!... E eu, desiludido, hei de esquecê-la, certamente...

Vagarosos e lentos anos se passaram, e António não a esqueceu. Sabia-a venturosa e como no seu coração se tinham apagado todos os maus sentimentos por essa mulher, a ventura que a envolvia reflectia-se também em António, que trazia ainda a alma dorida, cheia da sua graça, da sua beleza, da poesia de uma adoração malograda e longínqua. Às vezes, passava à porta de Florinda, para melhor ressuscitar a paixão dos dias findos, e surpreendia-a a cantar à varanda, entre dois filhos louros e tendo os olhos azúis como os dela. Esta scena enternecia-o e le-

vava-o a ruminar no que, com Florinda, perdera para sempre. Afastava-se a passos apressados, para que ninguém notasse a sua perturbação, perto daquela casa em que se refugiára uma parte do seu próprio ser. De resto, Florinda nem sequer reparava nêle, como outrora, nas límpidas manhãs em que o mundo tinha, para os seus olhos, uma formosura nova. Parecia tam contente, tam satisfeita, tam sossegada!...

António experimentou a necessidade imperiosa de aproximar-se mais da mulher que, em certo momento da sua vida psíquica e moral, resumira as suas supremas ambições — e procurou uma apresentação, fàcilmente encontrada, certa noite em que, em casa duma família das suas relações, havia uma reünião mundana a que Florinda assistia também. E como a sua beleza de flor nova radiava, entre os nevoeiros das rendas, o brilho das sêdas, a faíscação das jóias irizando-se à luz! Estava então em pleno esplendor da formosura: e, como não ignorava a fascinação que exercia, pela sua graça, entre os homens, expunha-se voluntàriamente às admirações envolventes, para dominar os que a cortejavam.

António seguia-a insistentemente com o olhar, espiava os seus mais vagos gestos, a expressiva

mobilidade dos suas linhas fisionómicas, no secreto intuito de lhe surpreender no rosto o cuidado duma lembrança mais grata por êle, que tam puramente lhe quisera; mas, se Florinda recordava o episódio sentimental doutras épocas volvidas, nada, em todo o caso, dëixava transparecer. Parecia por tal modo desinteressada que, fitando-o, nem sequer mostrou que o conhecia.

— Ah! as mulheres! Que enigmas! . . . — monologava. Chamamos-lhes sêres de devoção e de sacrifício e, afinal, o que as caracteriza é uma pontinha de perversidade e de ingratidão pelos mais nobres afectos.

Quando um homem da intimidade da casa de Florinda lhe apresentou António, que tremia e torcia nervosamente as luvas, foi com gentileza que ela lhe estendeu a mão — uma linda, magra e branca mão fulgurante de aneis — dizendo banalmente:

— Muito prazer em conhecê-lo!

António, ao dirigir-se-lhe, ingènuamente pensava que ela empalideceria um pouco, que não conseguiria esconder o seu espanto por aquela audácia, que o repreendesse com um olhar mais severo — ou que o acolhesse então francamente, com uma alegria sem disfarces. Eis, porém,

que o encontro há tanto esperado fôra duma naturalidade que o despeitava.

— Eu conhecia V. Ex.ª há muito — tartamudeou, ao ficar só com Florinda. Não se recorda também de mim ?...

— Não !... — acudiu com um sorriso indefinível.

E acentuando as palavras intencionalmente :

— De resto, como vivemos numa cidade muito pequena, todos nos conhecemos uns aos outros, pelo menos de vista...

Esta zombaria desconcertou António, que atalhou bruscamente :

— Eu imaginava !...

Florinda deteve-se um minuto a abservá-lo, brincando com o leque indolentemente, e exclamou :

— Não !... Não me recordo, com efeito. Poderia dizer o contrário, por amabilidade, mas eu não sei mentir...

António, que começava a sentir-se grotesco, ergueu-se, cumprimentou-a e retirou-se da sala... Já na rua, ia meditando na singularidade dos sêres femininos que parecem trazer a verdade na bôca, que mentem com tanta arte, tanta candura e tanta convicção, e que se vingam cruelmente.

— Será esta mentira de Florinda, porventura, a prova dum amor que não quere revelar-se? — preguntava êle, para lisonjear a sua vaidade melindrada.

Mas, como na sua agitação se julgava incapaz de análises profundas e de sagazes psicologias, concluíu que o amor era uma estopada, um absurdo, uma doença de sentimento.

— Por mim, considero-me curado! — afirmou.

E foi esperar, sob a frialdade da noite, que Florinda reentrasse na sua vivenda, contente, desdenhosa e feliz, pelo braço do marido, só para vê-la mais uma vez ainda.

HISTÓRIA DUM RAMO DE CRAVOS

Quando nessa noite Julião entrou em casa, depois de um longo passeio pela cidade deserta e mergulhada na sombra muda e no silêncio doce para a sua tristeza, encontrou com espanto, no seu quarto de estudo, sôbre um livro de versos de Alferdo de Musset, um ramo de cravos brancos e orvalhados que se exalavam em aroma e perfumavam todo o ambiente. Abriu, com sobressalto, a janela que respirava para o jardim, e chamou Rosália, uma vélha criada que já servira sua mãe e que ficára sendo a companheira de uma orfandade melancólica.

— Lá vou, menino ! — respondeu ela do fun-

do da cozinha, por onde arrastava, tossindo, os seus chinelos de ourelo.

Uma lua de balada, redonda e pulverisando-se em luz, tecia sobre os ramos das árvores, imóveis na solidão nocturna, as frágeis, vaporosas rendas de luar, que se adelgaçavam, se dissipavam nas penumbras. As casarias adormeciam suavemente sob a bênção piedosa da claridade lunar. Nenhum ruído perturbava a quietação, a solitude daquele momento admirável. Julião ergueu o ramo de cravos nas mãos trémulas e observou-o vagarosamente. Quem poderia lembrar-se dêle, que era um desconhecido e um desalentado, com tanta gentileza ? Ia entrando no entardecer da existência, não tinha a menor confiança na vida que não compreendia, não conservava nem ilusões nem esperanças e no seu sentimento a amargura formava lentas cristalizações.

— Que me quere ? — preguntou, batendo à porta, a serva.

— Quem trouxe estas flores ? — interrogou Julião.

— Quem as trouxe foi uma rapariguita, ao fim da tarde, pedindo-me para que eu lhas entregasse.

— Mas, da parte de quem vinha ?

— Não o disse. Assim que mas deu, botou a fugir. Eu ainda a chamei, ainda quis saber... Ela, porém, nem sequer me escutou!... Foi assim mesmo.

— Está bem, Rosália... Pode retirar-se... Mas ouça!...

— O que?

— Para a outra vez não torne a aceitar nada, sem explicações claras... Não gosto de romances.

— Eu sei lá o que são romances, menino!... Que queria que eu fizesse? Que as deitasse fóra?... Estou a dizer-lhe como as coisas se passaram!... Ora, os meus pecados...

— O' mulher, não se apoquente! Isto é apenas uma recomendação e não uma reprimenda — exclamou Julião, aborrecido. Vá-se deitar, vá dormir!...

— Então, muito bôas noites lhe dê Deus! — murmurou Rosália, afastando-se.

— Bôas noites!

Julião pousou os cravos sôbre a mesa, fechou a porta à chave, sentou-se numa cadeira e, acendendo um cigarro, começou a pensar naquele caso estranho tocado por um inefável calor de lirismo e de sentimento. Na realidade, que queria aquilo dizer? Que significaria uma tam delicada oferta a um homem que chegára aos trinta

anos sem que diante da beleza feminina o coração lhe pulsasse no peito mais aceleradamente e sem que a sua imaginação exaltada, em instantes de febre e de aspiração, idealizasse sonhos de candura, de graça e de amor, povoados de visões angélicas que para êle estendêssem braços suplicantes e lhe prometessem, com a doçura dos beijos, tôdas as felicidades terrestres ? Aquele inexplicável episódio solicitava-o precisamente pelo seu ar de enigma. Sem o mistério que o envolvia, nenhuma impressão produziria na sua sensibilidade de doente e de solitário, gerada por um imenso orgulho — êsse orgulho que o levava, na rua, a não fitar as mulheres que passavam, na radiação da sua formosura primaveril, só porque um dia pensou que podia ser desdenhado. Como era um tímido, por temperamento, por organização, concentrava-se, vivia num permanente recolhimento espiritual, sem querer sair para fóra da sua personalidade, do seu «eu» : e assim se isolára cada vez mais do mundo envolvente, dos interêsses afectivos, das frivolidades sociais, caindo na misantropia que o devorava e o fazia sofrer angustiosamente, porque pressentia, para além da sua desolação, as alegrias e as venturas que iluminavam as almas de contentamento.

Ruminando as singularidades da sua psicologia e fumando com desespêro, Julião procurava adivinhar a mão ignorada que mandava flores, ao descer dos plácidos crepúsculos, à sua vivenda vazia de saüdades e de ternuras e entendia, finalmente, a fascinação com que o desconhecido atrai as naturezas sensíveis.

Pela janela aberta às aragens ligeiras da noite — uma sossegada noite em que a lua andava a espalhar bênçãos de luz na cidade sonolenta — entrava o luar tépido e branco que acariciava os cravos, murchando sôbre o livro de Musset com encanto duma canção amorosa apenas principiada : e Julião, acendendo uns cigarros nos outros, evocava, de olhos errantes, as suas recordações mais longínquas para descortinar nelas uma aparição romântica, um vulto feminino prometedor e grácil que outrora o tivesse feito scismar e que depois esquecesse : mas não encontrava idílio, trança de cabelo, rosa fanada, confissão meiga, carta deixada ao canto duma gaveta, que fôssem uma revelação.

Na sua existência não havia minuto de enlêvo, de ascenção lírica, de confidências, de palpitação, que a dourassem de poesia e lhe adoçassem a secura. Só se lembrava das angústias curtidas silenciosamente, dos ideais nunca reali-

zados, de azedumes sem motivo que o exasperavam, do tédio sempre crescente duma vida sem finalidade — um tédio pesado que lhe entremostrava a loucura como um meio de libertação e a inconsciência como uma felicidade que nada atenuava. Quantas vezes, alucinado por êstes sombrios pensamentos, Julião se surpreendia a desejar a morte, uma rápida morte que não lhe causasse sofrimento e que o redimisse do seu cativeiro estreito! Nas raras conversas com os amigos, esta nota dum tam fúnebre espiritualismo denunciava-o constantemente nas suas palavras, era o *leit-motif* de tôdas as suas considerações.

— Viver, para quê? — preguntava êle. Por mim, ainda não encontrei à vida outro fim que não fôsse o de gastar inutilmente o dinheiro que herdei.

— Mas, ó homem, tu ainda não viveste — respondiam-lhe. A vida não é, positivamente, a toca em que te escondes como um bicho assustado. Abre os braços com energia, ama, luta, trabalha, produz!

Diante do ramo de cravos, de que se evolavam fragrâncias perturbantes, Julião relembrava êstes incidentes, e houve um momento em que, olhando em roda, pelo ermo comparti-

mento em que a sua mocidade ia acabando com a melancolia duma flor que se desfolha, imaginou que essa casa teria mais encanto, mais confôrto e mais beleza, se nela se escutasse a palavra jovial de crianças de cabelos em aneis caindo sôbre os *bibes* brancos e se, pelas salas sonoras e recolhidas lidasse activamente uma *ménagère* diligente e amorosa que, nas horas negras do seu pessimismo, e apertasse num abraço e se curvasse sôbre o seu ombro forte, dizendo-lhe ao ouvido uma dessas divinas ternuras que fundem tôdas as friezas da emoção. Mas, imediatamente o pungiu a dúvida. E se êle se houvesse enganado na escolha ? Se em vez de encontrar um ser de lealdade, movido ùnicamente por um espírito de abnegação e de sacrifício, encontrasse um ser de mentira e de hipocrisia, capaz de traições e perfídias ? Ah ! então, como se exacerbaria o conflito da sua sensibilidade e como a sua dor seria mais cruel !

Levantou-se de salto, atirando com a ponta do cigarro para o jardim, fechou a janela, e parando novamente, diante do ramo de cravos brancos, sorria com ironia..

— Naturalmente, é alguém que quere divertir-se, que pretende intrigar-me, para seu prazer ! . . .

E, pegando nas flores, arremessou-as com violência para o cêsto dos papeis, como um trapo que se varre para a rua, indo deitar-se, muito nervoso pelas comoções intensas daquele momento de tentação. Apagou a luz e revolvendo-se entre os lençóis de linho que Rosália trazia perfumados a alfazema e a funcho, à moda da sua aldeia, não pôde conciliar o sono. Durante todo o resto da noite, a sua imaginação sobrexcitada se perdeu em devaneios e hipóteses que, na lucidez especial da sua leve sonolência, êle julgava irredutíveis verdades. Ao romper da manhã, porém, adormeceu profundamente — e quando despertou, sobressaltado pelas pancadas que Rosália lhe batia à porta do quarto, já o sol ia alto, ardendo e fulgindo no azul matutino como uma grande rosa de ouro e fogo.

— Que horas são ? — preguntou, bocejando.

— Onze, menino ! Está o almocinho pronto e estraga-se. Sempre me saíu hoje um dorminhoco !...

— Aí vou, mulher ! É um momento !...

Levantou-se apressadamente, mergulhou com regalo sensual na água fria do banho, sentindo clarificarem-se-lhe as ideias. Reconstituiu as scenas da véspera e, enquanto se vestia, pensava com delícia e gratidão na desconhecida miste-

riosa que mandava ao seu isolamento a doce visitação das flores orvalhadas.

Quem seria ? Uma apaixonada ou uma vulgar intrigante ?

Abriu a janela por onde a luz entrou a jôrros, fulva, criadora, benéfica. Os pássaros cantavam alegremente nas folhagens dos arvoredos que davam sombra ao seu jardim — um florido canto de repouso e de graça em que lia Horácio nas tardes de calor. Da cidade, laboriosa e inquieta, vinha o ruído feliz da labuta diurna. A música idílica dos pregões vibrava no ar luminoso e macio.

Julião curvou-se ao peitoril, contemplando a formosura da manhã que era uma flor de pureza e de alegria abrindo sob o céu translúcido. Numa varanda, ao fundo do quintal, uma rapariga muito loura, de corpo ondulante, admiràvelmente modelado, regava os craveiros que lhe floriam e perfumavam a varanda. Andorinhas aos pares passavam num vôo rápido.

Êste espectáculo inesperado foi uma revelação.

— Menino, menino, o almôço está na mesa !

— Já lá vou, Rosália !. . . — respondeu Julião, deixando-se ficar ainda à janela, absorvido em cogitações.

Êle conhecia, muito bem, a sua encantadora vizinha. Chamava-se Henriqueta, tinha vinte anos, ia todos os domingos à missa e em certas noites, tocava Chopin ao piano . . .

Parecia-lhe séria, honesta, com propósitos de mulher completamente formada e nunca surpreendera homens rondando a sua casa.

Nas tardes de verão, vinha costurar para a varanda, e tinha um lindo geito de esquecer, às vezes, as mãos no regaço, cerrando os olhos meigos. Simplesmente, nunca Julião a viu tam bela, como nessa manhã de junho, luminosa e nítida.

Seria ela quem lhe enviava flores — as flores que cultivava com tanto carinho — como uma doce promessa de amor ? Esta suspeita encantou-o e comunicou-lhe audácia, olhando-a com uma insistência provocadora, tanto mais que Henriqueta não desviava o olhar nem se afastava da varanda que o aroma dos cravos incensava.

— Então, menino ? — exclamou Rosália. Não quere hoje almoçar ?

— Agora é certo, mulher. Vou almoçar e até com apetite ! — bradou êle, com vivacidade.

A partir dêsse dia, durante longas, dormentes semanas, Julião demorou-se gratamente à janela do seu quarto, mais do que de costume,

e sempre encontrava, satisfeito, contente, Henriqueta à varanda, entre os vasos de craveiros. Habituara-se a esta saüdação matinal, que o enlevava, e foi arriscando mesmo algumas palavras, a princípio hesitantes, com mêdo de ser escarnecido, mais tarde audazes, como se nelas quisesse exprimir a confiança no triunfo. O idílio — um suave idílio que lhe iluminou a alma — começou então, dissolvendo todos os negrumes da intimidade moral de Julião, que renascia : e foi com espanto que Jacinto — um amigo, já casado, dos tempos do Liceu — o viu entrar-lhe um dia em casa, alegre, com bôas côres, de cravo na botoeira do casaco, dizendo-lhe com desembaraço :

— Sabes ? Vou casar.

— O quê ?

— Vou casar, homem ! Que há nisto de extraordinário da minha parte ? . . . Pois, não é tam natural ?

— Certamente. Mas em ti, misantropo, solteirão, fugindo com horror de todo o convívio, de tôda a sociabilidade, parece-me uma anomalia . . . Como foi isso ?

Julião, sentando-se e cruzando a perna, olhou Jacinto com afabilidade, murmurando :

— Como foi isto ? . . . É querer saber muito !

Mas está bem! Para ti não há segredos... Ouve... Certa noite de tristeza mais pungente, quando entrei no meu quarto, encontrei...

— Um ramo de cravos brancos! — atalhou Jacinto, com a bôca cheia de riso.

— Sim, um ramo de cravos brancos... Mas como sabes, quem to disse?...

— Depois?... — interrogou Jacinto.

— Depois — continuou Julião mascando as palavras — havia na vizinhança da minha vivenda uma certa Henriqueta que tôdas as manhãs regava os craveiros à varanda. Eu olhei-a, ela olhou-me....

— Bem sei. Não tornaram a olhar-se mais em todo o dia. Isso vem no Dante, no episódio de Paolo e Francesca, pouco mais ou menos.

— Sim, mas Paolo e Francesca morreram e nós vamos viver agora!

— Ó Emília! — gritou Jacinto para dentro. Vem cá.

— Que é, meu amor? — preguntou uma voz fresca de mulher.

— Quero dar-te os parabens, porque és o mais subtil psicólogo de saias que tenho conhecido.

— Então? — inquiriu Emília, entrando.

— O nosso amigo Julião vai casar, e creio que

fôste tu que concorreste para êste acontecimento notável.

— Pois, o ramo de cravos brancos que decidiu do meu destino!... — tartamudeou Julião.

— É verdade, fui eu que lho mandei com todo o mistério que o intrigou e o levou a amar.

— Essa agora!...

— Veja como muitas vezes as coisas insignificantes exercem uma acção prodigiosa e renovadora em certas sensibilidades e em especiais estados de alma!

— Menino — concluiu Jacinto, com uma gargalhada — é a psicologia. Tu não possuías uma vontade nem eras movido por um interêsse na vida. Eu e a Emília, que te estimávamos, decidimos despertar-te, com as flores, a vocação para as flores... E conseguimo-lo, bárbaro. Só tens que nos agradecer!

O ROUSSINOL DO CALVÁRIO

Conta um poema antigo, em versos puros de cristal e ouro, cheios de evocação, de embalo, de ondulação e ritmo, êste doce milagre :

— Era no Calvário, ao descer da noite branda e fulgente de estrêlas. Já pelos cabeços dos montes, tocados duma côr fluída de lilás e ouro, a lua aparecia, fina e branca, ascendendo em triunfo como um enorme lírio de luz, e o sol da Galileia, que tôda a manhã flamejara e ardera, em fogachos de braseiro, morria serenamente no ocaso. Em ranchos silenciosos, as pombas recolhiam aos pombais ermos, as fontes, mais desoladas, choravam pelas colinas verdes e as açu-

cenas cândidas fechavam, tremendo, as corolas de neve.

Havia apenas momentos que Jesus Cristo fôra pregado na alta cruz trágica, manchando a meia tinta do crepúsculo e estendendo numa angústia os seus dois braços de sombra. Lágrimas de sangue que a claridade expirante fazia brilhar como carbúnculos desprendiam-se da fronte do Nazareno e rolavam, redondas e vivas, pelo madeiro.

O calor abafava. O centurião, hirto e brônzeo, erguia a pesada lança com um agudo ferro scintilando ao alto. De vez em quando, enxugava o suor da cara às costas da mão calosa. Jesus, com a cabeça pendente e quási desfalecido, sorria ainda, olhando com infinita bondade os homens ferozes que assistiam ao seu suplício, respirando com volúpia o cheiro acre da sangueira. A sua imaculada fronte empalidecia ao derradeiro fulgor do poente ; as suas pálpebras cerravam-se.

De longe, chegavam os balidos das ovelhas regressando das pastagens ao redil, o som idílico e fugidio das canções de amor e de alegria, o tumulto da cidade sinistra, que, a distância, a lua banhava de fulgores brancos. Perto da cruz, as pobres mães desgraçadas, de braços tisnados e

rostos enrugados e lívidos, levantando nos braços criancinhas inocentes, gritavam aos três justiçados:

— Vêde! Vêde!...

E o monte áspero, íngreme e cansado, bocejava e parecia perder, a pouco e pouco, o último alento. As suas linhas, os seus contornos, as suas cruezas, os seus ângulos agressivos, suavizavam-se na penumbra, esfumavam-se, esmoreciam da violência das tonalidades. Sôbre a terra estéril e maldita, onde apenas as urzes rastejavam e as piteiras bravas espirravam, sedentas de ar, torcendo-se como numa condenação, alvejava o sudário lívido que a lua desdobrava vagarosamente.

Jesus atravessara, vergando sob o madeiro, as coléricas filas de povo que se juntava à sua passagem, disputando os logares a murro e praguejando para ver antes de justiçado êsse Rabi condenado à morte. Tanto se falava dos seus milagres, que era já célebre em tôda a Judeia. Relembrava-se à porta das sinagogas, onde os doutores da léi liam os papiros amarelados; era invocado nos casais que um clarão de

ventura jàmais alumiára ; os pequeninos que lhe sentiram na face a carícia tranqüila das mãos abençoadas, diziam, gorjeando, o seu nome ; os namorados olhavam-no de longe, se o avistavam por entre as várzeas em flor, meditando as suas doutrinas. Mas, nesse dramático dia, uma febre de loucura desvairava, embriagava as almas que clamavam pelo espectáculo bárbaro do sacrifício.

Vibravam-lhe blasfêmias abjectas, cuspiam-lhe nas prégas do manto, injuriavam-no, mostravam-lhe o punho fechado, numa ameaça. Os soldados romanos empurravam-no bestialmente, se as suas pernas enfraquecidas vacilavam. E só raras mulheres, sempre inclinadas à mágoa e ao perdão, lamentavam êsse lindo moço, duns olhos tam fundos e meigos sob a corôa de espinhos que o diademava duma auréola de oiro e de sangue.

Uma rapariga em plena florescência e em plena beleza da mocidade, de *peplum* de linho bordado, surgiu com mòlhadas de junquilhos e de anémonas, que lançou, chorando, aos pés de Jesus ; e Êle olhou-a com placidez, a bôca iluminou-se-lhe dum sorriso sereno, estendeu o braço numa bênção ; mas, logo as megéras, rugindo entre a multidão, apedrejaram a compadecida môça como se ela fôsse uma cadela.

E agora, ia morrendo lentamente, enquanto as rosas sonhavam, os berços e os ninhos repoisavam poèticamente sob doceis de ilusões e os lares não tardariam a adormecer.

Os roussinóis acordaram nas balsas, naquela quieta e miraculosa noite alva como uma comunhão ; o grande coração da natureza arripiava-se de mêdo ; e Jerusalém, onde medrava a flor escarlate do vício, dardejava de luzes, correndo ao prazer, à orgia, e sugando com avidez o mel diabólico do gôzo impuro.

Sôbre o Calvário, o silêncio foi pesando mais ; a populaça afastou-se, gargalhando ; as horas eram cheias de temor religioso. O centurião caminhava de um lado para o outro, de lança ao ombro. Os bandos de corvos, famintos de carne, crucitavam, batendo as asas negras.

Um dos condenados pediu água e desfaleceu. Cristo abriu os olhos enternecidos e contemplou as estrêlas. Depois, fechou as pálpebras como num sono e ficou inerte.

O soldado espetou-lhe o ferro da lança no peito e abalou também. Então, na paz inviolável dessa noite de tragédia, um roussinol passou sôbre Jerusalém num vôo ligeiro e veio poisar na cruz rude, cantando até ao raiar da madrugada fresca. Que dizia no seu canto essa ave estranha

que assim enchia a solidão lacrimosa duma nota de triunfo e de alegria virginal?...

O roussinol dizia isto: — «Antes de dealbar a aurora, a alma do justo entrará na imortalidade. Ela é enorme, encherá os tempos imemoriais, os séculos vindouros e proféticos. Lutou pela verdade e pela justiça; combateu pela fraternidade e pelo amor. E, mesmo na morte, Cristo resplandece de perpétua graça e de perpétua luz.

Porque foi que os homens crucificaram o mais puro dos homens? Jesus criou, com o esplendor do seu génio, o ideal, a fé, um Evangelho de libertação que se estendeu ao mundo inteiro; sublimou o nosso sentimento, com a eloqüência do seu verbo e o inefável fervor da sua crença; purificando-nos de ódios, de invejas e de acervos de misérias; aos desalentos amargos trouxe a doçura elísea da esperança; deu aos torturados e aos humildes a consolação sacrossanta das ilusões; vestiu os nús com um pano da sua túnica; afagou os pequeninos imaculados, serenou a fome dos famintos, alumiou os dias de claridade, as noites de estrêlas, amou tudo

16

o que era cristalino e sem mácula e tudo o que era desgraçado. Enlevou as consciências de ventura e de poesia; fez pulsar nos cérebros a fôrça augusta do pensamento; abalou as iniquidades; revelou, como um visionário sublime, as conquistas igualitárias do futuro.

Do cimo da montanha da perfeição, a sua palavra poderosa roboou pelo universo severa e terrível, varejando os despotismos e celebrando a bondade e a virtude! Êle, que tanto chorou pelos deserdados e pelos vencidos, foi por êles arrastado nas pedras e assassinado. Disseram-lhe pragas as bôcas pálidas a que tinha oferecido pão; arremessaram-lhe pedras as mãos que os seus lábios beijaram; coriscaram de raiva e de furor os olhos a que havia enxugado misericordiosamente as lágrimas ardentes. Mas a sua alma heróica, unção e candura, inocência e perdão, abençoou e perdoou.

Porque o mataram, pois, os homens? Era irmão dêles êste Homem sem pecados que o fulgar dum grande ideal guiava pelos despenhadeiros da vida. Atravessou farças e torpezas, com o seu bordão de jasmins sempre florido; era o amor e o bem! Venceu os perigos, zombou das tentações, espiritualizou tudo em que tocou. A Natureza formou-lhe o génio; e foi a Na-

tureza, mãe fecunda do que palpita, lateja e brilha, que o compreendeu. A noite da sua morte será eternamente bela. Como êste pálio azul dos céus é transparente e lindo! Como é alvo êste luar elíseo que deixa nas próprias podridões, a reluzir, ósculos de luz! O ar refrigera como um bálsamo, como a carícia duma asa, e rescende ao hálito virginal dos vergeis. E a alma de Jesus vai ascendendo para os intermúndios da suprema beleza!...

Afinal, esta morte era precisa. Era precisa, oh! condenados para quem o mal tem seduções dominadoras! Ela vem dar maior relêvo moral à epopeia que começou há trinta e três anos, num casebre perdido de Nazaret, e que terminou nesta cruz que rompe da incerteza, como um formidável ponto de interrogação. Se o sangue de Cristo não corresse, a verdade da sua obra talvez se apagasse. O sangue fecunda, vitaliza, dá vôo e omnipotência às ideias dominadoras. Há quantos séculos tôda a existência se alimenta da morte! Os trigais, os frutos, as rosas, as relvas, as florestas, sugam cadáveres. Tôda a humana carne se desfaz, se pulverisa, se dispersa em poeira que as sonoras aragens revolvem nas espumas, nas folhagens, nos astros, nas areias, nas algas.

Os choupos esguios, os ciprestes, os pinheiros são corações que dão ais, de noite. Mas não se quebra o sagrado vaso que contém a essência. As formas são transitórias, as linhas corrompem-se, as aspirações efémeras e vulgares envelhecem e tombam ; mas a alma, a ânsia, os relâmpagos do génio, vivem, scintilam, fulguram entre tôdas as escuridões, eternizando-se. A memória de Cristo — a redenção e o espírito — nunca mais esquecerá na humanidade. O seu gesto sem par de revoltado causará a admiração de poetas, santos, videntes e filósofos, pelos tempos fóra. Medita as suas parábolas, imita a sua bondade, homem mau, se queres vencer na terra mesquinha, que é, no entanto, vitória bem trivial. Cá em baixo sufocamos. O chão é estreito para as vaidades e para as vilezas. Levanta os braços, poisa o olhar nos infindáveis horizontes, respira, sobe, ennobrece-te e diviniza-te. Vê o céu como é enorme no seu esplendor e no seu mistério ! . . .»

Eis o que dizia, no seu canto, êsse roussinol profético, sôbre a cruz onde Cristo agonizava . . .

FIM

Miramar, 16 de maio de 1918.

INDICE

—

PAG.

Amor e miséria 7
As bôas madrinhas 27
A praga 33
«Mors-Amor» 47
Nocturno 61
O amor entre os Deuses 73
Maria Madalena 85
Vagabundos 95
Amor, amor!... 105
Elegia romântica 117
Redenção 129
Singularidades da alma feminina 137
A miséria dum destino 151
Vingança de mulher 163
Amor rústico 174

PAG.
O último romântico 185
Amor que morre 199
As ironias do amor 211
História dum ramo de cravos. 223
O roussinol do Calvário 236

Interior da Sé de Evora